

Conhece-se, segundo nos informaram, a efficacia d'este arbusto, porque basta approxima-lo da cobra de capello para ella immediatamente ficar inoffensiva e n'um estado de torpor, e tanto mais recente quanto maior é a efficacia e promptidão com que obra; as pessoas que o possuem (usam até bengalas d'elle e querem certificar, passado um ou dois annos, se está ainda bom, chamam um *garupeiro* (gentios que trazem cobras domesticadas e que andam fazendo habilidades), este toca uma especie de gaita de folles, as cobras saem dos cestos em que são conduzidas, e animadas pela musica principiam a mover-se e girar em roda do *garupeiro*, approximam-lhes então o meniquí e ellas caem immediatamente, sendo preciso afasta-lo logo.

Estes *garupeiros* são muitas vezes chamados para agarrarem as cobras de capello que se introduzem nas casas, ao que se prestam com facilidade, tocam a tal gaita, e a cobra apparece logo no buraco ou fenda em que se acha, elles deitam-lhe a mão junto á cabeça, para evitarem a mordedura, mas se assim mesmo os morde, não se assustam, mastigam tres ou quatro folhas ou um bocado da casca dos contravenenos, engolem a saliva, e o residuo que fica põem sobre a mordedura, bebem um copo de agua e ficam bons em poucos minutos; outras vezes applicam logo sobre a mordedura a pedra preta, chamada pedra de cobra, de que adiante trataremos, em acto continuo tiram á cobra o dente por onde expelle o veneno, não sabemos se tambem lhe cortam o sacco membranoso que o contém, depois guardam-nas para as suas habilidades.

Parece-nos, sendo tão efficaz como se diz o meniquí, e ficar a cobra em torpor na presença d'elle, que não havia necessidade do *garupeiro* se expor á mordedura d'ella, e que nem mesmo ella devia ter força para morder!... Esta circumstancia faz-nos duvidar um pouco da veracidade de taes factos.

Os mordidos pelas cobras, não sendo soccorridos em poucas horas, a morte é sempre certa, e se a quantidade de veneno injectado é grande, poucos são os minutos de vida, porque não ha lugar para a applicação de remedio algum: con-

taram-nos que ha pouco tempo uma rapariga fôra apanhar lenha ao outeiro, pisára uma cobra de capello, e esta se lhe enroscára na perna, a rapariga baixou-se para se livrar d'ella, e n'esta occasião foi mordida na face, caiu logo, ficou em convulsões e morreu poucos minutos depois.

Emprega-se a raiz, o caule, os ramos e as folhas, estas supõem-se mais energicas, e quanto mais recentemente colhidas mais activas são; na sua falta usa-se indistinctamente de qualquer parte do arbusto, o caule é até o mais empregado pela sua facil aquisição e conservação: trataremos agora do processo que seguem na sua preparação.

Folhas.—Applicam-nas internamente, mastigando quatro a seis folhas e engolindo a saliva, bebem depois um copo de agua; externamente applicam-na contudindo-as e poudo-as sobre a mordedura: é conveniente fazer ao mordido os dois tratamentos.

Caule.—Applica-se tambem interna e externamente; para uso externo preparam-no pela fórma seguinte: tomam uma porção de arroz (1 onça) deitam n'uma chicara e lavam, desprezam esta primeira agua e aproveitam a da segunda lavagem a que o submettem, d'esta tiram uma colhêr e deita-na sobre uma pedra de superficie lisa (empregam das pedras pretas que se encontram nos rios) e ali roçam o caule ou lenho até formar-se um liquido algum tanto denso, que applicam com uma penna sobre a mordedura e cobrem-na com fios ou pannos saturados do mesmo liquido; para uso interno preparam-no pelo mesmo processo, com a differença só de deixarem o liquido menos denso, e d'este applicam tres dôses por dia ao doente, sendo cada dôse de uma colhêr de sopa.

Effeitos do remedio.—Nauseante emetico.

Symptomas dos mordidos.—Convulsões, suores abundantes, sobrevem depois um resfriamento geral, pulso filiforme, prostração geral, deliquio e morte.

Estes são os symptomas que apresentam os mordidos pela cobra de capello e por algumas outras; os mordidos pela *cousuró* (cobra preta do mar) apresentam em poucas horas man-

chas pretas no corpo e gangrena rapida; aos mordidos pelas viboras pydehem ou furxem, e com especialidade pela vibora rota-mandoli, transuda-lhes o sangue por toda a parte do corpo, e é raro salvarem-se os mordidos pela cobra alcatifa; se são promptamente soccorridos, salvam-se alguns, porém mais tarde apparecem-lhes ulceras no corpo difficeis de se curarem.

Precauções.—É conveniente applicar aos mordidos, depois mesmo de curados, alguns purgantes ligeiros.

Dieta.—Canja de arroz sem sal, no primeiro e segundo dia.

AMONTEVEL OU BAIZ DAS VINTE E UMA COBRAS

Dizem-nos ser um arbusto; diligenciámos obte-lo para d'elle darmos uma ligeira idéa. Chamam-lhe raiz das vinte e uma cobras, pois tantas dizem ser as especies venenosas que existem na India, e por poder applicar-se a todas. Tambem algumas pessoas lhe chamam raiz das trinta e duas cobras, mas a opinião mais seguida é a de chamar-se das vinte e uma, o que prova o nome que lhe dão no paiz (equivisso-gevanem); foi assim que pessoas competentes nos disseram se devia escrever; a nós porém parece-nos que seria mais apropriado o nome de ek-visso, porque *ek*, quer dizer *um*, e *visso*, *vinte*, lendo-se um vinte, que traduzido fica vinte um. Passa por um dos melhores e mais infalliveis contravenenos; dizem porém algumas pessoas que comquanto seja mais efficaç do que o meniqui na mordedura de diferentes cobras, é menos poderoso que este na mordedura da cobra de capello.

Preparação, applicação, dieta e precauções são as mesmas que as do meniqui.

Effeitos.—Nauseas e vontade de lançar.

CARDO SANTO

O cardo santo é empregado na mordedura da cobra de capello e de outras cobras.

Disse-nos o sr. Araujo que durante o tempo que desempenhou o lugar de cirurgião mór do hospital militar algumas vezes o empregára com vantagem em soldados que recolhe-

ram ao hospital mordidos de cobras; alguns alumnos da escola medico-cirurgica affirmaram-nos terem visto emprega-lo em Salsete nas gallinhas mordidas pela cobra de capello, as quaes estando já em convulsões e quasi mortas, ficaram, com a applicação do succo do cardo deitado pelo bico, boas em poucos minutos.

Preparação e applicação.—Toma-se o cardo (toda a planta), contunde-se e expreme-se, do succo que se obtem dá-se tres dôses por dia ao mordido, cada dôse deve ser de duas colhêres de sopa (1 onça) para os adultos e para as creanças meia dôse, uma colhér; sobre a ferida applicam-se as folhas contundidas e repete-se o tratamento por alguns dias.

Applicam-no pelo mesmo processo as pessoas mordidas por animaes damnados.

PEDRA DO VENENO DA COBRA

Dão-lhe no paiz o nome de *fator-ricassó*, dizem que esta pedra tem a virtude de absorver o veneno quando applicada logo sobre a mordedura, em que com um canivete ou lanceta dão uma pequena incisão, a pedra fica agarrada á ferida até absorver todo o veneno, o que algumas vezes costuma levar duas horas e mais, caindo depois espontaneamente: é depois lavada em leite, que dizem dissolver o veneno e tomar uma côr preta.

Dizem algumas pessoas que para a pedra produzir melhor effeito na mordedura deve applicar-se molhada em leite de mulher.

Estas pedras apresentam a fôrma de um botão de casaca, umas são pretas, outras cinzentas com malhas brancas; nada sabemos da sua procedencia, porque os *garupeiros*, que são os unicos que as costumam vender, não se prestam a dar esclarecimentos, receiando talvez que isso vá affectar o seu exclusivo commercio; crê-se porém serem encontradas nos rios ou no mar pela similhaça que têm com esses pequenos seixos que abundam nos rios e nas bordas do mar: o preço por que as vendem é de 8 a 15 rupias (3\$200 a 6\$000 réis

fortes), mas é preciso muito cuidado, porque costumam trazer pedras falsas misturadas com as boas, e essas vendem-nas muito baratas; disseram-nos que alguns dos *garupeiros* se prestam mesmo a experimenta-las em si diante dos compradores, deixando-se morder por alguma cobra, que não é difficil encontrar aqui, pela superstição que os gentios menos civilizados têm com ellas, considerando-as como um objecto de adoração e deixando-as viver no interior de suas casas; os *garupeiros* porém nunca confiam só na applicação da pedra, mascam sempre o seu bocado de casca ou de lenho de algum dos seus contravenenos e bebem um copo de agua.

A serem verdadeiras as virtudes attribuidas a estas pedras qual será o modo por que se operam? Será por absorpção ou por meio da reacção chimica?

Falla-se tambem que na cabeça da cobra de capello (do macho) se encontra uma pequena pedra que é o melhor antidoto da sua mordedura; ainda não vimos nenhuma, dizem parecem-se com as que se encontram na cabeça do peixe corvina; d'estas já temos algumas que nos enviaram para remetter para o museu nacional de Lisboa.

As pedras do veneno da cobra não abundam, mas encontram-se com mais ou menos difficuldade.

São applicadas tambem nas mordeduras de animaes damnados, e na falta d'ellas applicam qualquer moeda de prata molhada em leite de mulher.

Não confiámos nem acreditámos em muitas d'estas applicações, todavia julgámos conveniente dar noticia d'ellas para que a sciencia utilise as que julgar aproveitaveis, e o publico aproveite, quando lhe faltem todos os recursos, algum d'estes que esteja ao seu alcance.

Conta-se que um official inglez indo de passagem de um ponto da India ingleza para outro, pernoitára no campo de baixo de umas arvores, e sendo mordido por uma cobra, como não possuísse contraveneno algum, nem tivesse povoação proxima a que recorrer, lançou mão de um frasco de cognac e bebeu até se embriagar; com este remedio vomitou e so-

breveiu-lhe um suor abundantissimo; no dia seguinte estava bom e prompto a seguir viagem; passado algum tempo deu-se um outro caso d'estes, com a differença porém que o doente morreu em poucas horas.

A proposito dos nossos vizinhos inglezes; suppomos que poucos progressos têm tambem feito no conhecimento dos contravenenos, pelo que ha tempos lemos n'um jornal; dizia este: «Os remedios contra a mordedura das serpentes multiplicam-se tanto como os que são aconselhados no fim de curar a hydrophobia». Mau signal é este! Entretanto um jornal de Bombaim falla em termos muito positivos da efficacia da ammonia liquida, usada tanto local como internamente em casos de feridas por mordeduras de serpentes, citando exemplos de se haverem levantado immediatamente alguns feridos que estavam n'um estado de torpor em que a influencia do veneno os tinha lançado.

Na India Inglesa ha muitos dos contravenenos que se encontram n'esta nossa pequena parte, porém os medicos inglezes parece depositarem n'elles pouca confiança; disseram-nos que tendo estes offerecido um premio vantajoso a quem descobrisse um contraveneno infallivel nas mordeduras das cobras venenosas, se lhes apresentára um individuo de Goa com os contravenenos aqui empregados; os medicos inglezes receberam-no bem, e promptificaram-se a ensaia-los, porém impozeram-lhe a condição d'elle se responsabilisar pela vida da pessoa em que fosse feito o ensaio, ao que não annuiu, e por isso não se chegou a realisar. Não nos responsabilisámos pela veracidade d'este e de outros factos que apontámos e que nos foram referidos por differentes pessoas a quem recorremos a pedir informações na occasião de colligirmos estes apontamentos.

Precauções que costumam tomar os medicos. — Quando succede ser alguma pessoa mordida pelas cobras e não ter logo algum contraveneno de que lançar mão, a primeira precaução que toma é ligar a parte mordida; por exemplo, se é a mão, liga logo o punho, para evitar que todo o sangue seja

contaminado pelo veneno; a segunda precaução é fazer uma pequena incisão na mordedura, e cauterisa-la com um tição ou ferro em brasa.

PANREL OU MARFIM DO MATO

Não conhecemos nem vimos este contraveneno, dizem-nos ser um arbusto que se emprega e obra como o meniqui e como o amonteval: affirmam algumas pessoas ser este o verdadeiro específico da cobra de capello, e que por isso lhe dão o nome de *panrel*, porque a cobra de capello é também conhecida no paiz pelo nome de *panró* ou *panrel*. Chamam-lhe marfim do mato por ser um pau muito branco e compacto; parece-nos ser o mesmo a que outros chamam meniqui: ha muitas substancias que em cada uma das provincias têm seus nomes differentes, o que embarça e difficulta o conhecimento d'ellas; por exemplo, o meniqui, que em Pangim é conhecido por este nome, em Salsete dão-lhe o nome de menqui, e em Bardez chamam-lhe maniqui; a cobra alcatifa, que n'umas partes é conhecida pelo nome de aguió, n'outras dão-lhe o nome de mandólo, não havendo paridade alguma entre um e outro.

Diligenciámos obter todos estes arbustos, e só depois de os reunir poderemos dizer a differença que ha entre elles.

MIOLOS DE CAMARÃO

Não deixaremos em silencio este excentrico contraveneno; ainda quando seja verdadeiro e possua as propriedades energicas que lhe attribuem, torna-se muitas vezes difficil a sua applicação pela difficuldade de o obter.

Os miolos de camarão consideram-nos como o maior específico da mordedura da cobra *orbello*, os camarões devem ser frescos; na sua preparação não empregam outro processo mais do que, depois de extrahidos, amassa-los entre os dedos e applica-los sobre a mordedura. Comquanto haja aqui (na cidade) abundancia de camarões e estes mais volumosos do que os de Portugal, todavia nem sempre se encontram, e muito menos se encontrarão no interior das provincias. A co-

bra *orbello* dizem ter o comprimento de 3 a 6 palmos, a bôca parecida com a ponta de uma lanceta, e ser de uma côr verde clara, o que a confunde com as folhas das trepadeiras, em que vive e d'onde se larga sobre os individuos que passam por baixo para os ir morder: apparece nos mezes de julho e agosto, no principio das chuvas. Na Africa, especialmente na ilha de S. Thomé, tambem se encontra esta cobra, não nos recordámos porém de que se lhe attribuissem propriedades venenosas. No Brazil dizem-nos que ha abundancia d'ellas. Tambem se applicam os miolos nas mordeduras de outras cobras.

ARQUI, TUMILHO, GUNGI

Estas tres plantas são empregadas tambem como antidotos das mordeduras das cobras: dizem-nos serem menos energicas que o amontével ou raiz das vinte e uma cobras, e do que o meniqui.

Contundem-se, e do succo obtido dão, durante tres dias, um colhér de sopa, tres vezes ao dia: a parte contundida, depois de obtido o succo, é posta sobre a mordedura.

SUCCO DA CASCA DA PURGUEIRA (HERONDD), CAROÇOS DE CAJÚ COM CASCA E QUINDÓLO

D'estes contravenenos temos as noticias que nos deu o jornal o *Ultramar*, n.º 219 de 11 de junho, e n.º 220 de 18 de junho do corrente anno; ei-las:

Contra as mordeduras de viboras. — O sr. Piedade Monteiro de Loutolim, que possui excellentes antidotos contra as mordeduras de cobras, auctorisou-nos a declarar, em beneficio da humanidade, que o remedio mais efficaz para a mordedura da cobra de capello é o sumo da casca de purgueira (*herondd*) pisada em gral de marmore junta com caroços de cajú com casca. Alem de se administrar este remedio interiormente, cumpre que nas proximidades da ferida se faça uma ligeira incisão e se ligue n'ella o anus de um frango vivo e se renove esta operação com novos frangos á proporção que vão morrendo os anteriores, absorvendo a peçonha da cobra.

Quando haja certêza de que a mordedura é de cobra de

capello, a porção de caroços de cajú deve ser maior; e quando não haja esta certeza cumpre que a dóse seja menor. Para as mordeduras de outras viboras e mesmo para a da cobra de capello é muito util o sumo da raiz do cardo santo. Tambem aproveita o sumo da raiz denominada *menqui*. Depois d'estes preparativos que servem para o mal não fazer rapido progresso, pôde-se recorrer ao sr. Monteiro, que deixa os enfermos inteiramente sãos com outros segredos que possui.

Em referencia á informação que demos na semana passada sobre os antidotos para o veneno das cobras, o sr. Piedade Monteiro deseja que acrescentemos o seguinte. Para a mordedura da cobra de capello pôde dar-se a bebida indicada, sem escrupulo da dóse, até que o enfermo apresente signaes evidentes de melhorar; mas quanto ás outras viboras, como ellas são de varias qualidades e o excesso da dóse pôde prejudicar em vez de fazer bem, previne em geral, não se deve empregar mais do que uma castanha de cajú e casca de *herondl* do peso de 3 a 4 onças, e se deve dar nos casos em que o enfermo deitar sangue pela boca ou nariz, ou achar-se em deliquio. Quando porém não ha a certeza de ser a mordedura da cobra de capello, e o doente não apresenta symptomas graves, então não se deve dar aquella bebida, mas tão sómente o sumo da raiz de *menqui* ou das folhas de *quindólo*, arvore que se encontra abundantemente nas Novas Conquistas. Diznos tambem outra pessoa que a raiz de *arqui* é um grande preservativo, e que sendo ella muito amarga, o mordido de vibora não sente nenhum amargor quando a mastiga ou bebe o seu sumo.

Descobrimo o sr. Piedade Monteiro estes segredos, que diz possuir, e vulgarizando o conhecimento d'elles prestaria um grande serviço á humanidade e á sciencia, e o seu nome seria abençoado por aquelles que mordidos de cobras distantes de s. s.^a, e por isso impossibilitados de recorrerem ou aproveitar-se dos seus soccorros, fossem salvos pelos remedios descobertos pelo sr. Piedade Monteiro; a sua gloria seria, n'este caso, maior do que a de confessar no *Ultramar* que

possue esses segredos, mas que os monopolisa e não nos diz quaes sejam.

Vamos offerecer-lhe este numero do nosso jornal e pedir-lhe que dedique alguns minutos á leitura da correspondencia do seu patricio o sr. J. Marianno de Abreu, que adiante vae publicada: oxalá que os seus collegas o imitem.

Pedimos tambem ás pessoas que se interessarem e desejarem tornar conhecidos os contravenenos da India nos mandem aquelles que conhecerem já e as noticias que d'elles tiverem, porque como ha alguns arbustos considerados como contravenenos, mas que em cada provincia têm um nome differente, só tendo-os a todos presentes se poderão avaliar, conhecer as differenças que existem entre elles e os nomes por que são conhecidos em cada provincia.

Como se descobriam os contravenenos na India. — Não sabemos se é o *meniqui* se o *amontevel* que nos disseram haver sido descoberto por um gentio, que sendo atacado por uma cobra de capello, para se livrar d'ella colhêra um pedaço d'este arbusto e a cobra se enroscára e ficára inoffensiva apenas lh'o approximára.

Algumas das plantas empregadas como contravenenos dizem ter sido descobertas por uns mouros que presenciaram uma luta entre uma cobra e um *manguço* (bicho parecido com o furão), que se domestica facilmente nas casas, onde dá caça ás cobras, por mais venenosas que sejam: é muito ligeiro e ataca sempre de lado a cobra, e quando é mordido por ella e principia a sentir os symptoms do veneno, foge e vae comer e esfregar-se n'essas plantas conhecidas hoje como contravenenos.

Nas Novas Conquistas dizem haver gentios que usam um pedaço de casca d'estes contravenenos na cabeça, onde a introduzem dando um golpe e fazendo cicatriza-lo com a casca dentro; não sabemos como ali possa conservar-se e a ferida feche sem que haja suppuração: não vimos nenhum d'estes individuos, que dizem julgar-se assim invulneraveis da mordedura de qualquer cobra.

A. GOMES ROBERTO.

(Jorn. de pharm. e scienc. med. da India port.)

VARIEDADES

Concurso na escola de medicina de Lisboa. — Foram con-
correntes aos logares de demonstradores de cirurgia e medi-
cina os srs. Manuel Bento de Sousa e Eduardo Augusto da
Motta. As provas publicas dadas por estes distinctos clinicos
foram taes que, demonstrando os seus talentos e illustração,
colheram uma votação unanime, achando-se definitivamente
nomeados pelo governo para os cargos a que se propozeram.

Revista medica portugueza. — Com este titulo acaba de
sair á luz um novo e importante jornal de medicina, de que
são redactores effectivos os srs. José Gregorio Teixeira Mar-
ques e Manuel Bento de Sousa, professores da escola de me-
dicina de Lisboa e cirurgiões do hospital de S. José, e João
Ferraz de Macedo e José Maria Alves Branco, tambem cirur-
giões do mesmo hospital.

Causa sempre a mais agradavel impressão quando vemos
alistar-se na imprensa scientifica um jornal, que, como este,
tem o dom de illustrado e judicioso. Desejámos-lhe uma atu-
rada existencia, seguida da mais completa prosperidade, o que
não será difficil de alcançar pela auctoridade que merecem seus
dignos redactores, já bem conhecidos no mundo medico.

A pharmacia representada no parlamento. — Em Hespanha
sairam eleitos deputados os doutores em pharmacia D. Quintin
Chiarlone, D. Manuel Pardo Bartolini e D. Jaime Codina.

Na Prussia tambem as camaras legislativas contam em seu
seio mais dois pharmaceuticos deputados.

Com tão bons elementos não será para admirar que a classe
pharmaceutica d'estes paizes cresça em consideração, dando
assim um bello exemplo á da nossa infeliz terra, que jaz a to-
dos os respeitos na mais profunda desconsideração!!!

**Novo processo para reconhecer a glucose na urina, pelos
srs. Trousseau e Dumontpellier.** — Consiste na acção desco-
rante da tintura de iodo pela glucose, e a cujo resultado che-
garam, analysando e tratando varias urinas ordinarias pela
tintura de iodo. A acção descorante das urinas assucaradas,

dizem, é tanto mais notavel, quanto maior é a sua densidade, e parece que tal propriedade é exclusiva sua. De todos os modos é um reactivo mui sensível, e talvez possa por meio d'elle determinar-se a qualidade da glucose.

Hypo-phosphito de quinina.—Tem-se recommendado n'estes ultimos tempos este sal no tratamento da tísica e das escrofulas.

Para o obtermos puro opera-se da fôrma seguinte:

Dissolvem-se 5 partes de hypo-phosphito de cal em 100 partes de agua distillada; junta-se a esta dissolução outra preparada com 25 partes de sulphato de quinina e 300 partes de alcool.

Depois de um dia de repouso filtra-se esta mistura, põe-se em seguida a banho-maria, para a reduzir a metade do seu volume; assim concentrado o liquido faz-se crystallisar, secca-se e conserva-se para os usos.

J. J. ALVES.

ANNUNCIO

Pilulas de proto-iodureto de ferro inalteravel, preparadas segundo o processo de Blancard, pelo pharmaceutico Manuel Vicente de Jesus.—Estas pilulas analysadas pela sociedade pharmaceutica lusitana, e ensaiadas nos hospitaes de Lisboa e na clinica particular, são identicas ás francezas pela sua composição e propriedades medicinaes, tendo sobre ellas a recommendavel vantagem de serem menos consistentes.

Depositos parciaes.—Lisboa, pharmacia dos srs. A. F. A. de Azevedo & Filhos, Rocio, n.º 88. Na do sr. A. A. R. de Oliveira, rua dos Retrozeiros, n.º 40, Barral, rua Aurea, n.º 126, e na drogaria do sr. Serzedello & C.^ª, largo do Corpo Santo.

Porto, pharmacia do hospital real de Santo Antonio, campo dos Martyres da Patria.

Abrantes, pharmacia do sr. M. V. de Jesus Senior.

Lagos, pharmacia do sr. Manuel Gascon.

Rio de Janeiro, pharmacia do sr. Antonio Fernando da Costa, rua da Prainha, n.º 10.

Deposito geral—Pharmacia de M. V. de Jesus, largo do Rato, n.ºs 46 e 47.

PHARMACIA

PREVENTIVOS DAS MORDEDURAS DAS COBRAS VENENOSAS DA INDIA

ALCOOLEO DE MENIQUI

Meniqui contuso	3 onças
Alcool a 22° Cart.....	12 »

Macere por oito dias, cõe com expressão e filtre.

AMMONIACOOLEO DE MENIQUI

Alcooleo de meniqui	4 onças
Ammoniaco liquido	1/2 »
Misture.	

EXTRACTO ALCOOLICO DE MENIQUI

Meniqui.....	q. b.
Alcool a 21° Cart.....	»

Contunda-se o meniqui e corte-se miudamente: macere-se em quanto baste de alcool para o dispor para a lixiviação, e passadas vinte e quatro horas deite-se no respectivo apparelho, batendo moderadamente para não ficar muito calcado, e lixivie-se depois até que o alcool saia quasi inerte; deslocando a ultima porção pela agua distillada. Distille a banho-maria o producto obtido para se aproveitar o alcool e evapore o residuo até á consistencia de extracto.

Quando se quizer preparar uma pequena quantidade que não se preste á lixiviação, processo que deve sempre preferir-se, pôde empregar-se o seguinte processo:

Meniqui contuso	2 onças
Alcool a 22° Cart.....	12 »

Macere por oito a quinze dias, cõe com expressão e distille a tintura para obter o alcool, e evapore até á consistencia propria.

Este alcool obtido da distillação pôde servir para preparar o alcooleo.

Seria muito util que os nossos collegas das provincias fizessem algumas d'estas preparações para os medicos as poderem ensaiar (primeiro em animaes) visto darem-se ahi mais casos

de mordeduras de cobras, já em animaes, já mesmo em diferentes pessoas: pôde preparar-se tambem por esta fôrma o *amontevél*. Aconselhâmos estes processos por nos parecerem preferiveis e mais applicaveis a uma substancia que ainda não está analysada: se tivessesmos conhecimento dos seus principios immediatos, facil nos seria escolher o vehiculo para os dissolver e calcular, porque agentes chegaríamos a obter separadamente áquelles cujas virtudes procurassemos, e separar pelo contrario aquelles cuja rejeição fosse de interesse.

Julgâmos preferivel o extracto alcoolico ao aquoso por apresentar aquelle a vantagem de ser feita a maior parte da evaporação em vasos fechados e a calor mais brando, e por conseguinte haver menos facilidade de se alterarem os principios activos do *meniqui*.

Empregâmos o alcool aquoso (ou de 21º Cart.) por não conhecermos os principios d'esta substancia é ser este applicavel ás materias que contêm principios soluveis na agua e no alcool, e que devem todas fazer parte do extracto.

Desejavamos poder fazer a analyse d'esta e de outras substancias da India com emprego em medicina, mas ainda desconhecidas pela sciencia; isso porém cremos só o poderem fazer pessoas que a uma longa pratica de analyses reunam muitos estudos que nós não temos. Com isto respondemos a essas injustas censuras que nos têm sido feitas, e por pessoas scientificas!!! De não enchermos as columnas do nosso jornal com analyses dos productos vegetaes da India: se lá na Europa, lá onde ha especialistas e tantos homens competentes para esses trabalhos, se queixam de não terem sido submettidas a uma conveniente indagação chimica muitas substancias que entram na preparação dos medicamentos empregados em medicina, porque então teria a pharmacia chegado ao seu auge de perfeição, como é pois que de nós exigem trabalhos tão sublimes?! Empregavam melhor o tempo que gastam em censuras fazendo essas analyses para que nos confessâmos não nos acharmos habilitados.

A. GOMES ROBERTO.

MENIQUI (LIGEIRA IDÉA D'ELLE)

Temos tres pequenos arbustos que de Pondá nos mandou o sr. major Queiroz; plantámos um d'estes no quintal da pharmacia do hospital militar, por trazer raizes e vir em bom estado; conserva-se ainda fresco, e está á disposição das pessoas que d'elle quizerem ter conhecimento.

É um arbusto de 8 pés de altura (o maior dos tres) e $\frac{1}{2}$ a 1 pollegada de diametro (pertence ao grupo das *Dicotyledoneas*).

Raiz—É lenhosa, perpendicular, com appendices fibrosos.

Caulé—Lenhoso, ramificado, compacto e muito branco, tanto interna como externamente.

Estes dois caracteres levam-nos a crer que seja este arbusto o mesmo a que n'outras provincias dão o nome de marfim do mato ou panrel.

A casca é fina, verde exteriormente e muito branca interiormente (epiderme verde e o liber branco).

Folhas—Pecioladas, com nervuras, venadas, peciolo simples e articulado, primordiaes, oblongas e agudas, alternas e erectas.

Fructo—É uma baga (pertencerá á familia das *Laurineas*?); os arbustos que recebemos não traziam flor nem fructo, dias depois é que o sr. major Queiroz nos mandou um vidro com algum fructo e flores; o fructo consiste n'uma pequena baga, que principia agora a desenvolver-se, mastigada apresenta um gosto herbaceo; as flores vinham muito comprimidas, mal desenvolvidas e em estado de não se poder apreciar a corolla nem o numero de estames.

AMONTEVEL

Com o nome de pau de cobra nos mandaram alguns pedaços do tronco e ramos de um arbusto, que pela noticia que nos deram do *amonteval* parece-nos ser este mesmo.

Diferença-se do *meniqui*: 1.º, em ser um pau brando escuro e interiormente muito poroso; 2.º, ter a casca da mesma grossura, mas interiormente muito escura (o liber); descas-

cado este pau apresenta uma especie de tecido fibroso (as camadas externas do alburno) que se torna quasi preto em poucos dias.

São estas as noticias que por ora podemos dar.

Procuraremos esclarecer muitos pontos que aqui ficam duvidosos se as pessoas competentes do paiz nos auxiliarem.

Estas noticias que acabámos de dar das cobras venenosas da India e dos seus contravenenos, para uma pessoa que possuisse o numero de conhecimentos precisos para trabalhos d'esta ordem, e tempo de que dispozesse como lhe aprouvesse, facil lhe seria reuni-las e apresenta-las ao publico com a perfeição que falta a estas; a nós porém que nos falta tudo deram-nos muito trabalho e roubaram muito tempo, mais talvez do que podiamos dispor, todavia daremos tudo por bem empregado se as pessoas competentes aproveitarem d'ellas o que julgarem util e as aperfeicoarem em vez de nos dirigirem intempestivas censuras.

A. GOMES ROBERTO.

(Jorn. de pharm. e scienc. med. da India port.)

BREVETIA

NOTA SOBRE O FERRO REDUZIDO, BEM COMO SOBRE UM OXYDO DE FERRO SIMILHANTE A CERTOS FERROS REDUZIDOS DO COMMERCIO

POR M. L. DUZART

O fim a que me propuz estudar as diversas particularidades da preparação do ferro reduzido que alteram a sua pureza foi justamente para chamar a attenção sobre um outro novo composto de ferro que tem sido até ao presente quasi sempre confundido com elle.

Este producto, que procurei obter chimicamente puro em vista de uma reacção industrial e especial, é ainda do dominio exclusivo das preparações pharmaceuticas. Soubeiran e Dublanc, Thibierg e outros descrevem minuciosamente alguns processos praticos, sem duvida muito uteis ao pharmaceutico, mas cujas descripções são incompletas, porque nenhum d'elles se previniu, uma vez o producto obtido, de saber o que elle é.

Pondo em pratica estes processos e os resultados imper-

feitos que tenho obtido fui obrigado a comparar meus productos com os do commercio, receiando que a falta de observancia de alguma indicação fosse a causa primaria de meus insuccessos.

Empreendi como exame comparativo a analyse de amostras de diversas fontes.

Eis-aqui o resultado dos productos analysados:

	Por cento
1	55
2	70
3	77,9
4	86,5
5	86,4
6	86,4
7	86,5

Um dos ferros mais reputados é sem duvida o ferro de Quevenne, que examinado de uma maneira especial forneceu igualmente 86,5 por cento de ferro, manifestando-se uma pequena parte debaixo da forma de sulphureto e de oxydo, e outra parte de acido phosphorico e de carbonato de soda.

Sem entrar em detalhes no modo operatorio, seguindo a analyse d'estes productos, contentar-me-hei em dizer que a dosagem do ferro tem sido effectuada pelo permanganato de potassa, verificado por muitas amostras pelo peso directo do peroxydo de ferro, depois de eliminado o acido phosphorico.

Dissolvi depois em acido nitrico um peso conhecido do producto: 3,50 ou 1 gramma. O nitrato obtido foi calcinado ao rubro em um cadinho de platina até que a final não perdeu mais de seu peso.

O excedente do peso indica a relação do ferro achado pelo permanganato, a quantidade do oxygenio fixado pelo acido nitrico, a quantidade do mesmo corpo existente no producto, e emfim a das materias estranhas ao ferro, acidos phosphoricos, sulphurico e soda.

Em todas as amostras onde se achou o phosphoro apparece sempre debaixo da forma de acido phosphorico e sómente em

tuma debaixo da fórma de phosphoreto. Não tenho procurado o arsenico, que deve ali existir no mesmo grau que o phosphoro, porque se tem verificado a sua presença na maior parte dos ferros do commercio. Finalmente todos contêm enxofre e oxygenio.

Um facto que sobretudo me tem surprehendido é sem duvida a pequena quantidade de ferro contido em todas as amostras submettidas ao exame. Mas antes de voltar a este ponto reservado em todas as circumstancias que permite, vou indagar as causas que concorrem para que o ferro reduzido das pharmacias se torne um medicamento sobre cuja pureza e identidade é tão difficil contar.

Estas causas são diversas; elles têm o oxydo empregado nos reactivos, e por isso a falta de indicações permite aproveitar o momento em que a operação é terminada.

IMPUREZAS PROVENIENTES DO OXYDO DE FERRO

Os productos estranhos que podem ou são susceptiveis de encontrar-se unidos ao oxydo empregado na preparação do ferro reduzido são: acido phosphorico, sub-sulphato de peroxydo de ferro e soda.

Para obter um producto puro, eis-aqui a marcha que segui:

Escolhi de preferencia o ferro macio e o acido chlorhydrico; o sulphato de peroxydo de ferro póde na precipitação pelos alcalis dar logar a um sub-sulphato que o oxydo de ferro atrahê.

O acido chlorhydrico deve ser isento de acido nitrico para evitar a oxydación do phosphureto de ferro; o acido phosphorico produzido precipita-se igualmente com o peroxydo. É de notar que muito convem peroxydar-se o chlorureto de ferro, mas depois da crystallisação.

A soda que se encontra em quasi todos os productos do commercio provém da combinação que contrahe o peroxydo de ferro com estes corpos; estas verdadeiras combinações não podem, segundo Berselius, eliminar-se pelas simples lavagens da agua; e então é indispensavel servir-se do ammoniaco caus-

tico ou carbonatado. O oxydo precipitado deve ser lavado em muitas aguas, isto é, em repetidas aguas, até que a final uma gota evaporada sobre uma lamina de platina não deixe o menor vestigio de opacidade ou nuvem.

Prefiro a lavagem por decantação e a filtração por coadores de linho. Finalmente tenho notado que certas aguas carregadas de bicarbonato de cal largam na massa o carbonato neutro.

Emfim deve tirar-se antecipadamente da massa total do oxydo assim preparado uma amostra de algumas grammas para d'esta fórma se analysar antes de o submeter á acção do hydrogenio.

IMPUREAS PROVENIENTES DO HYDROGENIO

O zinco e o ferro são as duas fontes ordinarias do hydrogenio, mas o ferro sobretudo. Na preparação d'este gaz o hydrogenio atrahê com elle, sob a fórma de compostos volateis, o arsenico, o phosphoro, o enxofre e o silicium (o hydrogenio siliciado tem sido observado recentemente por Woehler).

A proporção do enxofre no ferro reduzido é muitas vezes consideravel. Mr. de Luca, em um artigo inserto no jornal de pharmacia, suppõe que o enxofre de caoutchouc é sem duvida a causa. Não obstante é bom ter conta d'aquelle que o ferro contém naturalmente, e sobretudo do produzido por uma reacção secundaria na preparação do hydrogenio conhecido por mrs. M. Fordos e Gélis; a saber: a formação do acido sulphurico e a redução pelo hydrogenio nascente em certas condições de temperatura e de concentração, que se realisam facilmente em uma operação em grande.

É exacto que na maior parte dos casos tem havido até ao presente um completo descuido no abrigo das impurezas, as quaes eu faço desaparecer lavando o gaz em uma serie de frascos, contendo os reactivos seguintes: agua regia, solução concentrada de potassa caustica, fragmentos de potassa ou cal caustica.

Um dos pontos essenciaes é não se servir do alcali carbonatado, porque tenho provado que o acido carbonico desloca

o oxydo de ferro reduzido e dá origem ao oxydo de cobre e oxydo de ferro magnetico.

Após d'estes reactivos deve-se collocar para prova uma solução de nitrato de prata.

Alem d'esta porção o hydrogenio deve ser desecado perfeitamente em frascos que contenham acido sulphurico a 66°, que não deve haver duvida em multiplicar, sendo necessario.

Assim preparado o gaz resfria sobre um banho de mercurio e arde com uma chamma azul pouco visivel.

Eu disse no principio que tinha sido surprehendido pela pequena quantidade de ferro contido nas amostras submetidas ao exame, e que em analyse constitue uma perda que não pôde evidentemente ser de todo attribuida aos corpos estranhos dos reactivos, e então julgo que esta perda é devida, pela maior parte, ao oxygenio, e tanto que tenho querido conhecer em que estado este corpo existe no ferro reduzido, porém tenho achado que em quasi todas as amostras analysadas existem 12 a 13 por cento de oxygenio.

A constancia d'estas relações me têm feito pensar a existencia de uma combinação definida.

Finalmente um corpo da formula $Fe^2 O$ contém 87,5 de ferro por 12,5 de oxygenio. Alem d'isto algumas experiencias directas me têm permittido realizar a producção d'este oxydo intermediario $Fe^2 O$.

Os compostos do oxygenio e de ferro inferiores ao protoxydo são ainda pouco conhecidos. O unico que tem sido obtido por Marchal é o oxydo quadri-ferroso $Fe^4 O$, fundindo-se o ferro á chamma de uma mistura detonante de hydrogenio e de oxygenio.

A existencia d'estes corpos considerados por Breselius, e comprovaveis, e os de combinação intermediaria $Fe^2 O$, que corresponde ao sulphureto bi-ferroso $Fe^2 S$, que Arfvedson obteve pela calcinação do sulphato ferroso em presença do hydrogenio e do sub-oxydo de chumbo de mrs. Pelouse e Boussingault, resultante da destruição do oxalato de chumbo em vasos tapados.

É portanto este oxydo intermediario $Fe^2 O$ que vae ser a base da questão.

Tenho pois preparado, submittendo á acção do hydrogenio saturado do vapor da agua o sulphureto bi-ferroso de Arfvedson, aquecido ao rubro vivo.

Durante o decurso da operação desenvolve-se uma mistura de hydrogenio e de acido sulphydrico. Logoque o papel de chumbo não ennegrece mais pelo contacto do gaz, deixa-se esfriar o producto em hydrogenio.

Assim obtido é isento de enxofre e compõe-se em centesimos:

	Achado		Calculado
Ferro	87	Ferro	87,5
Oxygenio	13	Oxygenio	12,5

N'este estado de pureza o oxydo bi-ferroso é de côr parda ardosia, é susceptível de tomar o aspecto metallico pela fricção ou attrito com um corpo duro, cujas propriedades são communs ao sub-sulphureto e ao ferro reduzido. Atacado pelos acidos fornece um pouco menos de metade do hydrogenio dado por um mesmo peso de ferro puro, cuja dissolução é sempre acompanhada até ao fim de um desenvolvimento continuo de gaz.

Posto em digestão com uma solução alcoolica de iodo promptamente se desdobra em oxydo de ferro negro, que fica em dissolução e em ferro, que se combina ao iodo.

É de notar que este oxydo negro é sem duvida o protoxydo de ferro anhydro, porque elle se dissolve depois nos acidos sem preceder desenvolvimento de hydrogenio, e sua solução apresenta todos os caracteres de um sal. Este facto tem sido provado por analyse directa.

Esta experiencia nos conduz á composição do oxydo bi-ferroso. A quantidade do ferro metallico determinado pelo volume do hydrogenio obtido pelos acidos sobre um peso conhecido de oxydo bi-ferroso e o peso directo do oxydo negro como residuo atacado pelo iodo demonstram que os dois corpos estão unidos na razão de um equivalente de ferro com um

outro equivalente de protoxydo de ferro, de que resulta a composição seguinte:

Protoxydo de ferro	56,25
Ferro.....	43,75

A preparação do oxydo bi-ferroso pelo sub-sulphureto e o hydrogenio é muito dilatada, e ao mesmo tempo dá pouco producto. Obtem-se mais facilmente, mas em um estado de pureza inferior pela acção do hydrogenio sobre o peroxydo de ferro. Eis-aqui o que se observa n'esta reacção: no principio ha um desenvolvimento consideravel de vapor, que termina no fim de algum tempo, tornando-se invisivel, não obstante condensa-se ainda abundantemente sobre um corpo frio.

Se então se examina a substancia do tubo, acha-se um corpo perfeitamente negro, cuja solução pelo contacto dos acidos precipita pelos alcalis o oxydo negro magnetico.

Continuando-se a operação e ensaiando-se o producto de tempos em tempos, vê-se desaparecer successivamente o peroxydo, e em seguida uma parte do protoxydo, e a final observa-se a presença do ferro reduzido.

Ha occasiões em que a presença do vapor da agua com o gaz não é mais accusado pelo contacto de um corpo frio. O producto então analysado contém 12 a 13 por cento de oxygenio.

Esta ultima parte do oxygenio é difficilmente separada, e tanto que parece apresentar á acção do hydrogenio uma maior resistencia.

É o oxydo bi-ferroso que offerece a composição e todos os caracteres dos corpos preparados pelo sulphureto $Fe^2 S$.

Á vista pois d'estes novos factos concebe-se o quanto é util secar o hydrogenio empregado na preparação do ferro reduzido. Finalmente quando se reduz o peroxydo de ferro pelo hydrogenio, é sempre no momento em que o desenvolvimento do vapor da agua se retarda.

Ordinariamente é n'esta epocha que se conhece a acção do hydrogenio, se bem que a operação não é terminada.

Finalmente tenho mostrado que o producto não é o ferro reduzido, mas sim o oxydo bi-ferroso quasi puro.

Para não apartar prematuramente a operação deve notar-se que o aparelho deve ser disposto a receber na sua extremidade um tubo em *U*, com pedra pomes impregnada de acido sulphurico, pesado primeiramente. A acção do hydrogenio é terminada quando o tubo collocado na balança por differentes vezes não augmente mais de peso.

Se tenho insistido a favor da deseccação do hydrogenio é justamente porque este gaz saturado de vapor da agua não preserva o ferro reduzido da oxydação. Portanto pôde-se de um ferro reduzido chimicamente, puro, oxydar de novo e fixar ali 10 a 12 por cento de oxygenio. A acção da agua em presença do hydrogenio parece reprimir-se; ao menos continuando muitas horas pela acção de hydrogenio, e por isso não tenho podido exceder aquella cifra. N'este estado ainda se considera o oxydo bi-ferroso.

Postoque a idéa de olhar este producto como uma mistura pôde occorrer naturalmente ao espirito, não duvido dar como um oxydo definido em meu apoio:

1.º Sobre as condições particulares de sua producção no meio de um corpo o sulphureto de ferro;

2.º Sobre a constancia das relações entre os elementos que o compõem;

3.º Sobre a acção que exercem sobre elle os acidos diluidos que procedem inteiramente como que fosse com um outro corpo homogeneo;

4.º Emfim sobre a resistencia da oxydação que apresenta o ferro reduzido quando se procura fixar mais de 12 por cento do oxygenio pela acção do vapor da agua em presença do hydrogenio.

Finalmente creio ter demonstrado n'esta nota que os processos publicados até hoje não dão indicações sufficientes para obter um producto puro, e que por consequencia a pratica não tem ainda supprido a ponto de ser possivel encontrar-se no commercio um medicamento sobre a pureza do qual se possa contar.

É exacto que os corpos estranhos ao ferro reduzido puro não provêem todos da preparação. Sabe-se com effeito que este producto mal conservado se transforma rapidamente em sesquioxydo.

Mr. de Luca, para evitar esta causa de alteração, propõe conservar o producto em frasquinhos cheios de hydrogenio, tapados e fechados á alampada. Esta precaução comquanto pareça singular para um medicamento a que não fal tam succedaneos, nada tem a exagerar.

O ferro reduzido é de tal maneira avido de oxygenio, que se inflamma em presença de um corpo em ignição, e tanto assim que eu tenho mostrado que a uma temperatura pouco elevada elle decompõe o acido carbonico em oxydo de carbonio, passando ao estado de oxydo magnetico.

Tem-se proposto debaixo do nome de ferro reduzido o producto da calcinação dos acetatos e oxalatos de ferro. O residuo d'esta operação feita a baixa temperatura é com effeito pyrophorico e perde esta propriedade a uma temperatura mais elevada; assim mesmo não se desprende o hydrogenio pelo contacto dos acidos. É esta uma mistura de protoxydo e de peroxydo de ferro dividido, tornando-se leve pelo carvão.

Um producto como o ferro reduzido pelo hydrogenio, tão susceptivel de alteração, sem fallar das numerosas falsificações de que pôde ser objecto, deveria em compensação apresentar alguns caracteres simples e bem notaveis que permitissem reconhecer essa pureza; mas não os ha.

Tem-se empregado, com justa rasão, como reactivo o sulphocyanureto de potassio; porém este reactivo, em rigor, sómente indica a presença do peroxydo e não a do protoxydo.

O aspecto pardo de côr ardosia é insufficiente, porque todas as amostras analysadas a possuem: a densidade comprehendida por Quevenne, entre 700 a 800 grammas por litro, pôde dar poucos indicios, e alem d'isso tem o inconveniente de ser uma operação delicada sobre minimas quantidades.

O unico caracter chimico dado por Quevenne é o seguinte: 1 gramma de ferro reduzido bem preparado (diz o auctor) deve dissolver-se em 15 ou 20 grammas de acido sulphurico ou $\frac{1}{10}$, e n'este estado devem desinvolver-se durante a dissolução finas bolhas de hydrogenio.

É isto o que acontece com os n.^{os} 4, 5, 6 e 7, em cujo estado tenho provado que elles contêm 56 por cento de oxydo.

É claro que Quevenne teria duvida em introduzir na therapeutica um producto tão alteravel e de composição tão variavel, se elle se tivesse um pouco preocupado das propriedades chemicas dos corpos que emprega.

Em vão tenho procurado um processo rapido, isto é, comodo para o pharmaceutico, mas que lhe permita reconhecer a pureza do ferro que se desprende, e sobretudo dosar muitas vezes para se assegurar que elle não tem soffrido na sua officina alguma alteração. É pois necessario recorrer á balança ou ao processo de dosagem de mr. Margueritte, pelo permanganato de potassa. Finalmente a acção do acido nitrico e a calcinação ao rubro do nitrato de ferro em um cadinho de platina podem dar uma indicação approximada. Não tenho procurado o valor relativo dos differentes ferruginosos; porém mr. Boudet, em um estudo consciencioso e habilmente concebido, tem estabelecido de uma maneira competente a opinião dos medicos; entretanto não chega necessariamente a esta conclusão segundo o exame do producto que nos occupa, porque se effectivamente se têm provado as felizes curas com a applicação d'este medicamento, é mais provavel o referir-se á excellencia do ferro como agente therapeutico, do que a fórma mesmo do medicamento.

Quando de uma outra parte se vê o ferro reduzido fixar não sómente as impurezas dos corpos empregados em sua preparação, mas ainda as dos reactivos e dos productos de sua composição, póde n'este caso seguir-se a opinião de mr. Deschamps, que chegando ao mesmo resultado por uma outra via, aconselha voltar ao ferro porphyrisado.

DIREITO PHARMACEUTICO PORTUGUEZ

CHRONOLOGIA DE TODAS AS LEIS, ALVARÁS,
DECRETOS, PORTARIAS, EDITAES, ETC., RELATIVOS AOS PHARMACEUTICOS
DESDE A FUNDAÇÃO DA MONARCHIA PORTUGUEZA

(Continuação do tomo 4.º da 4.ª serie, pag. 118)

N.º 269

DECRETO DE 18 MARÇO DE 1863, NOMEANDO A COMMISSÃO ENCARREGADA
DÁ REFORMA DO REGIMENTO DOS PREÇOS DOS MEDICAMENTOS
DECRETADO EM 21 DE SETEMBRO DE 1859

Sendo necessario proceder-se sem demora á reforma do regimento dos preços dos medicamentos, decretado em 21 setembro de 1859, não só para harmonisar as taxas do regimento com o preço que nos mercados têm as drogas e medicamentos, mas para serem substituidas as quantidades designadas pelos antigos pesos por outras reguladas pelo novo systema metrico-decimal, estabelecido no decreto com força de lei de 13 de dezembro de 1852, e não podendo um trabalho de similhante natureza, que demanda alem de conhecimentos mui variados de pharmacia e de materia medica, mui aturado trabalho e estudo, ser feito com a perfeição que é para desejar pelo unico vogal pharmaceutico do conselho de saude publica do reino, ao qual até agora tem sido commettido; conformando-me com as consultas do mesmo conselho: hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º A reforma do regimento dos preços dos medicamentos é encarregada a uma commissão, da qual serão membros José Dionysio Correia, vogal pharmaceutico do conselho de saude publica; Antonio Joaquim Labate, primeiro pharmaceutico do deposito geral dos medicamentos do exercito; Joaquim José Alves, primeiro pharmaceutico do hospital da marinha; e José Joaquim Alves de Azevedo, pharmaceutico de Lisboa.

Art. 2.º A commissão, que de entre os seus vogaes elegerá presidente e secretario, regulará os seus trabalhos por instrucções especiaes, que lhe serão dadas pelo conselho de saude publica.

Art. 3.º O regimento dos preços organizado pela commissão será submittido ao exame e revisão do conselho de saúde, que pelo ministerio competente consultará a sua approvação.

O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço da Ajuda, em 18 de março de 1863. — REI. — *Anselmo José Braamcamp.*

N.º 270

DECRETO DE 6 DE MAIO DE 1863, CONCEDENDO AO PHARMACEUTICO JOSÉ JOAQUIM ALVES DE AZEVEDO A EXONERAÇÃO QUE PEDIU DE VOGAL DA COMMISSÃO PARA ORGANISAR O NOVO REGIMENTO DOS PREÇOS DOS MEDICAMENTOS

Attendendo ao que me representou o pharmaceutico José Joaquim Alves de Azevedo: hei por bem conceder-lhe a exoneração que pediu de vogal da commissão creada por decreto de 18 de março ultimo, para organizar o novo regimento dos preços dos medicamentos.

O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço de Cintra, em 6 de maio de 1863. — REI. — *Anselmo José Braamcamp.*

N.º 271

DECRETO DE 6 DE MAIO DE 1863. NOMEANDO O PHARMACEUTICO EUGENIO RODRIGUES DE OLIVEIRA PARA VOGAL DA COMMISSÃO PARA ORGANISAR O NOVO REGIMENTO DOS PREÇOS DOS MEDICAMENTOS

Conformando-me com a proposta do conselho de saúde publica do reino: hei por bem nomear o pharmaceutico Eugenio Rodrigues de Oliveira para vogal da commissão encarregada de organizar o novo regimento dos preços dos medicamentos, em lugar de José Joaquim Alves de Azevedo, que d'ella foi escusado por decreto d'esta data.

O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço de Cintra, em 6 de maio de 1863. — REI. — *Anselmo José Braamcamp.*

N.º 272

PORTARIA DE 20 DE JANEIRO DE 1864, REGULANDO COMO DEVE SER CONTADO
O TEMPO DE PRÁTICA AOS ALUMNOS PHARMACEUTICOS
DE SEGUNDA CLASSE

Sendo muito expressa a legislação actual quando exige para a admissão dos alumnos de segunda classe a exame de pharmacia, entre outros requisitos, a prova de oito annos de boa pratica em officinas particulares; e attendendo a que se tornaria illusorio este principio, estabelecido nos artigos 136.º e 138.º do decreto de 29 de dezembro de 1836, 189.º do decreto regulamentar de 23 de abril de 1840, e especialmente no artigo 11.º § unico da carta de lei do 12 de agosto de 1854, se não se fixasse um minimo de idade, desde o qual a pratica dos alumnos mencionados possa merecer a qualificação de *boa*, exigida pelas leis vigentes: ha por bem Sua Magestade El-Rei, conformando-se com o parecer do conselho geral de instrucção publica, mandar declarar que aos alumnos pharmaceuticos de segunda classe, que invoquem a excepção consignada no artigo 11.º § unico da carta de lei de 12 de agosto de 1854, não póde ser contado tempo nenhum de pratica pharmaceutica senão quando tenham completado a idade de doze annos.

Paço, em 20 de janeiro de 1864. — *Duque de Loulé.*

(Diario de Lisboa, n.º 48 de 1864.)

J. D. CONRUA.

(Continua.)

PEÇAS OFFICIAES

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

ACTA N.º 633 DA SESSÃO DE 27 DE ABRIL DE 1864

Presidência do sr. H. J. de Sousa Telles

Pelas oito horas da noite declarou o sr. presidente aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* deu conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

1.º Um officio do sr. Pedro Ferreira Norberto, pedindo a escusa do lugar de vogal da commissão para que fóra eleito na ultima sessão.—Concedida, e que nos avisos para a proxima se annunciassse a eleição de um vogal para aquella commissão.

2.º Outro do sr. thesoureiro do monte pio pharmaceutico, participando ter satisfeito ao que por esta sociedade lhe fóra determinado.—Inteirada.

3.º Outro officio do sr. Antonio Alves Ferreira, acompanhando vinte e tres volumes de differentes obras em portuguez, francez, inglez e latim, que aquelle digno socio offerecia a esta sociedade, bem como a quantia de 54,5000 réis, offerecida pelo mesmo senhor ao monte pio pharmaceutico.—A sociedade deliberou que a este socio fosse dirigido um officio assignado pela mesa, agradecendo tão valiosa offerta.

Leu-se a lista dos objectos doados, e entre elles deu-se conta de uma memoria sobre a questão das gerações espontaneas na actualidade, offerecida pelo seu auctor o sr. Lino Augusto de Macedo e Valle, que foi recebida com especial agrado.

O sr. *presidente* participou ter ido acompanhar o cadaver do nosso consocio o sr. Ignacio José Franco, e bem assim desanojar o filho d'este, e tambem nosso consocio, o sr. Pedro Augusto Franco.

ORDEM DO DIA

O sr. *Loureiro* mandou para a mesa uma proposta para socio correspondente nacional, proposta que declarou urgente.

Approvada a urgencia, corrido o escrutinio, verificou-se ter sido approvado unanimemente socio correspondente d'esta sociedade o sr. Antonio Domingues Alvim, pharmaceutico estabelecido na cidade de Braga.

O sr. *presidente* convidou as commissões ultimamente eleitas a apresentarem, quanto antes, os seus pareceres sobre as

questões que lhe tinham sido commettidas, e estando a hora adiantada fechou a sessão, dando para ordem do dia da immediata propostas, pareceres de commissões e segundas leituras. Eram quasi onze horas da noite.—*Joaquim Urbano da Veiga*, segundo secretario.

ACTA N.º 634 DA SESSÃO DE 11 DE MAIO DE 1864

Presidência do sr. H. J. de Sousa Telles

Pelas oito horas da noite declarou o sr. presidente aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* deu conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

Um officio do sr. Francisco Pinto de Magalhães, pedindo a esta sociedade algumas explicações sobre legislação pharmaceutica.—Foi auctorizado o sr. *primeiro secretario* a responder directamente.

Leu-se a lista dos objectos doados, que foi recebida com agrato.

O sr. *presidente* informou a sociedade de que a mesa foi fallar ao sr. director geral de instrucção publica, pedindo-lhe informações do andamento do projecto de reforma dos estudos pharmaceuticos, e que o mesmo senhor lhe dera esperanças de que em breve se daria andamento ao referido projecto. Participou mais que a mesa entregára memoriaes sobre o mesmo assumpto aos srs. José Maria de Abreu, Rebello da Silva e Justino de Freitas.

O sr. *Tedeschi* lembrou que tendo o sr. dr. Beirão apresentado ha pouco em côrtes um projecto pedindo o grau de bachareis para os individuos habilitados nas escolas de Lisboa e Porto, seria boa occasião de interceder com o sr. dr. Beirão a fim de que na occasião da discussão do seu projecto pedisse algumas reformas e melhoramentos no ensino da classe pharmaceutica.

ORDEM DO DIA

Uma proposta do sr. Telles para que a sociedade mandasse tirar o retrato do nosso consocio o sr. Antonio Alves Ferreira, para ser collocado na sala das nossas sessões.

Depois de alguma discussão, foi rejeitada a proposta.

O sr. Manuel Vicente de Jesus apresentou uma proposta do sr. Joaquim Ferreira Norberto para socio honorario. — Foi á commissão de direito pharmaceutico.

O sr. *Quadros* apresentou uma proposta para que a sociedade possua um album onde colleccione os retratos de todos os seus membros.

Depois de alguma discussão, em que todos os socios mostraram concordar com a idéa da proposta, mas divergiam na maneira de a levar a effeito, foi approvada, ficando a mesa encarregada, por proposta do sr. Tedeschi, de regular a maneira de adquirir os retratos.

Passou-se á eleição de um vogal que deve substituir o sr. Pedro Ferreira Norberto na commissão encarregada de estudar a maneira de levar a effeito o estabelecimento de uma phar-macia central em Lisboa.

Corrido o escrutinio saiu eleito o sr. José Joaquim Pinto de Almeida.

Estando a hora adiantada o sr. presidente fechou a sessão, dando para ordem do dia da immediata propostas, pareceres de commissões e segundas leituras. Eram mais de onze horas da noite. = *Joaquim Urbano da Veiga*, segundo secretario.

da Ordem dos Farmacêuticos

VARIEDADES

Ozone. Continuação das observações sobre a influencia que o gaz ozone exerce sobre as enfermidades bronquiaes e outras. — É já bem conhecida a influencia que este gaz exerce sobre os pulmões e todo o apparelho respiratorio, em relação ás quaes o dr. O'faff de Placien, continuando a occupar-se das mais rigorosas investigações ozonometricas desde 1864 até agora, conseguiu obter mais os seguintes resultados:

1.º O ar que contém grande quantidade de ozone exerce uma influencia sobremaneira desfavoravel ás enfermidades dos órgãos respiratorios. Os individuos que são accommettidos de tuberculos e catarrhos pulmonares chronicos devem, quanto possivel, evitar o respirar uma athmosphera sobre-carregada de ozone, e para isto deverão fazer uso do ozonometro ou reactivo por nós lembrado anteriormente, a fim de por meio d'este reconhecerem a sua maior abundancia no ar ambiente;

2.º A quantidade de ozone, por maior que seja, não exerce influencia alguma nas enfermidades epidemicas, quando não as complique o estado catarrhal das vias aerias;

3.º Uma grande proporção de ozone favorece o desenvolvimento á angina tonsillar;

4.º E finalmente o ozone parece não ter influencia nas outras enfermidades conhecidas.

ANNUNCIO

Pilulas de proto-iodureto de ferro inalteravel, preparadas segundo o processo de Blancard, pelo pharmaceutico Manuel Vicente de Jesus.—Estas pilulas analysadas pela sociedade pharmaceutica lusitana, e ensaiadas nos hospitaes de Lisboa e na clinica particular, são identicas ás francezas pela sua composição e propriedades medicinaes, tendo sobre ellas a recommendavel vantagem de serem menos consistentes.

Depositos parciaes.—Lisboa, pharmacia dos srs. A. F. A. de Azevedo & Filhos, Rocio, n.º 88; na do sr. A. A. R. de Oliveira, rua dos Retrozeiros, n.º 40; Barral, rua Aurea, n.º 126; e na drogaria do sr. Serzedello & C.^a, largo do Corpo Santo.

Porto, pharmacia do hospital real de Santo Antonio, campo dos Martyres da Patria.

Abrantes, pharmacia do sr. M. V. de Jesus Senior.

Lagos, pharmacia do sr. Manuel Gascon.

Rio de Janeiro, pharmacia do sr. Antonio Fernando da Costa, rua da Prainha, n.º 10.

Deposito geral—Pharmacia de M. V. de Jesus, largo do Rato, n.ºs 46 e 47.

PHARMACIA

ANTIDOTO DA INTOXICAÇÃO PELO PHOSPHORO

O dr. Parveri, procurando augmentar o catalogo dos pouco e menos energicos medicamentos aconselhados contra a intoxicação pelo phosphoro, aconselha a seguinte formula:

Decocto concentrado de malvaisco	900	grammas
Magnesia calcinada	} aã	30 »
Hypo-sulphito de soda		
Gomma arabica em pó		
Amydo		
Xarope de dormideiras	40	»
Extracto gommoso de opio	0,15	»

Misturem-se para tomar em pequenas quantidades, ameudadas vezes, segundo a idade e a gravidade do envenenamento.

O cozimento de althea, a mucilagem da gomma e o amydo exercem uma acção local emolliente sobre a mucosa gastrica; a magnesia, por sua qualidade de terra alcalina, neutralisa os acidos phosphoroso e phosphorico, produzindo um phosphito e phosphato inoffensivo; o hypo-sulphito de soda recentemente dissolvido é absorvido em parte, e por sua força de attracção com o oxygenio impede a oxydação do phosphoro e o decompõe transformando-se em sulphato de soda, sal ligeiramente purgante; n'este caso o phosphoro em presença da poção emolliente e da magnesia não tem acção sobre a mucosa intestinal, e pôde ser expellido por meio de uma dissolução de emetico.

(Inst. med. valenc.)

F. J. R. LOUREIRO.

USO DAS FOLHAS DO PINHO

No jornal de chimica medica deparámos com um interessante artigo do dr. Zimmermann, sobre a substancia balsamica, que, segundo elle diz, já hoje tem muito uso em Allemanha.

Esta substancia é a que subministram as folhas do pinho,

e que se tem empregado em fôrma de xarope, de essencia e em banhos.

O xarope das folhas do pinho contém 0,50 de extracto para 30 grammas; é agradável e possui propriedades antispasmodicas.

Sem fazer menção do notavel allivio que produz em algumas nevralgias, gastralgias e enteralgias, etc., o sr. Zimmermann falla com muita especialidade da sua acção sobre a tosse nervosa, resultado de uma especie de erectismo da mucosa bronchial. Onde elle porém tem uma efficacia muito notavel é nas affecções chronicas das vias respiratorias, quando se trata de esgotar as secreções catarrhaes, excitando a vitalidade da mucosa.

O extracto de pinho obtem-se pela acção do vapor de agua, e misturada depois com ella, applica-se em fôrma de banhos. Empregado por meio do hydrofero, diz o sr. Racibroski ter curado muito recentemente um enfermo que havia vinte annos padecia uma laryngite chronica com exacerbações agudas frequentes.

A essencia tomada em capsulas, de manhã e á noite, na dôse de 2 a 3 gotas, e mesmo em inhalações misturada com agua fervendo, produz notavel allivio nas affecções pulmonares, modificando a tosse. Por meio das inhalações e 2 capsulas por dia, acaba de ser curada uma enferma. É finalmente um excellente recurso nas affecções nervosas do estomago e intestinos.

LIQUIDO CONTRA A MORDEDURA DA VIBORA

Este liquido pôde substituir com muita vantagem o alcali volatil de que os caçadores e cultivadores fazem frequente uso contra a mordedura das vitoras, porque offerece menos inconvenientes na mão do vulgo.

Compõe-se elle de uma solução de 1^g,25 de iodo e de 4 grammas de iodureto de potassio em 50 grammas de agua.

Para favorecer a introdução do liquido na chaga o sr. Viaud-Grandmarais imaginou um pequeno frasco esmerilhado, cujo

bocal longo e conico inferiormente contém o liquido; por meio d'este bocal faz penetrar o medicamento ás gotas até ao fundo das maiores mordeduras.

Este frasco tambem substitue com vantagem aquelle de que andam munidos os caçadores.

(Journal de pharm. et de chim.)

CIGARRETAS ARSENICAES

PELO SR. MONTANÉ DE MOISSAC

As cigarretas arsenicaes não preenchem o fim a que se propõem, porque o sal empregado não é uniformemente repartido no papel.

Ha porém um meio mais efficaz do que o até agora empregado, porque sendo o papel impregnado da solução arsenical, por meio de um pincel, ou mergulhado na mesma e pendurado para seccar, acontece que a parte inferior accumula maior porção de humidade e por consequencia maior dôse de arsenico.

O outro meio inventado pelo sr. Montané consiste em pesar o papel antes de o preparar, estende-lo horizontalmente e humedece-lo por igual com a solução até que esteja perfeitamente molhado, deixando-o seccar sobre a mesma chapa de vidro, e depois torna-lo a pesar para conhecer da quantidade do sal absorvido, e dividi-lo então em rectangulos, de maneira que cada um d'elles encerre a quantia prescripta.

XAROPE DE PEPSINA

Pepsina medicinal	25 grammas
Agua distillada	50 »

Triture-se, lança-se a mistura n'um matraz e colloca-se este no banho-maria, que não exceda a 40°, agitando de vez em quando, e junte-se alcool 50 grammas; agite-se, deixe-se depositar, filtre-se e misture-se com xarope simples 900.

O alcool de Garus tem por fim disfarçar o cheiro animal-

sado da pepsina, ajudar a conservação do xarope e obrar como ligeiro excitante sobre as enfermidades.

A dóse é de uma colher de sopa sobre cada comida.

(Union pharmac.)

F. J. R. LOUREIRO.

QUÍMICA

EXAME QUÍMICO DO OLEO VOLATIL DE MOSCADA

A noz moscada deve o seu cheiro aromático e suas propriedades excitantes a um óleo volátil abundante, que ainda não foi estudado quimicamente.

Para extrahir este óleo pôde ferver-se a noz moscada, bem contusa, em água n'um alambique ordinario; mas por este processo não se obtém senão uma parte da essência contida no fructo.

O meio preferível consiste em tratar a noz moscada reduzida a pó grosseiro pelo sulphureto de carbonio ou ether sulphurico, até a esgotar, separar por distillação o dissolvente empregado, a banho-maria e aquecer o residuo butyroso da evaporação a 200° do banho de óleo, ou melhor ainda fazer atravessar este residuo por uma corrente de vapor, que entranhando-se em toda a essência, a faz passar a um recipiente proprio, bem refrigerado, onde se condensa.

A essência de noz moscada assim preparada não constitue uma especie chimica definida; submettida a accção ao calor em uma retorta começa por ferver a 160° approximadamente; o thermometro sobe então rapidamente a 168°, onde fica estacionario por algum tempo, elevando-se a final a 240°, mas só passam ao recipiente $\frac{95}{100}$ approximadamente do peso total do liquido, quando o calor excede pouco a 175°; o producto distillado tem todas as propriedades de um hydro-carbureto, que se obtém todavia puro, tratando-o immediatamente a frio por uma diminuta porção de potassa caustica, e distillando-o em seguida sobre pequena quantidade de sodium puro, para o desembaraçar de alguns vestigios de um composto oxygenado que altera sensivelmente sua pureza.

Esta essencia assim rectificada é um liquido incolor muito fluido, que se não solidifica até 18° de frio; sua densidade no estado liquido é igual a 0,8533 a 15°; a densidade do seu vapor tomada a 144° achou-se ser igual a 4,866; ferve regularmente a 165°, e distilla na totalidade, sem experimentar alteração alguma; tem a propriedade de desviar o plano da polarisação dos raios luminosos proximo da esquerda, e seu poder rotatorio molecular é igual a 13°,5.

Tem o cheiro do fructo de que é tirado; quando está diluida o cheiro confunde-se com o da cidra, e mais ainda com o do limão; o sabor é acre e ardente.

A composição da essencia da noz moscada é a mesma que a da terebinthina; a analyse elemental forneceu 87,664 de carbone e 11,814 de hydrogenio por 100 partes d'esta essencia; a composição do oleo de terebinthina tambem deu por 100 partes d'este 88,2 de carbone e 11,8 de hydrogenio. A determinação da densidade do vapor serviu de base á formula $C^{20} H^{16}$, que representa esta composição; e com effeito a experiencia deu o n.º 4, 7:144 pela densidade theorica de $C^{20} H^{16}$, representando quatro volumes de vapor.

Exposto ao ar em uma bexiga o oleo volatil de moscada absorve lentamente o oxygenio, perdendo sua fluidez; é atacado vivamente pelo chloro com desprendimento de acido sulphydrico, transformando-se em um producto chlorado viscoso não crystallisavel; com o bromio comporta-se igualmente.

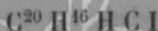
A agua dissolve uma pequena quantidade d'esta essencia; o alcool absoluto dissolve-a completamente. Uma mistura de essencia de alcool e de acido nitrico, abandonada a si mesmo por quatro mezes, não forneceu crystaes de hydrato; sendo este o primeiro character chimico que distingue esta essencia do oleo volatil de terebinthina.

O acido azotico ataca violentamente a essencia de moscada, decompondo vapores rutilantes, e o producto final da reacção encerra oxalato de ammoniaco e outros compostos, que ainda não foram estudados.

O acido sulphurico concentrado dissolve-a, corando-a. A mistura aquecida decompõe acido sulphuroso.

Fazendo-a atravessar lentamente por uma corrente de gaz chlorhydrico, a frio, o acido é absorvido em quantidade, e á combinação e formação de um hydrato bem definido, mas não se obtem um chlorhydrato solido como com a essencia de terebinthina; sendo este mais um character chimico distinctivo, que julgo conveniente notar.

Esta combinação chlorhydrica liquida termina a 194° e distilla a esta temperatura sem experimentar alteração alguma. É um liquido fluido, incolor, dotado de um cheiro aromatico pouco agradável, analogo ao da camphora extrahida da terebinthina; é mais ligeiro que a agua, sua densidade a 15° é igual a 0,9827; a sua acção é nulla sobre o plano de polarysacção da luz. Sua composição deve ser representada pela formula:



É este pois um monochlorhydrato resultante da combinação de volumes iguaes de hydracido e de hydrocarbureto supposto gazoso. Os resultados numericos achados pela analyse elemental confirmam esta formula.

O chlorhydrato de essencia de moscada decompõe-se lentamente á temperatura de 160° centigrados. Por uma solução alcoolica de potassa forma-se com a essencia chlorureto de potassium, agua, e o hydrocarbureto primitivo é regenerado.

O monosulphureto de potassio em dissolução no alcool decompõe-se da mesma forma sem se formar o composto sulphurado $C^{20} H^{16}, HS$; com o ammoniaco é igualmente decomposto sem formação de producto algum azotado.

Em resumo, a essencia de moscada é um producto definido, e só mero da essencia de terebinthina, mas nunca com ella se deve confundir, porque differe completamente por muitos caracteres chimicos importantes. O hydrocarbureto extrahido da essencia de tomilho e designado debaixo do nome de thymene, assimilha-se-lhe um pouco, e como aquelle

não tem acção sobre a polarysacção da luz, e nada mais podemos por ora adiantar sobre esta identidade, segundo o estado actual da sciencia.

(Journ. de pharm. et de chim.)

F. J. R. LOUREIRO.

SYRINGINA

PELO DR. KROMAYER

A ligustriña não é mais do que a syringina, segundo este auctor.

A syringina foi descoberta por Bernys nas folhas do lilás (*syringa* vulg.). Ella constitue um glucoside crystallisavel, e tem por formula $C^{88} H^{28} O^{20}$ (C 54,51; H6,94), e pela ebullição em presença do acido chlorhydrico diluido se desdobra em assucar e em syringina, depois da equação.



As folhas do lilás não a contêm, mas em seu lugar encontra-se uma materia acre. A syringina encontra-se na casca, mais abundantemente nos principios de março até abril. Em um e outro caso ella é acompanhada de syringipurina, e muitas tambem de manita, que falta todavia no mez de abril na casca. Estes mesmos principios ultimos encontram-se igualmente nos gomos e flores do lilás, enquanto que a syringina apenas ahi figura; foi isto o que levou o sr. Bernays a pensar que pelo progresso da vegetação a syringina se decompõe e dá lugar a dois outros productos ou principios immediatos.

Prepara-se com a casca collida em março; trata-se pela agua quente e precipita-se com o acetato basico de chumbo, destroe-se o excesso d'este ultimo por meio do acido sulphurico a banho-maria, fazendo-o evaporar até á consistencia syporosa, e abandona-se o liquido; immediatamente se depõe a massa de crystaes de syringina, que se espreme em seguida e lava com uma pouca de agua; acaba de purificar-se por meio de agua, fazendo-a ferver com carvão animal, que separa a syringina, e filtra-se ainda quente.

Evitando o excesso de agua obtêm-se rapidamente bellas agulhas brancas agrupadas. As aguas mães, assim como as aguas da lavagem retêem ainda uma pequena quantidade, que se pôde separar por meio do alcool, que dissolve de preferencia a syringina.

Esta glucosina é privada de sabor e de reacção. A 115° centigrados torna-se opaca e perde 4,5 por 100 de agua; funde-se a 212° centigrados para em seguida se prender em massa amorpha e resinosa, dando um pó branco; decompõe-se ao fogo, exhalando um cheiro de caramello, sem deixar residuo. O ether não tem acção sobre elle.

Com o acido sulphurico concentrado a syringina dá uma reacção característica. Juntando a este acido um volume de syringina desenvolve-se uma bella coloração azul, que uma quantidade maior ou menor de acido faz passar a violeta.

Por um repouso prolongado o liquido azul abandona flocos da mesma côr, mas se se dilue em agua obtem-se um enorme deposito de flocos azul cimento, que dissolvidos no alcool lhe dão a côr rubra; comporta-se da mesma maneira com ammonia, avivando mais a côr rubra pelo repouso.

Com o acido azotico concentrado a syringina dá uma dissolução rubra. A um calor moderado dissolve-se ella em acido chlorhydrico sem produzir descoloração; mas pela ebullicão produz, pouco a pouco, flocos azues, emquanto que o licor se tinge de rubro violeta.

Não tem acção sobre o liquido cupro-tartrico. Sobre azotato de prata, assim como sobre os alcalis, se torna, debaixo da influencia do chloro, rubro escura, terminando por se descolorar.

Neutralisada pelo carbonato de chumbo, e juntando-lhe alcool para deslocar o chlorureto de chumbo, evaporando a banho-maria, obtem-se um liquido de sabor acre e amargo que reduz facilmente o liquido cupro-tartrico. O ether destrõe facilmente este principio amargo e o abandona em seguida debaixo da fórmula de uma massa resinosa com reacção acida,

dando com o sesquichlorureto de ferro uma coloração azul que se torna violeta na presença da ammonia.

Syrinpicrina. — Vimos que esta substancia acre fica nas aguas mães, das quaes póde ser separada completamente por intermedio de carvão animal; o alcool fervendo a destaca, e o ether a desembaraça em seguida da materia acre.

No estado puro este principio immediato é ligeiramente amarello, friavel, fusivel a 100° centigrados; tem sabor amargo e reacção acida. O acido sulphurico cora-a em verde, que passa em seguida ao escuro. O acido azotico a destroe promptamente. Os alcalis parece não terem acção sobre ella.

É solúvel na agua e no alcool, mas é insolúvel no ether. Não tem acção sobre o chlorureto de ferro e acetato de chumbo, mas precipita o tanino em branco.

À ebullicão reduz o azotato de prata ammoniacal e cora em verde o liquido cupro-tartrico.

A similhança d'estes caracteres permittiu ao sr. Kromayer reconhecer que a ligustrina não era mais que a syringina.

A ligustrina, assim chamada pelo sr. Palex, foi por elle extrahida do ligustrum vulgare. Nunca porém poderá confundirse este nome com o da ligulina, que demos á materia colorante contida nas vages d'este vegetal.

F. J. R. LOURINHO.

(Journ. de pharm. et de chim.)

APPARELHO PARA EXTRAHIR A PRATA DAS AGUAS DA LAVAGEM
DAS PHOTOGRAPHIAS

PELO SR. SHAW

Nas photographias toda a prata que se consome é empregada no estado de azotato, e a experiencia dos mais entendidos tem provado que nas imagens photographadas apenas se consome a decima parte da prata empregada n'esta operação, e o professor Seely affirma que só um centesimo é que se consome.

Eis o processo empregado pelo sr. Shaw.

Colloca-se um vaso debaixo do cano do escoadouro do laboratorio, de maneira que todas as aguas empregadas em lavar

as placas ou outras manipulações photographicas ali sejam recebidas.

Este vaso contém certa quantidade de uma substancia propria a decompor o sal de prata contido nas soluções da agua, e a formar um composto insolúvel que por consequencia cae no fundo do vaso. A substancia proposta é o sulphato (proto) de ferro disposto de maneira a poder dissolver-se em quantia proporcionada ao volume que atravessa o aparelho.

O vaso destinado a receber as aguas resultantes das manipulações photographicas deve ser de vidro ou de porcellana. O sal de ferro é collocado em um compartimento formado por uma conveniente divisão, enquanto que a agua que contém o sal de prata cae sobre o lado opposto d'esta divisão e se eleva pouco a pouco sobre o fundo do diaphragma inclinado até chegar á altura sufficiente para se insinuar através do tecido metallico que constitue uma porção d'esta divisão e ficar em contacto com o sal de ferro. Este sal é dissolvido, misturando-se com a agua, que gradualmente se vae elevando até á altura do pequeno ramo do siphão, pelo qual corre para a parte inferior do vaso. O sal de prata é decomposto e esta immediatamente se deposita no fundo do vaso, enquanto os saes solúveis são levados para fóra com a agua por um orificio de antemão preparado para este effeito.

Para certeza de que não restam vestígios de prata na agua, por não ter sido totalmente precipitada, sujeita-se aquella a nova operação, fazendo-a passar através de um tamiz, e como este pôde obstruir-se, dispõe-se através de um tubo para lhe dar o conveniente movimento, a fim de não ser interrompida a passagem da agua. Quando esta obstrucção tenha lugar, interrompe-se a operação e limpa-se o tamiz, o qual deve ser suspenso livremente no vaso, de maneira a poder ser tirado facilmente para o limpar, e o diaphragma interno com o siphão devem igualmente ser montados sobre um anel amovível.

Para tornar mais facil e rapida a reducção da prata, o sr. Shaw aconselha que se colloque uma pequena quantia

de chlorureto de sodium no compartimento em que se colloca o sal de ferro.

F. J. R. LOUREIRO.

DA REACÇÃO DO PERCHLORURETO DE FERRO
SOBRE O SULPHYDRATO DE AMMONIACO

PELO SR. LEBAINHE

No boletim da sociedade chimica (de 1863) acha-se uma nota do sr. Hoffman sobre uma nova reacção, que póde servir a reconhecer a presença do phosphoro nos casos de envenenamento. O processo consiste em evaporar os liquidos distillados, suspeitos de conterem phosphoro, com o sulphydrato de ammoniaco, depois tratar o residuo da evaporação por algumas gotas de perchlorureto de ferro, então manifesta-se uma coloração violeta passageira que o sr. Hoffman attribue á presença de um composto phosphorado.

No mesmo opusculo scientifico publicou (novembro de 1860) o sr. Hupert uma nota em que diz o seguinte: « Depois de haver repetido as precisas experiencias sobre os liquidos phosphorados, depois sobre os liquidos isentos de phosphoro, observei em ambos os casos a mesma reacção; em resumo, por constatar que a coloração é independente da presença do phosphoro, e que ella se produz com o sulphydrato de ammoniaco, depois que se tenha evaporado a d'este reactivo a banho-maria, até a desappareição de todo o cheiro sulphydrico ».

O sr. Hupert não tratou de procurar a causa da coloração produzida, mas unicamente de fazer conhecer que ha erro no methodo do sr. Hoffman, e foi para isso que se deu ao trabalho de o provar pela continuação das seguintes interessantes experiencias.

Tendo repetido a experiencia (falla o sr. Hupert), evaporando á secura uma solução diluida de sulphydrato de ammonia do commercio, e tratando o residuo pelo perchlorureto de ferro obtive a coloração violeta. A mesma experiencia feita com o sulphydrato de ammoniaco puro, preparado de proposito para este mesmo fim, deu o mesmo resultado. A reacção achada

pois no sulphydrato só ou immediatamente nos productos secundarios provém do seu desdobramento mediante a evaporação, porque o sulphydrato não decomposto teria precipitado o sal de ferro em negro.

Ora durante a evaporação deposita-se uma certa quantidade de enxofre, que se encontra no residuo secco; mas este enxofre nunca pôde ser a causa da coloração.

Tendo esgotado pela agua uma certa quantidade de residuo da evaporação, e filtrado para separar o enxofre, tratei o liquido concentrado pelo acido chlorhydrico, que precipitou o enxofre decompondo o acido sulphuroso. Suppondo tambem a existencia de um hypo-sulphito procurei descobrir a verdade e pude observar as diferentes propriedades que caracterisam os hypo-sulphitos (descoloração da tintura de iodo e a dissolução do chlorureto de prata, etc.). Para confirmar estes resultados não me restava mais que fazer a experiencia directamente sobre pequenas quantias de hypo-sulphito, o que praticado obtive uma coloração violeta intensa.

Estou pois auctorisado para admittir e certificar que é a presença do hypo-sulphito de ammoniaco que se deve esta reacção particular, e n'este caso a reacção assignalada pelo sr. Hoffman deve explicar-se assim:

Durante a evaporação do sulphydrato de ammoniaco, se esta evaporação tem lugar em uma capsula, em contacto do ar, e se o liquido está sufficientemente diluido, para prolongar por um certo espaço de tempo, deposita-se o enxofre e tem lugar a formação de um hypo-sulphito. Se a evaporação é bem manejada, para que o hypo-sulphito não seja decomposto, o perchlorureto de ferro produzirá sobre o residuo a côr violeta, tanto mais intensa, quanto maior for a proporção do hypo-sulphito formado.

Tambem entendi que não seria de menor utilidade experimentar se os compostos do phosphoro menos oxygenados que o acido phosphorico, e que tanto podem influir pela sua importancia nas experiencias toxicologicas, poderiam ou não produzir tambem a mesma reacção.

Mas as muitas e repetidas experiencias feitas sobre os phosphitos com agua em que tinha estado mergulhado o phosphoro por muito tempo deram-me sempre resultados negativos.

(Journal de pharm. et de chim.)

F. J. R. LOURANO.

KOUSSINA

PELO SR. BEDALI.

A koussina é um principio immediato que se extrahê do febrifugo brayera anthelminthica, e é considerado com o principio activo.

Para o obter tratam-se por tres vezes as flores contusas pelo alcool absoluto e cal; o residuo digere-se em agua; filtram-se separadamente os liquidos, mistram-se e concentram-se a banho-maria; precipitam-se emfim pelo acido acetico e obtêm-se a koussina em pó crystallino branco, e algumas vezes amarellado, sem cheiro e de um sabor acre amargo.

É muito solúvel no alcool, ether e alcalis; o alcool fraco só a dissolve a quente, mas abandona de novo pelo resfriamento; é pouco solúvel em agua, á qual communica nada menos do que uma reacção acida.

A koussina, á qual o auctor attribue a formula $C^{28} H^{22} O^3$ (C71,329; H10,158) não é sublimavel; decompõe-se a quente, emittindo vapores acidos, cujo cheiro se assimilha ao de couro da Russia; funde-se entre 193° e 195° centigrados, e forma com o oxydo de chumbo combinações, no estado de mono, bi e tri, basico.

O auctor conheceu que é um vermifugo muito energico. Empregando alguns centigrammas de koussina a tenia é expellida em algumas horas.

DA TRANSFORMAÇÃO DO ASSUCAR EM GLUCOSE PELO CALOR (MONIER)

As experiencias d'este auctor foram feitas sobre o assucar da canna, da beterraba e xaropes preparados com elle em estado igual.

Estes xaropes collocados em matrazes de identica capaci-

dade foram submettidos a uma ebullição regular por espaço de dez horas, substituindo a agua evaporada de maneira a manter o mesmo nivel nos matrazes.

Depois d'esta ebullição prolongada os xaropes foram analy-sados pelo liquor de Felhing, e deram os resultados seguintes:

XAROPE DE ASSUCAR DE CANNA

	Assucar crystallisavel	Assucar incrystallisavel
Depois da ebullição	61,3	1,7
Depois da ebullição de dez horas	35,0	28,0

Por experiencias comparativas conheceu o auctor que o assucar da canna produziu vinte vezes mais glucose do que o da beterraba, e que com uma só ebullição de dez horas se transforma completamente em glucose, enquanto que o de beterraba exige uma ebullição mais prolongada para a sua completa transformação em assucar incrystallisavel.

A transformação rapida do assucar exotico em melaço é devida a uma pequena quantia de acido livre que os assuca-res contêm. Este acido tem-se encontrado algumas vezes em quantias notaveis, e n'este caso torna-se necessario para o saturar até 1^g,4 de cal por 1:000 grammas de xarope a 35° de Beaumé.

Tendo o auctor recommendado estas experiencias deixando ou tornando o assucar ligeiramente alcalino achou que a glu-cose era cinco vezes menos que a precedente.

F. J. R. Lohmann.

SOLUBILIDADE DO SULPHATO DE CHUMBO EM ACIDO CHLORHYDRICO
E AZOTICO

PELO SR. RODWEL

Partes	Densidade	SO ³ Pb O.
De HCl diluidas		Por 100 de HCl
681,8956	1,0519	40,602
281,7298	1,0800	46,310
105,6496	1,1070	22,010
47,3076	1,1359	27,5245
35,0268	1,1570	31,6015

Em acido nitrico:

Acido SO ³ Pb O.		
Azo ^s diluido	Densidade	Por 100 Az O 5
303,0991	0,079	11,55
173,7542	1,123	17,50
127,4859	1,250	34,00
10282,6763	1,420	60,00

Estes resultados foram obtidos, fazendo digerir o sulphato de chumbo á temperatura ordinaria com o acido nos diversos graus de concentração indicados, collocados em vasos proprios, bem rolhados, que se agitam frequentemente. A duração varia entre um e dez dias. A dissolução completa-se entre cinco a dez dias de contacto.

Fazendo evaporar a dissolução chlorhydrica obtem-se, pelo resfriamento, o chlorureto de chumbo em laminas rhomboidaes nacaradas.

Com o acido azotico a 60 por 100 o sulphato de chumbo passa quasi integralmente a azotato no fim de tres a quatro dias. Todavia uma pequena quantidade escapa á decomposição, pelo menos se elle é mantido em contacto por mais de vinte e um dias.

F. J. R. LOUZEIRO.

**PESQUISAS SOBRE AS MANCHAS DO SANGUE.
DETERMINAÇÃO DA SUA IDADE E DA SUA ORIGEM**

PELOS SRS PFUFF E ERPENBECK

As manchas do sangue, como é sabido, são de um bello vermelho e escurecem com o tempo. A cor vermelha é alterada ao segundo dia, a mancha escurece visivelmente passado o terceiro dia, e no fim de muitos mezes é negra carregada, com uma ligeira cor amarella.

A estes caracteres bem conhecidos o sr. Pfaff acrescenta outros mais precisos tirados da acção que póde exercer sobre as manchas uma dissolução de acido arsenioso (contendo 1 grão para 2 oitavas de agua). O limite adoptado por elle é o tempo que as manchas gastam a empallidecer n'este dissolvente, a

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

ponto que seus bordos se confundem sensivelmente, pela côr, com a côr do tecido subjacente.

Recentes, dissolvem-se em poucos minutos.

As de um a dois dias exigem um quarto de hora para se dissolver.

As de tres a oito dias exigem um quarto de hora a meia hora para se dissolver.

As de duas a quatro semanas exigem uma a duas horas para se dissolver.

As de quatro a seis semanas exigem tres a quatro horas para se dissolver.

As de um anno e mais exigem quatro a oito horas para se dissolver.

Com o tempo empregado a operar a dissolução é preciso ainda tomar em consideração a côr do liquido obtido; as manchas recentes dão uma dissolução vermelha, e as antigas escura.

O emprego do chloro pôde prestar serviço n'esta circumstancia, e eis como:

Uma mancha de quatro mezes, por exemplo, demanda um espaço de tres a quatro horas no liquido arsenioso acima indicado para se reduzir a um ligeiro residuo de fibrina, com os bordos ainda perfeitamente em estado de reconhecer-se. Immergindo depois o panno molhado na agua chlorada observa-se que no fim de uma hora os bordos não são perceptíveis.

Uma mancha de seis mezes, tendo ficado quatro dias n'um liquido arsenical, demanda duas horas de immersão na agua chlorada, para que seus bordos desapareçam.

Nas mesmas condições uma mancha de oito mezes exige tres horas; uma mancha de um anno demanda mais de cinco horas; manchas mais antigas demandam mais.

Para reconhecer o cheiro específico do sangue, o sr. Erpenbeck pretende substituir com vantagem ao acido sulphurico o calor; se se trata de sangue fresco, deixa-se cair algumas gotas n'um tubo de ensaio, e aquece-se a uma chamma muito fraca. O cheiro não se desenvolve sobretudo no momento em

que toda a humidade se tem dissipado, e antes que o sangue comece a carbonisar-se; torna-se muito sensível durante o resfriamento e conserva-se por muitos mezes n'um tubo fechado.

Se se trata do sangue secco convem fazer dissolver na agua ou pelo menos humedece-lo antes de o expor á acção do calor.

(Journ. de pharm. et de chim.)

J. J. ALVES.

PEÇAS OFFICIAES

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

ACTA N.º 633 DA SESSÃO DE 13 DE JUNHO DE 1864

Presidência do sr. Manuel Vicente de Jesus (primeiro secretario)

Pelas oito horas e meia da noite declarou o sr. presidente aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* deu conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

Um officio do sr. Antonio Domingues Alvim, agradecendo a sua admissão para membro d'esta sociedade. — Inteirada.

Outro officio do sr. thesoureiro do monte pio pharmaceutico, participando ter feito a aquisição de mais duas inscrições da junta do credito publico, do valor nominal de réis 100,5000 cada uma. — Inteirada.

Leu-se a lista dos objectos doados, que foi recebida com agrado.

O sr. *presidente* disse que o fim unico e exclusivo d'esta sessão era a apresentação das contas do sr. thesoureiro, approvadas em sessão de hoje pelo conselho administrativo, e que se achavam sobre a mesa para serem examinadas pelos socios, mas que se algum dos socios queria mandar alguma proposta para a mesa podia faze-lo.

O sr. *Manuel Vicente de Jesus* apresentou, em nome do sr. Telles Senior, uma proposta para socio correspondente nacional, proposta que lhe tinha sido enviada pelo sr. Felix da Fonseca Moura, do Porto, com a nota de urgente.

Approvada a urgencia, corrido o escrutinio, verificou-se

ter sido approvado unanimemente para socio correspondente nacional o sr. Antonio Bernardo Teixeira, pharmaceutico estabelecido na cidade de Bragança.

ORDEM DO DIA

O sr. *presidente* disse que, na conformidade do regimento interno, cumpria á sociedade eleger uma commissão de exame de contas, e que convidava portanto os socios presentes a confeccionarem as suas listas.

Corrido o escrutinio verificou-se terem sido eleitos por maioria de votos os srs. José Dionysio Correia, Anacleto Antonio Rodrigues de Oliveira e José de Matos Saraiva.

O sr. *Correia* pediu instantemente á sociedade que o dispensasse d'aquelle encargo, para elle impossivel de satisfazer, por causa dos seus muitos affazeres e pouca saude.

A sociedade accedeu a tão justo pedido, elegendo para substituir o sr. *Correia* o sr. Eugenio Rodrigues de Oliveira.

Achando-se a hora adiantada o sr. *presidente* fechou a sessão, dando para ordem do dia da seguinte propostas, pareceres de commissões, segundas leituras e mais a votação do parecer da commissão de direito pharmaceutico, sobre a admissão de um socio honorario. Eram onze horas da noite. — *Joaquim Urbano da Veiga*, segundo secretario.

VARIÉDADES

Necrologio. — Falleceu o nosso illustre amigo o sr. Sebastião Bettamio de Almeida, lente chimico no instituto industrial de Lisboa, director da casa da moeda e membro honorario da sociedade pharmaceutica lusitana.

A perda do sr. Bettamio é vivamente sentida por todos os homens da sciencia, onde occupava um distincto logar.

Acompanhámos sua extremosa familia n'esta triste situação.

Sobre o lolium tumolentum. — O sr. Frelhol apresentou á academia imperial de medicina os resultados das suas pesquisas ácerca das propriedades toxicas do lolium tomulen-

tum, e segundo affirma, diz ter descoberto dois principios toxicos, um que produz accidentes convulsivos, e outro que obra como narcotico.

Tambem reconheceu que os grãos amylaceos do lolium temulentum têm a fórma polyédrica, o que muito convem conhecer, porque é isto o que permite distingui-los do amydo ordinario.

Sobre a data da invenção do vidro soluvel. — Este auctor pretende conhecer um manuscripto de Basilio Valentino, datado de 1520, cujo alchimista, descrevendo os processos proprios para fazer augmentar o oiro e a prata, mostra tambem que já tinha conhecimento do liquido denominado « vidro soluvel » ou tambem « liquor dos seixos ». Eis-aqui a formula encontrada no referido manuscripto para preparar este liquido:

Toma-se o cremor de tartaro, calcina-se em um cadinho, lixivia-se depois em agua quente e filtra-se. Evaporado depois em uma caldeira de ferro fica sal de tartaro.

Tome-se uma libra do sal, faça-se fundir em um forno de vento, introduza-se pouco a pouco uma libra de seixo em pó fino e tamisado, faça-se dissolver e deixe-se arrefecer lentamente. Depois d'isto quebra-se o cadinho, reduz-se o conteúdo a pó grosso e abandona-se n'uma capsula de vidro ao ar livre. A materia liquifaz-se e contém então o *liquor silicis*.

Pela fusão a terra dos seixos se combina com o sal alcali de tartaro; o producto é deliquescente e dá logar a uma materia oleaginosa. O residuo solido não serve para cousa alguma. Quanto a parte liquida secca-se ao sol ou a um banho-maria, e pôde servir a petrificar as madeiras e as pedras para edificar, mas segundo antigas observações este uso não dá bom resultado.

Alcaloide volatil da arnica. — O alcaloide particular assignalado pelo sr. Peretti no producto da distillação da *arnica montana* com a potassa caustica, é, segundo o sr. Hesse, uma mistura de ammoniaco e de trimethylamina inteiramente dissolvida na agua.

Infeliz sorte.—De um jornal hespanhol extrahimos o seguinte: «No dia 9 de junho do corrente anno foi guilhotinado, em Paris, o medico homeopata Couty de la Pomerai, pelo crime de envenenamento de m.^{me} Pauw, com quem havia tido illicitas relações, e de sua sogra. O envenenamento operou-se por meio da digitalina, como o provaram, não a analyse chimica (que não produziu vestigio algum), mas as experiencias feitas pelo dr. Tardieu em diferentes animaes. Se este crime se tivesse commettido durante uma epidemia choleric, ficaria occulto, e o assassino impune. Por mais lamentavel que seja a sorte de Pomerai, é necessario convir que a vingança publica exigia um castigo exemplar. O que seria a sociedade se ficassem impunes uns delictos que tão facilmente póde um medico levar á execução?»

ANNUNCIO

Pilulas de proto-iodureto de ferro inalteravel, preparadas segundo o processo de Blancard, pelo pharmaceutico Manuel Vicente de Jesus.—Estas pilulas analysadas pela sociedade pharmaceutica lusitana, e ensaiadas nos hospitaes de Lisboa e na clinica particular, são identicas ás francezas pela sua composição e propriedades medicinaes, tendo sobre ellas a recommendavel vantagem de serem menos consistentes.

Depositos parciaes.—Lisboa, pharmacia dos srs. A. F. A. de Azevedo & Filhos, Rocio, n.º 88; na do sr. A. A. R. de Oliveira, rua dos Retrozeiros, n.º 40; Barral, rua Aurea, n.º 126; e na drogaria do sr. Serzedello & C.^{ra}, largo do Corpo Santo.

Porto, pharmacia do hospital real de Santo Antonio, campo dos Martyres da Patria.

Abrantes, pharmacia do sr. M. V. de Jesus Senior.

Lagos, pharmacia do sr. Manuel Gascon.

Rio de Janeiro, pharmacia do sr. Antonio Fernando da Costa, rua da Prainha, n.º 10.

Deposito geral—Pharmacia de M. V. de Jesus, largo do Rato, n.ºs 46 e 47.

PHARMACIA

OLEO DE FIGADOS DE BACALHAU SOLIDIFICADO

Eis a seguinte formula que o boletim da sociedade de medicina de Amiens nos apresenta como excellente:

Oleo de figados de bacalhau 30 grammas

Ityocola 2 " "

Dissolve-se a colla em agua sufficiente, lança-se o oleo a pouco e pouco, tendo o cuidado de que não exceda + 25, e em seguida ajunte-se:

Essencia de aniz 4 gotas

Este preparado tem o aspecto de uma geleia. Cada colher regular d'esta geleia contém 14 grammas de oleo. N'esta preparação podem fazer-se entrar, sem difficuldade, os xaropes de phellandrio, de quina, de iodureto de ferro, etc.

J. J. ALVES.

QUIMICA

MEIOS DE PROCURAR O BISMUTHO

PELO SR. BALARD

O alto preço a que tem chegado o bismutho ha alguns annos a esta parte despertou no sr. Balard a idéa de procurar este metal no antigo material dos impressores. O bismutho entra na liga de que são fabricados os typos de impressão. Vejamos o processo seguido por elle n'esta operação de analyse industrial:

1.º A dissolução em acido nitrico, de maneira a transformar todo o estanho em acido metastannico, que se isola pelo filtro da dissolução acida dos nitratos de chumbo e de bismutho, lava-se em agua acidulada, secca-se e reduz-se pelo carvão;

2.º No liquido neutralizado, quanto possivel, se mergulham laminas de chumbo, que precipitam todo o bismutho

em estado metallico; secca-se e funde-se debaixo da influencia reductora;

3.º Precipita-se tambem o chumbo do ultimo liquido pelo carbonato de soda; isolado lava-se, secca-se e reduz-se pelo carvão.

Este modo de operar produz os tres metaes em perfeito estado metallico, e ainda é possivel fazer-lhe favoraveis modificações destinadas a isola-los debaixo de uma outra fórma, segundo as circumstancias da dissolução dos productos.

Para obter o subnitrito de bismutho no maior grau de pureza é sufficiente, como observou o sr. Balard, neutralisar o liquido que contém os nitratos soluveis, dilui-lo em agua isenta de carbonatos, chloruretos ou sulphatos; neutralizado de novo com agua se conseguirá isolar o referido subnitrito por muitas operações d'este genero no estado da mais perfeita alvura.

F. J. R. LOUREIRO.

(Journ. de techn.)

PEÇAS OFFICIAES

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

ACTA N.º 656 DA SESSÃO DE 15 DE JULHO DE 1864

Presidência do sr. Joaquim José Alves (segundo vice-presidente)

Pelas oito horas e meia da noite declarou o sr. presidente aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* deu conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

1.º Um officio do sr. Antonio Joaquim Labate, participando a impossibilidade em que se achava de poder continuar, por emquanto, a dirigir os negocios da presidencia. — Inteirada.

2.º Outro do ex.^{mo} presidente do conselho da associação promotora da industria fabril, remettendo um bilhete de admissão para a solemnidade da distribuição dos premios, a que Sua Magestade El-Rei se dignava assistir. — Recebido com agrado.

Leu-se a lista dos objectos doados, que foram tambem recebidos com todo o agrado. Entre elles apresentou o sr. Alves um quadro contendo differentes insectos e coleopteros que vivem na India, que o sr. Antonio Gomes Roberto, primeiro pharmaceutico do quadro de saude do estado da India, offercia a esta sociedade.

Por proposta do sr. Tedeschi decidiu-se que se officiasse ao sr. Roberto, agradecendo tão valiosa offerta.

Leu-se na mesa o parecer da commissão de exame de contas, em que a mesma commissão, depois de declarar que encontrára as contas no melhor estado de regularidade, termina propondo sejam approvadas, e que ao sr. thesoureiro sejam votados louvores, pelo bom desempenho do importante cargo que a sociedade lhe tinha confiado.

Posto á votação este parecer, foi approvado unanimemente, e bem assim que se consignassem na acta louvores ao sr. thesoureiro.

3.º Um officio do sr. Antonio Bernardo Teixeira, agradecendo á sociedade a sua admissão para socio. — Inteirada.

Passou-se á

PRIMEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA

O sr. *Tedeschi* mandou para a mesa uma proposta para socio effectivo, proposta que declarou urgente.

Approvada a urgencia, e corrido o escrutinio, verificou-se ter sido votado unanimemente para socio effectivo d'esta sociedade o sr. José Thomás de Sousa Martins, pharmaceutico residente na pharmacia ultramarina, em Lisboa.

da Ordem dos Farmacêuticos

SEGUNDA PARTE DA ORDEM DO DIA

Teve segunda leitura o parecer da commissão de direito pharmaceutico, approvando uma proposta do sr. Manuel Vicente de Jesus, para membro honorario.

Posta á votação, foi approvada, sendo em seguida proclamado membro honorario da sociedade pharmaceutica lusitana o sr. Antonio Alves Ferreira, pharmaceutico estabelecido na cidade do Rio de Janeiro.

O sr. *Manuel Vicente de Jesus* deu parte que a mesa tinha ido cumprimentar o sr. Telles, podendo informar a sociedade que este senhor se achava muito melhor, sem comtudo estar completamente restabelecido.

Por proposta do sr. *Tedeschi* decidiu-se que a mesa fosse cumprimentar o sr. Telles, e felicita-lo pelas suas melhoras.

O sr. *Tedeschi* deu parte que tinha vindo na folha official o sr. *Francisco Bernardo Pimentel*, nosso consocio, agraciado com o grau de cavalleiro da ordem de Christo, e que por esse motivo propunha que o sr. primeiro secretario lhe officiasse, felicitando-o em nome da sociedade.

Foi approvada esta proposta.

O sr. *presidente* perguntou se algum dos socios queria propor algumas questões scientificas para o trigesimo anno; depois de alguma discussão decidiu-se que visto não ter apparecido memoria alguma sobre as questões propostas no anno passado, permanecessem as mesmas.

Decidiu-se, sob proposta do segundo secretario, que para a sessão solemne anniversaria se fizessem convites aos socios benemeritos e honorarios, ás redacções dos jornaes scientificos e a todas as associações.

Moveu-se alguma discussão sobre se a sessão solemne devia celebrar-se no dia 24, visto ser domingo, decidindo-se a final que fosse transferida para o dia 27.

Não havendo nada mais a tratar, o sr. *presidente* fechou a sessão, dando para ordem do dia da immediata, depois da sessão solemne, a eleição dos funcionarios da sociedade para o trigesimo anno.eram mais de onze horas da noite. — *Joaquim Urbano da Veiga*, segundo secretario.

ACTA N.º 637 DA SESSÃO SOLEMNE ANNIVERSARIA
EM 27 DE JULHO DE 1864

Presidência do sr. *Joaquim José Alves* (segundo vice-presidente)

Pelas nove horas da noite, estando presente um grande numero de socios effectivos, honorarios e benemeritos,

declarou o sr. presidente aberta a sessão solemne anniversaria.

Em seguida teve logar a leitura do

RELATORIO DOS TRABALHOS DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA
DURANTE O VIGESIMO NONO ANNO DA SUA INSTITUIÇÃO
PELO SEGUNDO SECRETARIO JOAQUIM URBANO DA VEIGA

Senhores: — Em conformidade com o que determina o § 11.º do artigo 9.º do nosso regimento interno cumpre-me, na qualidade de segundo secretario, apresentar-vos o relatório dos trabalhos de que esta sociedade se tem occupado durante o anno que hoje finda. Esforçar-me-hei por corresponder á confiança que em mim depositastes, e se não o conseguir, acreditae que não foi por falta de desejos e esforços, mas de dotes intellectuaes, indispensaveis nos individuos destinados a exercer cargos de tanta importancia como este.

Antes porém de começar a relatar os trabalhos que durante o vigesimo nono anno da instituição da nossa sociedade mereceram a sua particular attenção, permiti-me, senhores, que comvosco me congratule por uma circumstancia que mostra que esta sociedade continua a merecer toda a consideração da parte dos poderes publicos. Esta circumstancia foi, que tendo o conselho de saude publica do reino representado ao governo sobre a necessidade absoluta em que se estava de mandar confeccionar um novo regimento de preços dos medicamentos, em harmonia com o novo systema de pesos e medidas, o governo encarregou d'este trabalho uma comissão composta na sua totalidade de socios d'esta sociedade. Estes cavalheiros, querendo por um lado corresponder á confiança que o governo n'elles tinha depositado, e por outro lado satisfazer a todas as justas e rasoaveis exigencias dos collegas, promoveu uma discussão sobre os melhoramentos a introduzir no novo regimento; esta discussão occupou a attenção da sociedade durante algumas sessões, resultando apresentarem-se alguns alvitres aproveitaveis que a benemerita comissão prometteu ter em toda a conta. Cabe-me a

honra de agradecer em nome de toda a sociedade esta prova de subida consideração que com ella teve a commissão.

A mesa continuou a promover o andamento e a diligenciar o bom exito da representação que esta sociedade dirigiu ultimamente ao governo, sobre a reforma dos estudos pharmaceuticos; mas é com o maior pezar que vos annuncio que estas diligencias e instancias da mesa nada poderam conseguir, e que este negocio se acha infelizmente no mesmo estado de esquecimento da parte do governo, que por emquanto parece pouco resolvido a occupar-se d'este assumpto, aliás de tanta importancia para a nossa classe e para o paiz em geral. Ainda mais, o governo, ao passo que recebia as nossas instantes supplicas para nos dotar com uma escola de pharmacia, ou pelo menos com algumas cadeiras de pharmacia regidas por pharmaceuticos, e annexas ás escolas medico-cirurgicas, apresentou e fez passar nas duas casas do parlamento diferentes propostas de lei, creando cadeiras e logares nas mesmas escolas e universidade de Coimbra. A mesa, julgando ser uma occasião propicia aquella em que se discutiam estas diversas propostas de lei, apresentou-se novamente e empregou os possiveis esforços para que o governo promovesse a discussão do projecto que em tempo competente tinha apresentado.

As propostas passaram, os logares e as cadeiras foram creadas, e a respeito da nossa pretensão o mesmo silencio desanimador da parte do governo. Temos em Portugal tres escolas de medicina, sem contar com as duas excrecencias que vegetam no Funchal e em Goa. As tres escolas que temos no continente percorrem-se hoje em sete a oito horas!! Mas a par d'esta profusão de escolas de medicina não temos uma só de pharmacia, poisque tal nome não merece esse simulacro de escola que o decreto de 29 de dezembro de 1836 creou annexo ás escolas medico-cirurgicas, onde os alumnos não podem receber a instrucção especial de que tanto carecem. Examinae, senhores, quantas reformas e melhoramentos se têm introduzido nas escolas de medicina, creadas n'aquella mesma epocha de 1836, e ao passo que tantas reformas e me-

lhoramentos se têm decretado para estas escolas, a de pharmacia está ainda na sua primitiva, sem que até hoje tenha obtido o mais insignificante melhoramento. Mas seja dito em homenagem á verdade, que a sociedade pharmaceutica lusitana tem empregado sempre os possiveis esforços para conseguir melhorar a instrucção pharmaceutica; e não é de certo a culpada de que este ramo de instrucção publica tenha até hoje sido tão completamente descurado da parte dos poderes publicos.

Desculpae-me, senhores, esta pequena digressão, só motivada pelo desejo que tenho de que a nossa classe obtenha a importancia social que merece, mas que desgraçadamente não tem.

Outro assumpto não menos importante occupou tambem por algum tempo a attenção d'esta sociedade. Foi elle a discussão sobre a possibilidade e conveniencia do estabelecimento de uma pharmacia central em Lisboa. Grande e nobre foi este pensamento, senhores; infelizmente, porém de mui difficil execução. A larga discussão que sobre tal assumpto houve n'esta sociedade provou até á evidencia as grandes e incalculaveis vantagens que a classe e o paiz em geral colheria com tão util instituição.

Atrever-nos-hemos mesmo a avançar uma proposição que a indole d'este trabalho nos não permite desenvolver. Esta proposição é, que o estabelecimento em Lisboa de uma pharmacia central, digna d'este nome, e a criação de uma bem organizada escola de pharmacia seriam dois factos por si só capazes de resolver o grande problema, para cuja solução esta sociedade trabalha incessantemente ha tantos annos, qual é a emancipação da classe pharmaceutica, com o credito e importancia de que tanto carece.

Este negocio foi entregue a uma commissão especial, encarregada de estudar os meios de levar a effeito um estabelecimento de tal importancia.

As vossas commissões funcionaram regularmente, algumas propostas lhes foram enviadas, sobre as quaes ellas apre-

sentaram os competentes pareceres, tendo a satisfação de os ver approvados pela sociedade.

Algumas commissões especiaes foram nomeadas com o fim de estudarem diversos assumptos. A primeira foi, como já disse, a encarregada de estudar os meios de levar a effeito o estabelecimento de uma pharmacia central em Lisboa. Comquanto esta commissão tenha sido nomeada ha bastante tempo, ainda comtudo lhe não foi possível apresentar o resultado dos seus trabalhos. Vós todos, senhores, avaliareis, de certo, as difficuldades com que ella terá de lutar, a fim de poder propor-vos um alvitre aceitavel e exequivel.

Outra commissão foi tambem nomeada, com o fim de estudar as causas de tão repetidos abusos de policia pharmaceutica, e o mais seguro meio de evitar a sua continuação. Seria bem para desejar que a commissão pudesse encontrar um meio efficaz de cortar por uma vez tantos abusos, todos em manifesta desconsideração para a nossa classe. Quanto a nós, a causa não é tão facil de remover, como era para desejar. Esta sociedade tem, como lhe cumpre, representado por vezes contra taes infracções das nossas leis, no que, força é confessa-lo, tem sido secundada pelo conselho de saude publica do reino, mas permitta-se-nos emittir aqui a nossa opinião sobre este assumpto. Parece-nos que a causa de tão repetidos abusos de policia pharmaceutica está na pouca coherencia das nossas leis, está nas chamadas leis de retalho, leis de momento, que se servem para remediar um mal presente, acarretam, não poucas vezes, um grande numero de males futuros. Temos d'isto a prova no que actualmente se está passando com o fornecimento dos medicamentos para os hospitaes regimentaes. Todos vós sabeis que conjuntamente com o nosso regimento dos preços dos medicamentos vem uma comprida serie de artigos, que, por assim dizer, resumem a legislação em vigor com relação ás officinas pharmaceuticas legalmente estabelecidas. Entre estes artigos ha um que diz que o pharmaceutico que vender os medicamentos por preço *maior* ou *menor* do que o taxado n'aquelle regi-

mento, pagará de multa nove vezes o valor do medicamento vendido, etc., etc. É claro portanto que o governo não quer que o pharmaceutico venda medicamentos por preço maior ou menor do que o taxado no regimento. Vejamos agora a coherencia nas nossas leis.

No regulamento geral do serviço de saude do exercito vem um artigo (184.º) que diz que o fornecimento dos medicamentos dos hospitaes que não tiverem pharmaceutico especial, será feito por um pharmaceutico civil, pelo modo mais conveniente ao bom tratamento dos enfermos e á *economia da fazenda*. Os contratos dos fornecimentos de que trata este artigo são dependentes da approvação da repartição de saude do ministerio da guerra.

Quereis saber, senhores, como se fazem estes contratos?!! Arrematam-se a quem por menor preço fornecer!!! Eis a maneira como um decreto referendado pelo ministro do reino é calcado aos pés no ministerio da guerra. Esta absurda disposição tem feito com que as celebres arrematações continuem impunemente, e já por vezes esta sociedade tem recebido representações dos seus delegados, pedindo providencias sobre tão degradantes factos. Ainda não ha muito tempo vós deveis ter visto no nosso jornal o processo de um pharmaceutico que teve a triste lembrança de ir *por convite publico da autoridade competente* arrematar o fornecimento dos medicamentos para o hospital civil da localidade!!! Mas perguntaremos nós, será porventura um crime para o pharmaceutico arrematar o fornecimento de medicamentos para um hospital civil, e não o será igualmente para um hospital militar? Ora se o conselho de saude publica do reino, fiscal das leis de saude, quizer metter em processo um pharmaceutico, porque arrematou o fornecimento dos medicamentos por um preço muito inferior ao taxado no regimento dos preços, embora para um hospital militar, como se haverá o ministerio publico para fazer a pronuncia? Se por um lado vê uma flagrante infracção das leis de saude, por outro vê um decreto permittindo taes arrematações!.. Já vedes, senhores, que

impossivel se torna isto continuar no estado de anarchia em que actualmente se acha, e que é de esperar que a commissão compenetrada d'estas incontestaveis verdades trabalhe activamente, a fim de encontrar um meio efficaz de que possamos lançar mão, para extinguir taes abusos, origens de tantas desconsiderações para a nossa classe.

Ainda uma outra commissão foi nomeada, com o fim de inquerir do estado actual do monte pio pharmaceutico, e de propor as bases para a sua reforma. Esta commissão tem tido muitas reuniões, tem trabalhado incessantemente e faz os possiveis esforços para dentro em pouco vos apresentar o resultado dos seus trabalhos.

Os vossos funcionarios esforçaram-se todos em desempenhar, o melhor possivel, os cargos para que os nomeastes, merecendo alguns d'elles justos louvores pela maneira distincta com que souberam corresponder á confiança que n'elles tinheis depositado, mas n'este numero de certo não entra o segundo secretario, que apesar de seus esforços, apenas pôde conseguir um desempenho mediocre, mas certamente proporcionado ás suas debéis forças, e é por isso, senhores, que vos peço que no proximo anno encarregueis d'este serviço algum sócio, que pela sua intelligencia e saber se torne digno da vossa consideração, e melhor o saiba desempenhar.

No nosso laboratorio chimico fizeram-se tres analyses chimico-legaes, a pedido da procuradoria regia da relação de Lisboa.

A primeira teve lugar nas visceras de Maria Mónica, por deprecada vinda da comarca de Leiria.

A segunda teve lugar nas visceras de Pedro José Gonçalves Beirão, por deprecada vinda da comarca de Idanha a Nova.

A terceira nas visceras de Antonio Manuel da Costa, por deprecada vinda da comarca de Alcacer do Sal.

Todas estas tres analyses foram já publicadas no nosso jornal, e n'elle podereis colher mais amplos conhecimentos a tal respeito.

A receita e despeza da sociedade, conforme as contas apresentadas pelo sr. thesoureiro, foi:

Receita	323\$780
Despeza	266\$295
Solto em cofre	<u>57\$485</u>

Tivemos a infelicidade de perder alguns socios, como logo vereis pelo resumo do quadro da sociedade, que o sr. primeiro secretario vos apresentará. Entre estes socios, cuja perda a sociedade deplora, permitti, senhores, que mencione o lente de chimica no instituto industrial e director da casa da moeda e papel sellado, o sr. Sebastião Bettamio de Almeida, ha pouco fallecido, victima de um amolecimento cerebral. A sociedade perdeu n'elle um socio de uma intelligencia pouco vulgar, e que não poucos serviços prestára á sciencia, que tão dignamente professou, e a esta sociedade, que em 1854 lhe offerecêra o diploma de socio honorario, em remuneração d'esses mesmos serviços. Todos nós, de certo, sentimos a perda de tão digno socio.

A nossa bibliotheca foi enriquecida com algumas offertas importantes, com que alguns socios a contemplaram; entre estas cumpre-me mencionar-vos vinte e tres volumes de obras escolhidas sobre pharmacia, chimica, materia medica e botanica, offerecidas a esta sociedade pelo nosso consocio o sr. Antonio Alves Ferreira, pharmaceutico estabelecido no Rio de Janeiro, que offereceu tambem 54\$000 réis fortes para o cofre do monte pio pharmaceutico. Não foi esta a unica offerta que o cofre do monte pio teve n'este anno, poisque o sr. Antonio Fernando da Costa, tambem estabelecido no Rio de Janeiro, o contemplou, pela segunda vez, com uma offerta de 100\$000 réis fortes.

Toda a sociedade apreciará devidamente tão valiosas offertas.

Resta-me ainda fallar-vos do monte pio pharmaceutico. Esta tão util associação chegou infelizmente a um estado de decadencia tal, que impossivel se tornava corresponder ao humani-

tario fim da sua instituição. A sociedade, reconhecendo esta incontestavel verdade, nomeou, como já vos disse, uma commissão encarregando-a de inquerir do estado do monte pio pharmaceutico, e de propor as bases para a sua reforma. Como membro d'esta commissão posso afiançar-vos que ella trabalha activamente, e espera dentro em pouco apresentar-vos o seu relatorio. Mas o monte pio precisa da cooperação de vós todos, e é de esperar que todos vos empenheis para que tão util instituição corresponda ao seu fim. Só assim, senhores, o monte pio pharmaceutico, estabelecido em solidas bases, e com o vosso valioso auxilio, poderá dentro em pouco offerecer garantias aos seus socios, terminando aquella existencia anomala e impossivel que até agora tem arrastado.

Concluido este relatorio leu o sr. primeiro secretario Manuel Vicente de Jesus o programma das questões scientificas, a lista dos doadores e dos objectos doados e o resumo do quadro actual da sociedade, com as alterações occorridas no anno findo, do modo seguinte:

PROGRAMMA DAS QUESTÕES SCIENTIFICAS

A sociedade pharmaceutica lusitana, em observancia do § 8.º do artigo 27.º dos seus estatutos, tem a honra de apresentar aos amadores das sciencias o seguinte

PROGRAMMA

PRIMEIRA QUESTÃO

A historia da pharmacia portugueza desde a fundação da monarchia portugueza até hoje.

SEGUNDA QUESTÃO

Uma pharmacopéa pratica, verdadeiramente portugueza, que represente o estado actual da sciencia.

TERCEIRA QUESTÃO

A enumeração e classificação zoologica dos animaes que habitam qualquer das nossas provincias, que não estejam classificados.

QUARTA QUESTÃO

A analyse chimica completa de uma planta indigena, que tenha uso medicinal reconhecidamente proveitoso, acompanhada da respectiva descripção e classificação botanica e propriedades therapeuticas.

QUINTA QUESTÃO

Uma memoria que comprehenda:

- 1.º O estado actual da pharmacia em Portugal, em relação aos progressos da sciencia;
- 2.º O seu paralelo ou comparação com a pharmacia estrangeira;
- 3.º Influencia que, sobre o seu melhoramento, interesses materiaes e scientificos, póde exercer a restricta observancia de uma bem regulada policia medica;
- 4.º Prejuizos que da falta de uma tal observancia podem provir á classe, á sciencia e á humanidade;
- 5.º Causas da decadencia da pharmacia entre nós, e meios de as evitar e destruir.

CONDIÇÕES

Os premios consistirão em medalhas de oiro, tendo de um lado, no centro de uma corôa de louro, a seguinte inscripção: «Ao membro benemerito», e do outro o timbre da sociedade e a legenda «sociedade pharmaceutica lusitana». A estes premios terão direito os individuos que satisfizerem cabalmente a qualquer das questões propostas. Os que, não satisfazendo cabalmente a qualquer das questões referidas, a sociedade julgar dignos da honra do *accessit*, réceberão o diploma de membro honorario.

Todas as memorias que vierem a concurso serão escriptas em portuguez, se os seus auctores forem naturaes d'estes reinos, e em francez se forem estrangeiros, e virão dirigidas ao primeiro secretario da sociedade, por todo o mez de abril do anno em que tiverem de ser julgadas.

Deverão trazer o nome do auctor em carta fechada, na qual se lerá por fóra, como divisa, a mesma epigraphe da memoria, e que será aberta na sessão solemne, se a memoria for premiada; no caso contrario a carta será queimada sem ser aberta, se a memoria não obtiver premio, e esta será entregue ao seu auctor, pedindo-a, com a mesma epigraphe declarada no exterior da carta.

As memorias que houverem de ser lidas na sessão solemne e anniversaria deverão ser approvadas para esse fim pela sociedade; alem d'isso serão impressas e publicadas na collecção, que terá por titulo «Memorias da sociedade pharmaceutica lusitana.»

Finalmente os premios conferidos aos concorrentes nem sempre serão uma prova decisiva de que esta sociedade sanciona absolutamente a doutrina das memorias, mas sim um testemunho authenticico de que seus auctores desempenharam em geral o exigido pela sociedade no seu programma.

LISTA DOS DOADORES E DOS OBJECTOS DOADOS DURANTE O VIGESIMO NONO ANNO
DA SOCIEDADE

Archivo municipal—Da camara municipal de Lisboa.

Anuario portuguez, scientifico, litterario e artistico, por J. J. de Sousa Tellas—Doador Antonio Alves Ferreira.

Boletim do instituto medico valenciano—Do mesmo instituto.

Boletim da commissão dos indústrias do Porto—Da commissão.

Banhos (os) turcos e suas applicações á hygiene e á therapeutica—Pelo auctor o dr. José Antonio Marques.

Breves considerações ácerca da analyse e refutação publicada pelo tenente Adolpho Ferreira do Loureiro—Pelo auctor.

Compendio de materia medica e therapeutica do dr. Beirão—Por A. A. Ferreira.

Curso de chimica e botanica, de Guedes—Por A. A. Ferreira.

Curso de physica elementar, de Guedes—Por A. A. Ferreira.

Curso elementar de chimica, de Debray—Por A. A. Ferreira.

Curso elementar de physica, de Almeida—Por A. A. Ferreira.

Curso elementar de chimica, de Regnault—Por A. A. Ferreira.

Diccionario de medicina, de Nysten—Por A. A. Ferreira.

Diccionario de sciencias e artes, de Bouillet—Por A. A. Ferreira.

Diccionario de pharmacia hespanhol—Collegio de pharmaceuticos de Madrid.

Elementos de pharmacologia geral, do dr. Gomes—Por Alves Ferreira.

Estatistica medica do hospital de S. José, até março de 1863—Da administração do mesmo hospital.

Escholiaste (o) medico—Da redacção.

Formulario ou guia medica, do dr. Chornoviz—Por Alves Ferreira.

Guia pratica das aguas mineræes, de James—Por Alves Ferreira.

Gazeta medica de Lisboa—Da redacção.

Hespanha medica—Da redacção.

Instituto (o) de Coimbra—Da redacção.

Inoculações (as) syphiliticas e vacino-syphiliticas, por Henrique Lee—Traduzidas e offerecidas pelo dr. José Antonio Marques.

Jornal de pharmacia e sciencias accessorias de Lisboa—Da redacção.

Jornal da sociedade das sciencias medicas de Lisboa—Da redacção.

Jornal de pharmacia e sciencias medicas da India portugueza—Da redacção.

Jornal da associação industrial portuense—Da redacção.

Liberdade (a)—Da redacção.

Livro de recreio sobre a sciencia para os meninos, Popper — Por Alves Ferreira.

Memoria sobre a tracheiotomia no garrotinho, por seu auctor o sr. Antonio Maria Barbosa.

Memoria, estudos estatisticos, hygienicos e administrativos sobre as doencas e mortalidade no exercito portuguez, pelo dr. José Antonio Marques.

Manual de botanica do dr. Bentley — Por Alves Ferreira.

Pharmacopéa do real collegio des medicos de Londres — Por Alves Ferreira.

Questão (a) das gerações espontaneas na actualidade, memoria escripta pelo dr. Lino Augusto de Macedo e Valle — Por seu auctor.

Revista medico-militar da India portugueza — Da redacção.

Revista de pharmacia e sciencias accessorias do Porto — Da redacção.

Relatorio geral do serviço da repartição de saude no anno de 1862, publicado pelo conselho de saude publica do reino — Do mesmo conselho.

Restaurador pharmaceutico — Do collegio de pharmaceuticos de Madrid.

Sessão publica anniversaria do instituto medico valenciano — Do mesmo instituto.

These, estudo sobre as vicissitudes por que tem passado o tratamento das fracturas do craneo, e em particular a trepanação — Por José Joaquim de Sousa Pereira.

Toxicologia judicial e legislativa de Macedo Pinto — Por Alves Ferreira.

Tratado de therapeutica e de materia medica de Trousseau — Por Alves Ferreira.

Tratado de analyse chimica de Poggiale — Por Alves Ferreira.

Trabalhos do observatorio meteorologico do Infante D. Luiz (nono anno, 1863) — Pelo director do observatorio.

RESUMO DO QUADRO DA SOCIEDADE COM AS ALTERAÇÕES OCCORRIDAS
N'ESTE ANNO LITTERARIO

SOCIOS PROTECTORES

Sua Magestade Fidelissima El-Rei o Senhor D. Luiz I.
Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando II.

FOI ADMITTIDO — BENE MERITO

O sr. Antonio Fernando da Costa, Rio de Janeiro.

HONORARIOS

Os srs. Antonio Maria Barbosa, Lisboa.
Lino Augusto Macedo e Valle, Spuzel.
João José de Sousa Telles, Lisboa.
Antonio Alves Ferreira, Rio de Janeiro.

EFFECTIVOS

Os srs. Antonio Manuel Augusto Mendes, Lisboa.
José Joaquim Pinto de Almeida, Lisboa.
José Romão de Almeida, Lisboa.
José Mendes Jara, Lisboa.
Manuel Antonio Thomás Lino, Lisboa.
José Thomás de Sousa Martins, Lisboa.

CORRESPONDENTES NACIONAES

Os srs. Antonio José Pereira Martins, Guimarães.
Antonio Domingos Alvim, Braga.
José Custodio Monteiro, Pesô da Regua.
José Ribeiro Guimarães Draock, Abrantes.

PEDIA A DEMISSÃO — EFFECTIVO

O sr. Pedro Fernandes da Cunha, Lisboa.

CORRESPONDENTES NACIONAES

Os srs. Antonio Francisco de Lima, Porto.
Jacinto de Medeiros Coutinho, Porto.
Manuel Antonio Pinto, Souzel.
Rafael Gonçalves de Azevedo, Aldeia Gallega.

FALLECEU — HONORARIO

O sr. Sebastião Bettamio de Almeida, Lisboa.

EFFECTIVO

O sr. Ignacio José Franco, Belem.

CORRESPONDENTES NACIONAES

Os srs. Joaquim de Sousa Nascimento, Lagos.

Joaquim Pedro Duarte, Beja.

SOCIOS EXISTENTES

Protectores	2
Benemeritos	17
Honorarios nacionaes e estrangeiros	33
Effectivos	67
Correspondentes nacionaes	184
Ditos estrangeiros	19
Total	<u>322</u>

Terminada esta leitura o sr. vice-presidente recitou uma breve oração adequada ao objecto do dia, e leu em seguida o discurso do sr. presidente Henrique José de Sousa Telles, que tudo vae transcripto no proximo numero.

(Continua.)

EDITAL

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DE LISBOA

TRAVESSA DA PORTA DO CARRO, A S. LAZARO

José Lourenço da Luz, do conselho de Sua Magestade, par do reino, lente jubilado e director da escola medico-cirurgica de Lisboa, etc., etc.

Faço saber que no dia 5 de outubro tem logar a abertura das aulas, e que as matriculas para os cursos medico-cirurgico, pharmaceutico e de parteiras, começarão no dia 15 do corrente, na secretaria da escola das nove ás onze horas da manhã, e findarão a 30.

Este praso é prorogado até 15 de outubro para os alumnos que legalmente provarem motivo attendivel que os impediu

de se matricular em no tempo marcado, sendo-lhe contadas as faltas que tiverem dado antes da matricula.

Os individuos que pretenderem matricular-se n'algum dos cursos escolares deverão dirigir-nos o seu requerimento instruido com os documentos seguintes:

Curso medico-cirurgico

1.º *anno*—Certidão de maioridade de quatorze annos e dos exames, em lyceu de 1.ª classe, de grammatica e lingua portugueza; grammatica latina e latinidade; mathematica elemental; principios de physica e chimica, e introdução á historia natural dos tres reinos; philosophia racional e moral, e principios de direito natural; historia, geographia e chronologia; desenho linear; lingua ingleza; lingua franceza. Physica, chimica inorganica e organica na escola polytechnica, academia polytechnica ou faculdade de philosophia.

Em conformidade com a portaria de 3 de maio de 1864 poderão matricular-se os individuos que não apresentarem certidão de exame de desenho linear, ficando comtudo obrigados a apresenta-la até á matricula do 3.º anno.

2.º *anno*—Certidões de exame das disciplinas do 1.º anno, e de zoologia na escola polytechnica, academia polytechnica ou faculdade de philosophia.

3.º *anno*—Certidões de exame das disciplinas do 2.º anno, e de botanica na escola polytechnica, academia polytechnica ou faculdade de philosophia.

4.º e 5.º *annos*—Certidões de exame das disciplinas do anno anterior, e de frequencia em pharmacia (só os do 4.º) e em clinica cirurgica.

Acto grande—Certidões de exame das disciplinas do 5.º anno, e depositar, alem d'isso, na secretaria cincoenta exemplares da sua these impressa segundo o modelo estabelecido.

Curso de pharmacia

1.º *anno*—Certidões de maioridade de quatorze annos e dos exames nos lyceus de grammatica e lingua portugueza; grammatica latina e latinidade; lingua ingleza; lingua fran-

ceza; mathematica elementar; principios de physica e chimica e introdução á historia natural dos tres reinos; philosophia racional e moral e principios de direito natural; chimica e botanica na escola polytechnica, academia polytechnica ou faculdade de philosophia.

2.º anno — Certidão de frequencia do 1.º anno.

Curso de parteiras

1.º anno — Certidões de maioridade de vinte annos, de vida e costumes, passada pelo administrador do bairro ou concelho onde tenha residido ultimamente, e de exame de ler e escrever, feito perante qualquer professor publico.

2.º anno — Certidão de frequencia do 1.º anno.

Escola medico-cirurgica de Lisboa, 1.º de setembro de 1864. — O director, *José Lourenço da Luz*.

Está conforme. — O lente secretario, *dr. Abel Jordão*.

ANNUNCIO

Pilulas de proto-iodureto de ferro inalteravel, preparadas segundo o processo de Blancard, pelo pharmaceutico Manuel Vicente de Jesus. — Estas pilulas analysadas pela sociedade pharmaceutica lusitana, e ensaiadas nos hospitaes de Lisboa e na clinica particular, são identicas ás francezas pela sua composição e propriedades medicinaes, tendo sobre ellas a recommendavel vantagem de serem menos consistentes.

Depósitos parciaes. — Lisboa, pharmacia dos srs. A. F. A. de Azevedo & Filhos, Rocio, n.º 88; na do sr. A. A. R. de Oliveira, rua dos Retrozeiros, n.º 40; Barral, rua Aurea, n.º 126; e na drogaria do sr. Serzedello & C.ª, largo do Corpo Santo.

Porto, pharmacia do hospital real de Santo Antonio, campo dos Martyres da Patria.

Abrantes, pharmacia do sr. M. V. de Jesus Senior.

Lagos, pharmacia do sr. Manuel Gascon.

Rio de Janeiro, pharmacia do sr. Antonio Fernando da Costa, rua da Prainha, n.º 40.

Deposito geral — Pharmacia de M. V. de Jesus, largo do Rato, n.ºs 46 e 47.

QUÍMICA

SOBRE UM NOVO CHLORURETO DE CARBONIO
A BENZINA PERCHLORADAPELO SR. M. H. MULLER ¹

Introduzindo, pouco a pouco, benzina no deuto-chlorureto de antimonio, desenvolve-se acido chlorhydrico e produz-se tri-chlorureto, que se leva ao estado de deuto-chlorureto por meio de uma corrente de chloro. Ora chega um momento em que o chloro cessa de ser absorvido; se então se lança tudo no acido chlorhydrico fraco, todo o antimonio se dissolve, enquanto se deposita uma substancia branca crystallina.

É um novo chlorureto de carbonio $C^{12} Cl^6$, que pôde ser considerado como a benzina, na qual o hydrogenio é substituido pelo chloro.

Depois de ter filtrado e lavado com acido chlorhydrico o deposito, contendo este chlorureto, faz-se seccar, depois sublimar, e enfim crystallisar em uma mistura de benzina e de alcool. Obtêm-se assim prismas alongados, brancos, sedosos, sem cheiro nem sabor, fuziveis a 200° , e sublimando-se em agulhas, fazendo lembrar as do acido benzoico. É insolúvel na agua, mas um pouco soluvel no alcool frio, e melhor ainda no quente; a benzina, o ether, o chloroformio e o sulphureto de carbonio o dissolvem em todas as proporções.

O acido sulphurico concentrado não tem sobre elle acção alguma, mesmo a quente e á temperatura de fusão d'este chlorureto de carbonio. O acido azotico e a potassa não têm também acção alguma.

¹ Os acidos não convem pela mesma razão, de sorte que quando se trata de dosar o carbonio do ferro ou do aço é preciso recorrer ao iodo ou ao bromio, que atacam o ferro sem tocar no carvão. É verdade que o residuo não contém sómente graphite, retém também silicio, e mesmo ferro. Acrescentaremos que a descripção que foi dada deve ser rectificada no sentido que o residuo obtido pelo bromio contém também enxofre, cuja presença pôde tornar-se manifesta pelo tratamento por meio do acido azotico.

Este composto offerece uma grande analogia com o chlorureto de carbonio de Julin, pela formula $C^{20} Cl^{10}$. O auctor suspeita haver identidade entre os dois compostos.

J. J. ALVES.

HYDROGENIO ESTIBIADO MEDICINAL

POR D. JOSÉ MONTADO E BORDAZ

Obtem-se pondo em um pequeno matraz 6 grãos de grenalha de zinco, 3 grãos de antimonio porphyrisado e 3 grãos de tartrato de antimonio potassico, cujas substancias sejam chimicamente puras; a esta mistura se ajuntam 30 grammas de acido chlorhydrico, e immediatamente se tapa a abertura do matraz por meio de uma rolha de cortica previamente banhada em cera, adaptando-se um tubo de Welter, para conduzir o hydrogenio estibiado que vaé produzindo se dentro de um frasco bi-tubulado que contenha uma solução alcalina, a fim de que fiquem decompostos os vapores do acido chlorhydrico que se desenvolvem ao mesmo tempo que o hydrogenio estibiado medicinal. Disposto assim o pequeno apparelho, faz-se collocar na extremidade da abertura do frasco uma pequena esponja ligeiramente molhada, para que o gaz produzido não se desprenda com impeto, e possa o enfermo receber commodamente suas inhalações por espaço de seis minutos em cada hora.

O hydrogenio estibiado medicinal é incolor e inodoro, arde com chamma amarella e desenvolve vapores brancos de oxydo de antimonio. Tem-se recentemente feito uso das inhalações d'este agente therapeutico, como antiphlogistico, para combater com bom exito as pneumonias e certos accessos de asthma.

O apparelho vascular dos orgãos respiratorios parece ser o que principalmente gosa da acção do medicamento, sem experimentar, por seu contacto, irritação alguma nos bronchios.

Em consequencia d'isto as inhalações do hydrogenio estibiado medicinal, administradas em circumstancias convenientes, poderiam ser um bom recurso para deter os rapidos pro-

grossos da tísica, d'esse terrível azote do genero humano, que tão frequentemente esparge a dor entre as familias.

O auctor julga de grande importancia se generalise o emprego d'este moderno agente therapeutico, e dirigindo-se aos medicos, diz que, depois de repetidas observações, acharão que é preferivel debaixo de todos os conceitos, a subministrar as preparações antimoniaes em substancia, usadas hoje no tratamento das flegmasias pulmonares.

J. J. ALVES.

(El Rest. pharm.)

ACÇÃO DO ACIDO AZOTICO SOBRE A CAMPHORA E SOBRE OS OLEOS
ESSENCIAES E RESINAS

PREPARAÇÃO DO ACIDO CAMPHORICO (MONOYER)

O sr. Schwanert propoz-se determinar a quantidade de acido camphorico que se obtem quando se trata a camphora pelo acido azotico, e durante este trabalho foi conduzido ao conhecimento de outros productos, a que dá origem esta operação, alem de uma materia resinosa, já indicada pelo sr. Laurent, e mais tarde pelo sr. Blumenau.

Ora esta materia que possui a consistencia e cheiro da terebinthina de Veneza, é um acido perfeitamente caracterizado, que o auctor chama camphoresico, o qual póde ser formado a expensas do acido camphorico, se a oxydção é prolongada; ao mesmo tempo ha formação de agua e de acido carbonico.

Empregando 3 kilogrammas de camphora ordinaria (das laurineas), introduzindo-a a pouco e pouco em doze vezes este peso de acido azotico do commercio; densidade 1,34, aquecendo por vinte e quatro horas e cohibando, obtem-se $\frac{1}{4}$ de acido camphorico. Este acido existe nas aguas mães com algum acido azotico, uma perção de camphora, acido camphorico e um oleo viscoso amarello que é mesmo um acido.

Para o isolar aquecem-se as aguas mães até que se tenham tornado viscosas, depois de esfriarem junta-se-lhes 10 partes de agua, approximadamente. Forma-se um liquido leitoso, que não tarda em tornar-se claro, abandonando o oleo amarello já mencionado, do qual uma parte é mantida em disso-

lução com o acido camphoresico. Evapora-se e torna-se a tratar o residuo secco pela agua, retirando-se a lavagem até que este fique inteiramente dissolvido, e que pela evaporação o liquido deixe de emittir vapores nitrosos. Dilue-se em agua e abandona-se a si mesmo por muito tempo, ou até que se formem crustas crystallinas de um acido obtido por Blumenau, e que ainda não foi analysado. As aguas mães submettidas á evaporação subministram acido camphoresico puro, que, segundo a opinião do sr. Monoyer, não é mais que o acido camphorico anhydro.

Póde chegar-se mais promptamente ao fim pretendido, vertendo nas aguas mães primitivas sufficiente quantidade de acetato de chumbo, com o qual se precipita immediatamente todo o camphorato de chumbo, e o camphoresinato só mais tarde é que se precipita, se o acetato de chumbo foi empregado em sufficiente quantia. O acido deve ser isolado por uma corrente de hydrogenio sulphurado.

O acido camphoresico não tem cheiro, tem um sabor acido ligeiramente amargo, e é solúvel em todas as proporções em agua, alcool e ether. Póde obter-se directamente por meio da concentração; elle possui então uma consistencia de terebinthina, que abandona quando em logar de ser evaporado a quente a sua dissolução, convenientemente concentrada, for abandonada a si mesmo por algum tempo; então o acido deposita-se em massa granulosa, conservando todavia alguma viscosidade.

É muitissimo basico; o auctor attribue-lhe a formular $C^{20}H^{18}O^4$, sendo o carbone na razão de 48,21, 48,98 por 100, de accordo com o carbone do acido acetico e da acetona. Entre 180° a 220° centigrados, subindo lentamente, condensa-se elle em gotas oleosas de acido pyrocamphoresico $C^{20}H^{14}O^8$, notando-se que ao mesmo tempo se forma um sublimado crystallino formado pelo acido metacamphoresico $C^{20}H^{10}O^{10}$, e finalmente, a partir do 220°, sublima-se acido camphoresico anhydro.

O acido pyrogenado é viscoso e de cheiro aromatico, mais

denso do que a agua, que o não dissolve; não se solidifica a zero, mas só entre 206° a 210°, e é muito solúvel em alcohol e ether.

A sua dissolução alcoolica possui uma reacção fortemente acida; elle arde sem deixar residuo, e os seus vapores provocam tosse.

O acido pyrocamphoresico é tribasico, da mesma fórmula que o metacamphoresico; são congeneres. Este, que é sublimavel, é solúvel em alcohol, no qual se deposita em laminas rhomboidaes fusiveis a 89°, retomando uma consistencia solida a partir de 66°, e é igualmente solúvel no alcohol e ether.

Pela destillação secca camphoresica decompõe-se em acidos pyro e metacamphoresico, acido camphorico anhydro, acetona, agua, acido acetico, acido carbonico e carvão; não notamos a existencia de oxido de carbone n'estes productos.

O perchlorureto de phosphoro ataca violentamente o acido camphoresico; mas d'esta reacção não póde o auctor tirar mais que um oleo que contém $\frac{1}{4}$ por 100 de chloro. O acido sulphurico concentrado ou anhydro e o carbone dão ao mesmo tempo logar á anhydrite camphorica.

Com o bromio os camphoresinatos dão bromoformios.

Por destillação secca o sal de cal produz a phoronite.

Os camphoresinatos são incristallisaveis. O auctor preparou os ethers camphoresicos, mono, bi e tribasicos; todos elles têm o cheiro aromatico e o sabor acre e amargo; pouco solúveis em agua, mas solúveis em alcohol.

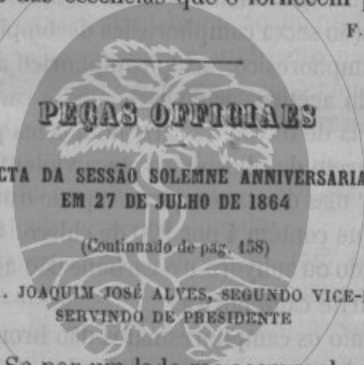
O acido camphoresico parece ser um producto constante da oxydação de todos os hydrocarburetos da formula da essencia de terebinthina ou dos compostos oxygenados de que elles se derivam. O caoutchouc, bem como a gutta percha, o succino, o ozokerite e muitas outras resinas fosses produzem os mesmos resultados. As gommias resinas, ammoniaco, galvano e mastic fornecem uma notavel proporção, não menos que as essencias isomeras do alcanphor, taes como o oleo de camphora, $C^{20} H^{16} O^2$, e essencia de terebinthina.

Tambem se tem obtido da camphora de Borneo $C^{20} H^{18} O^2$,

e seu isomero a essencia de cajeput, essencia de hortelã pimenta, etc. Com a essencia de terebinthina obtem-se ao mesmo tempo o acido insolénico, sempre que se opere com o acido azotico concentrado, porque empregando-se este diluido em igual volume da agua produz-se o acido teraphthalico do sr. Caillot, acido que parece ser homologo com o insolénico. É pois indispensavel empregar sempre o acido concentrado.

Como é possivel que o acido camphorico se transtorne em acido camphoresico, o auctor julga que deve antes extrahir-se das resinas e das essencias que o fornecem por oxydação.

F. J. R. LOUAINO.



PEÇAS OFFICIAES

**ACTA DA SESSÃO SOLEMNE ANNIVERSARIA
EM 27 DE JULHO DE 1864**

(Continuado de pag. 158)

**ORAÇÃO DO SR. JOAQUIM JOSÉ ALVES, SEGUNDO VICE-PRESIDENTE,
SERVINDO DE PRESIDENTE**

Senhores:— Se por um lado me acompanha o mais subido prazer, pela honra que me cabe de presidir n'este dia de tanta gloria á sessão em que todos vimos solemnizar o primeiro passo dado na civilisação e independencia da pharmacia, por outro cedo á mais viva emoção, por nos vermos privados do concurso do estimavel presidente d'esta sociedade, falta esta que, como sabeis, é devida a impossibilidade physica, que a Providencia, felizmente, se fez cargo de bellar, promovendo-lhe o restabelecimento que nós todos desejámos.

Para preencher tão grande lacuna competia esta honra ao sr. primeiro vice-presidente; podemos porém acreditar que ponderaveis rasões nos privam d'esse prazer, sendo-me confiada a missão de os substituir, aindaque imperfeitamente.

Muitos oradores com o dom da eloquencia se têm esforçado em mostrar d'este logar os direitos que á pharmacia

competem, como sciencia. Como philosophos têm feito por convencer, como oradores têm chegado a persuadir.

Não tenho a minima intenção de pretender approximar-me de homens tão eminentes; julgo comtudo do meu dever, antes de recitar a oração que o nosso presidente me confiou, commemorar o dia do melhor dos feitos, que teve em mira a illustração e independencia da classe pharmaceutica.

Desejára n'este momento possuir a sciencia e força necessarias para manifestar a expressão que me dicta o coração, e fazer soar n'este recinto a linguagem austera da verdade a respeito de uma classe tão util como carente da mais justa protecção.

O homem, senhores, é um ente racional, moral e social; dotado de intelligencia reconhece a sciencia como uma propriedade que lhe é inherente, e ganhando o campo do genio faz por adquirir no futuro um monumento a elevar-se e um logar distincto a obter na sociedade.

A sociedade não é um simples conjuncto de homens unidos pela natureza e regida por leis certas, significa ainda mais, é a tendencia do espirito humano para o bem e para a perfeição, comprehende ainda a philosophia moral, e exige o triumpho da justiça, da razão e do bem estar.

As sociedades são filhas das mutuas necessidades dos homens, e como taes são instituições de utilidade reconhecida.

A sociedade pharmaceutica lusitana, creada pela ardente e generosa iniciativa de alguns pharmaceuticos, significa para nós a expressão de um pensamento tão nobre e elevado que as suas sessões solemnes foram e são ainda contadas no numero das importantes solemnidades scientificas do paiz.

Completa vinte e nove annos que uma justa revolução se operou na pharmacia portugueza, tendente a promover a sua regeneração. É em consequencia d'ella que nos vemos hoje reunidos, para o que contribuíram as firmes vontades e nobre valor de alguns pharmaceuticos, que do coração emprehenderam fazer entrar a pharmacia na esphera que de direito lhe pertence.

Estes feitos gloriosos se não foram devidamente apreciados e remunerados, tambem os não esquecem aquelles que recebem a benéfica sombra da arvore então plantada.

Todos anteviam um horisonte risonho parecendo dirigir os seus raios de luz para a classe que vivia na obscuridade; illustres varões, alguns dos quaes ainda nos escutam, se uniram pelos laços da fraternidade e amor de sciencia para empregarem todos os seus cuidados na verdadeira felicidade da classe pharmaceutica, até ali opprimida.

Uma tão ardua empreza, embora seguida de aves agoureiras, devia, pela união de vontades, ter produzido os mais satisfactorios resultados. Porém essa esperança por tanto tempo alimentada em nossos corações não foi mais do que uma perfeita illusão, trazendo-nos, ainda que tarde, o cruel desengano de que a classe pharmaceutica está votada a ser um escravo no meio de cidadãos livres, negando-se-lhe a principal prerogativa — a *instrução*.

É digna, por certo, das mais justas recompensas a sociedade que, como a nossa, é útil à humanidade!

A civilização primitiva consistiu na instrução mais ou menos completa de um certo numero de espiritos, que abraçando toda a esphera das realidades que os cercavam, lhes mostraram que a sciencia creou em torno do homem um mundo de maravilhas.

E com effeito a sciencia, pelos melhoramentos que introduz nas condições materiaes da vida, ligando-se cada vez mais a nossos interesses, representa uma boa parte da nossa existencia. É tão sentida a utilidade das noções scientificas, que cada um conhece o direito de empregar todos os meios de adquirir o maior numero de conhecimentos, e é principalmente n'isto que se funda a lei do *progresso*, lei que está em luta continua com a lei da inercia, que symbolisa a luta da vida contra a morte, a intelligencia contra a ignorancia.

Bastante tem a sociedade pharmaceutica feito para o progresso da pharmacia: debalde porém se tem esforçado em mostrar que é ella uma sciencia toda philosophica, e a quem

a natureza concede tambem um logar distincto no meio das outras sciencias.

Sim, senhores, a pharmacia é irmã gêmea da medicina; entre estes dois ramos ha a necessidade da mais parallela instrucção, para que mutua reputação possam grangear.

Não careço demonstrar-vos o que deixo dito, porque uma voz mais auctorizada o comprova.

Eis como se expressa um bem conhecido e distincto medico portuguez em uma passagem de sua eloquente oração.

«A pharmacia precisa ainda mais que o medico possuir todos os ramos scientificos que entre nós contribuem á philosophia natural.

«O pharmaceutico não é medico, não lhe competem as graduações da medicina, mas é um philosopho naturalmente, e pertencem-lhe as graduações d'esta faculdade, que em nada são inferiores áquellas.

«Discipulos filhos da mesma mãe, o cirurgião e o pharmaceutico, sómente ligados pela dependencia natural de suas faculdades, serão individuos independentes, iguaes em consideração e sem reciproca subordinação.»

Assim devia ser, mas é uma verdade ultrajada.

A classe pharmaceutica, digamo-lo francamente, tem sido e continua a ser completamente esquecida; para ser devidamente contemplada muito ha a fazer, e é mister que esta sociedade não se afaste, antes prosiga com todo o desvelo no caminho traçado por seus instituidores.

Que victoria não alcançaremos todos no dia em que a pharmacia portugueza appareça revestida da consideração e prosperidade de que carece!

A luta em que a classe se acha ha tantos tempos empenhada não é tão facil de superar, mas a boa vontade e animo varonil dos que militam em suas fileiras serão optimos recursos para nivelarem a pharmacia portugueza com a das nações cultas da Europa, onde esta profissão tem sido attendida, porque tem merecido seguramente os cuidados dos governos

esclarecidos e da propria medicina, a primeira a exigir a instrucção pharmaceutica.

É tempo pois, senhores, de que a classe unisona mostre vida: torna-se da mais absoluta necessidade que por si e por todos os seus membros recorra ás mais elevadas protecções; e empregando seus nobres esforços, e crentes na sabedoria com que o Auctor do universo dirige tudo, conquistaremos para a pharmacia portugueza o maior padrão de gloria, *sciencia e consideração*. Disse.

Em seguida leu o seguinte

DISCURSO DO PRESIDENTE DA SOCIEDADE O SR. HENRIQUE DE SOUSA TELLES

Senhores consocios e amigos meus: — Ainda uma vez tenho a dirigir-vos a palavra d'este logar de distincção a que a vossa delicadeza me elevou e em cujo desempenho cada um de vós, como mais digno, devia ser preferido.

Confunde-se a minha humildade com tanta honra, amesquinha-me porém o immerecido d'ella quando considero a vossa proficiencia e a dos illustres consocios que no exercicio de tão arduas funcções me antecederam.

Entrando Cyniras no Areopago de Athenas pareceu-lhe ver um rei em cada um dos varões que compunham aquelle *augusto senado*. Eu pairando a vista sobre vós, senhores, vejo uma assembléa de sabios. O embaixador lacedemoniense formou na sua mente uma hypothese, eu avanco uma realidade. Respeito as hierarchias, mas acato e amo as sciencias. As primeiras provém muitas vezes do nascimento, as segundas são sempre a consequencia do talento e de mui porfiado estudo. Um e outro superabunda em vós, senhores.

E é na vossa presença que tenho de expender meus fracos raciocinios? Ah! Que dura sorte me aguarda! Vou sulcar um vasto oceano sem bussola que me guie e sem Mecenas que me apadrinhe. Que farei para não soçobrar, navegando no duvidoso baixel de minha insufficiencia? Expandirei, se me for possivel, as azas de meu limitado entendimento, e no incerto curso de meu vô invocarei o vosso auxilio, que servindo-me

de bussola n'este *mare magnum* será igualmente o meu Meceenas.

Senhores, vasto e fertil é na verdade o campo das sciencias quando espiritos habeis e competentemente predispostos o agricultam e amanham, mas tornar-se-ha infertil e ingrato se uma intelligencia tardia e inapta, não podendo, a despeito de grandes esforços, tomar o vôo da aguia, se deixar inclinar para a terra com o peso da insufficiencia.

Os antigos romanos, que tanto no bem como no mal podiam servir de exemplo a todos os povos, tiveram grandes homens nas armas, nas sciencias e nas artes. Aquella grande nação prestou uma particular attenção á educação da mocidade, e com rasão cuidavam em dispor e dirigir os noveis mancebos que um dia deviam ser o apoio e o ornamento do imperio. Crearam *censores*, homens abalisados em todas as virtudes civicas e moraes, que lhes regulavam a conducta, reprimiam os vicios e mesmo castigavam o desregramento. Por similhante fórma vemos n'aquella nação innumerous heroes desde Romulo, Numa Pompilio e outros até á decadencia d'aquelle povo, a quem as demasiadas riquezas e luxo asiatico corromperam o coração e fizeram baquear na frente das nações rivaes.

Muito conviria entre nós, pelo menos a algumas classes, examinar previamente, isto é, antes de admittidos os candidatos, não só a sua vocação scientifica e moral, mas até os proprios instinctos e propensões.

Classes ha que exigem nos seus alumnos grande fino, muita dignidade e firmeza de character. Estas qualidades, as unicas, talvez, que podem afastar o *ridiculo* e falta de consideração de que ordinariamente são victimas, e de que se queixam sem muita rasão. Nem sempre se faz justiça, é verdade, e vemos quasi sempre temar o todo pela parte.

Chateaubriand tem sido louvado pelo seu profundo saber, não menos do que pela sua gravissima modestia, e ainda hoje admirâmos n'um *poeta pagão*, o suavissimo Virgilio, a decencia e gravidade que transluz em seus versos.

O homem que se dedica a uma profissão scientifica deve ter

a consciencia das suas forças e da propensão para ella, e deve caprichar por attingir, pelas suas relevantes qualidades, um logar distincto na estima publica. Porquanto aindaque a exaltação das paixões desvaira por momentos algumas imaginações fortes, sempre tarde ou cedo a razão entra na ordem, retoma o seu logar, e a imparcialidade faz justiça ao merecimento e á intelligencia, que, por dizer assim, se torna mais sensata e mais discreta, e com razão, poisque a intelligencia é um dom precioso que para se adquirir precisa-se não só uma predisposição particular, mas muito trabalho, muito estudo e um gosto decididamente dedicado ás sciencias e disposto a arrostar com innumerables obstaculos, que trazem consigo a insomnia, o fastio, a despeza e muitas vezes perigosas enfermidades. Porém, senhores, quando se tem chegado a adquirir um grau scientifico que eleva o homem ás alturas das utilidades da patria, quem deixará de o honrar e de lhe tributar as homenagens de respeito que lhe são devidas?

É d'est'arte e por semelhante motivo que temos visto florescerem entre nós as artes e as sciencias, quer naturaes, quer especulativas ou quer metaphysicas. Não vos farei, senhores, um catalogo dos nomes de seus auctores, nem das suas obras; sois assás abalisados na lição da historia patria, e não ignoraes o estado florescente da nossa litteratura.

É para notar que os povos, em geral, desviam muitas vezes a atenção das escabrosidades scientificas, que não bem apreciam para volve-la a quadros mais lisonjeiros, em que a imaginação ainda mediocre acha placidos encantos que os embellezam, um certo maravilhoso que os arrebatam, e que amenisando-lhes o genio e a condição os torna mais humanos e sociaveis. Assim os harmoniosos sons da *lyra de Orpheu* attrahiam os insensiveis penhascos que serviram á edificação de Thebas. Assim Apollo domesticou a aspereza dos boçaes pastores, tornando em deliciosas *coréas* o que antes eram repugnantes brinquedos.

O estudo é a causa efficiente de todos os melhoramentos moraes e sociaes. Entre o complexo quadro que apresentam

as humanidades ou bellas letras, agradaram sempre com preferencia, alem das artès mais uteis, a *musica* e a *poesia*. E com effeito, senhores, são ellas que fallam ao nosso coração, que descrevem os *costumes dos povos*, *celebram as acções dos heroes* e as perpetuam, transmittindo-as á posteridade em harmoniosos hymnos e sonoros cantos.

A *Illiada* e a *Odyssea* existem, supposto que Homero e a *antiga Grecia*, de quem celebrou as glorias, tenham acabado. *Roma pagã* vive na memoria de todos e vivirá sempre emquanto durar a famosa *Eneida* de Virgilio, que tão bem soube cantar as suas grandezas.

Tudo, senhores, quanto foi grande tem sido objecto de tão sublime producção. O *famoso legislador de Israel* descreveu a creação em admiravel poesia; Milton cantou o *Paraiso perdido* e o *Paraiso restaurado*; Gesner celebrou o primeiro *Argonauta* e o Apolonio de Rhodes a *Conquista do velocino de oiro*.

Não é porém só á poesia que muito se deve, é tambem á historia, essa pregoeira das acções dos povos antigos, que mais que os modernos faziam escrever os seus fastos, e não menos do que estes faziam florescer as artes e as sciencias. Adão com a perda da *innocencia* não perdeu a *sciencia infusa* que recebêra do Creador. Depois do terrivel *cataclismo* que submergiu o mundo ensinou a seus filhos todas as artes necessarias á vida. Depois da sua morte appareceram genios altivos e assás reprehendedores. Chegou mesmo a haver potentados que, servindo-se do predomião que tomaram sobre os povos que dominavam não punham limites á execucao dos seus caprichos. São d'isto formidaveis exemplos, não menos do que dos estragos do tempo, *Babylonia* com suas assombrosas muralhas e torreões, *Nivine* de immensa extensão. *Memphis* a *voluptuosa*, *Palmira*, *infeliz*, e finalmente o *Templo de Jerusalem* e outros muitos monumentos da grandiosa fatuidade humana que não enumero.

É uma verdade inquestionavel que as artes e as sciencias tomaram n'aquelles tempos gigantescas dimensões, e apresen-

taram tal incremento que ainda hoje, apesar de tantas luzes, nos offuscam as grandezas artisticas do Egypto, da China e da Asia. Quem ha que não admire a descripção do Templo de Diana em Epheso, victima do atrevimento de Erostrato, do Colosso de Rhodes, o tumulo de Mausolo, desempenho primoroso de uma esposa amante; os tumulos ou pyramides collossaes do famoso Egypto; as louças finissimas da India e da China; as suas delicadas tintas, primorosos estofos e mais artefactos; os de Damasco, e de toda a Persia, que fazem ainda hoje os melhores adornos das damas, como faziam em outro tempo os das vaidosas romanas, não esquecendo as bellissimas purpuras de Tyro, tão apreciadas em toda a parte?

Maravilham-nos as memorias que lemos d'esses primores das artes e das sciencias. Todos temos presentes as grandezas da antiga Roma, e admiramos as descripções dos seus obeliscos, as suas estatuas, os seus templos magestosos, os seus aqueductos, os seus amphitheatros, os seus banhos publicos e particulares em que as damas chegaram a tal excesso de voluptuosidade que deram materia a uma das famosas satyras do Juvenal.

A pintura, a esculptura e a architectura foram principalmente as que muito sobresaíram n'aquellas remotas eras. A desditosa Grecia, outr'ora tão bellicosa, tão poetica e tão feliz, não espargiu por toda a parte a luz das sciencias e das artes, que saindo do seu areopago, do severo Portico, de Estoa, de Esparta e de Athenas, foi illustrar a mesma altiva Roma, que d'ella recebeu o modelo para as suas academias e reuniões scientificas! As suas poesias não foram ellas uma imitação das que tiveram berço na Grecia? A *Eneida* de Virgilio, a *Thebaida* de Estaço, a *Pharsalia* de Lucano e as mesmas *Metamorphoses* de Ovidio e o mesmo pindarico Horacio não beberam elles na mythologia grega a inspiração de seus lindos versos? Os seus mesmos oradores não partilham a mesma influencia saboreando o nectar de toda a qualidade de instrucção exportada d'aquella nação de sabios? Assim como Achilles fez

Alexandre, poderemos dizer que a Grecia fez Roma. As escolas gregas seguiam cada uma as doutrinas de um só preceptor, e pouco depois, ou por me explicar com mais propriedade, aquelles que antecedentemente sustentavam o *Magister dixit*, appareciam tão grandes como elles. Tal era a predisposição d'aquelles espiritos para a sciencia. Nomear-vos-hei, senhores, de entre tantos sabios o profundo Berozo, a quem a famosa escola de Athenas levantou estatuas; o severo Chiron, que contente encarou sem pavor os seus ultimos momentos, porque a philosophia lhe serviu de grande soccorro; Pittaco pelos mesmos principios insultou, já sobranceiro á morte, o proprio tyranno que no peito lhe embebeu o ferro homicida; Pythagoras, Cleobolo, Bias, Pyriandro, Anacharsis e Anaximandro, philosophos extremados, que tanto illustraram a Grecia como a engrandeceram Messenio, todo entregue á proficua agricultura, que depois foi objecto dos sublimes versos de um Vanière.

Admirámos Thales que fundou na Grecia a primeira escola, e que fixou sobre a terra o ponto de solsticio antes mesmo da invenção do telescopio; ainda mais, predisse a theoria dos eclipses, e estabeleceu por principio de todos os seres uma doutrina que coincidiu muito depois com as idéas do grande Buffon.

Nenhum de vós desconhece o nome do grande Aristoteles, o philosopho por excellencia; não fallo d'elle mais extensamente, porque a sua escola já não domina, supposto que a sua gloria e fama passa intacta dos acintes do tempo.

Tambem não preciso mencionar-vos as theorias e systemas mui sabidos de diversos philosophos e astrónomos que muito figuraram pelas suas doutrinas, taes como Tycho-Brahe, Archimedes, Descartes, Copernico e outros muitos, porque as monadas, os atmos e os turbilhões desappareceram na presença de Gallileo, Malebranche, Franklin e Newton, que deram fundamento á nova escola, que estabeleceu o systema solar. Finalmente, senhores, seria nunca terminar e transporia os limites da vossa paciencia, se quizesse descrever-vos os

systemas e descobertas de tantos varões illustres da antiguidade, que principiaram ou lançaram as bases sobre que hoje se funda o edificio scientifico, para o que muito concorreu o famoso barão de Verulamio. A mesma geometria, essa philosophia pratica, que segundo o parecer de um grande douto, é a dourada chave que franqueia os porticos da natureza, onde teve origem? Primeiro entre os innocentes pastores da Chaldeia, e depois nas inundações periodicas do Nilo, que fertilisa o famoso Egypto.

Porquanto as artes e sciencias foram sempre em augmento desde os primeiros philosophos gregos até Socrates e Platão, até Seneca e Lucilio, até Theophrasto, Coelithenes, Malebranche, Locke e d'estes até Policiano, até Laplace, e atravessando os tempos por entre tantas descobertas famosas, mesmo em physica e chimica, chegaram ao tempo actual, tão fertil em uteis descobertas.

Em apoio da minha opinião fallam os factos, e como estes são muitos, citarei alguns, que bem provam o quanto póde a força da vontade d'esses espiritos verdadeiramente votados ao estudo da sciencia e das artes. Não vos é, senhores, desconhecida a introdução da lithographia, nem a sua utilidade; o daguerrotypo; a photographia; as vias ferreas; a telegraphia electrica percorrendo longos espaços até submarinos; as viagens aerostaticas em que têm viajado não só entes racionais, mas até quadrupedes; a navegação a vapor e a applicação d'este fluido a tantas machinas uteis aos interesses da humanidade. O uso e proveito que se está tirando da electricidade, e os melhoramentos de que ella ainda póde vir a ser causa essencial são incalculaveis. A physica, a mechanica e a philosophia jogam de accordo n'este concurso.

Conheço, senhores, que fazendo uma applicação excepcional á industria, ao commercio e mesmo ás artes e sciencias, muitas vezes lhes têm sido uteis as associações, mórmente emquanto ellas, fieis á observancia dos seus estatutos e dos regulamentos, se não extraviam da regra de conducta que elles lhes assignaram.

Porém, senhores, a experiencia nos tem mostrado a fallibilidade das cousas humanas.

Na Europa e mesmo na Gran-Bretanha, America ingleza e outros paizes tomaram estas associações grande incremento, e tambem é certo que muitas, até entre nós, se tornaram ephemeras e não corresponderam aos fins da sua instituição.

Principiaram com grande enthusiasmo, e debaixo dos melhores auspicios, mas dominadas pelo orgulho, pela rivalidade e pelo egoismo perverteram-se nos seus caminhos, e poderse-lhes-ia applicar o *sic transit gloria mundi*. Porque emfim, senhores, o orgulho é congenere da soberba, é o amor desordenado da propria excellencia. A rivalidade desencadeia as paixões, invade o merecimento alheio e o guerreia. O egoismo, finalmente, é a ambição desregrada que induz a desejar cada um só para si o que deve ser propriedade commum de todos.

Felizmente nunca a sociedade pharmaceutica lusitana foi affectada de semelhantes vicios, por isso existe. Nunca o fluido phagedenico de quaesquer torpezas calou nos animos de seus illustres membros. Fieis á observancia de seus estatutos têm caminhado de frente erguida por tão largo espaço, procurando sempre os melhoramentos na pharmacia, e em tudo quanto diz respeito aos interesses da sciencia e da classe.

Se alguém houver a quem pareça o contrario tenha o incommodo de examinar, como mais severo, mas justo criterio, as causas provaveis dos obstaculos que ella se tem esforcado por supplantar, e muitas das quaes não lhe foi possivel vencer. Bem quanto se tem dito acerca da falta de estudos e mesmo de policia medica. Lamenta-se o não termos ainda uma posição conveniente e que corresponda ao estado actual da sciencia. Talvez haja rasão; mas porventura deverá ser por esta falta arguida a sociedade? Parece-me, senhores, que se lhe faria uma grande injuria, porquanto muito tem ella feito para conseguir o seu melhoramento e para chegar ao fim de um *desideratum* que tão necessario se torna. Sobre este assumpto ha muito e por differentes vezes tem ella empregado os seus

esforços, confeccionando e discutindo mui seriamente varios projectos, que fez apresentar ao governo de Sua Magestade e ás camaras legislativas, mas que infelizmente tiveram sempre um resultado negativo.

Agora mesmo, senhores, acaba ella de empregar novas diligencias para obter um feliz resultado ácerca do ultimo projecto de reforma de estudos pharmaceuticos, que ha tempo aqui confeccionámos, e que com tanto afan discutimos.

Quanto á policia medica já uma vez e n'um dia como este vos fallei bem explicitamente sobre este assumpto; bem sabeis portanto como penso a similhante respeito.

A imprensa pharmaceutica tambem pela sua parte tem estigmatizado o desleixo que tem havido sobre tão importante objecto. Ainda assim se o estado em que hoje se acha não é prospero, pelo menos tem melhorado muito. Nem se pense que a auctoridade competente menospreza este ramo de sua immediata competencia; não, senhores, ella vigia e comprehende a sua posição, tem ouvido a voz da sociedade e a voz da imprensa, e se mais não faz é talvez porque lhe vão de encontro disposições e circumstancias que neutralizam as suas attribuições e as inutilizam; ella não foi quem coordenou os seus regulamentos nem fixou a elastica iniciativa da repartição judicial, que acha sempre sophismas caprichosos, que fazem do sôro contencioso uma rocha Tarpeia, d'onde precipitam as mais bonanças esperanças e *hoc fontes derivata clades in patriam populumque fluxit*. Relativamente á posição de que a nossa classe ainda carece convem, senhores, irmos de vagar, estomagos fracos não digerem facilmente alimentos substanciaes. Talvez não tarde a epocha de atingirmos essa posição que nos pertence. A nau do estado é de grandes dimensões, a sua manobra é difficil, ainda em mar bonançoso, quanto mais navegando sempre n'um oceano encapellado e tormentoso. Deixemos tomar porto seguro, e confio que tendo reunido todos os elementos necessarios a uma boa administração não será a nossa classe esquecida. Temos um proximo exemplo no que acaba de se praticar ácerca dos facultativos e

pharmaceuticos navaes e castrenses, dos quaes alguns de vós foram por tal solicitude agraciados. Temos pendente uma representação, esperámos o resultado.

A morte aniquilou um consideravel numero de nossos consocios.

A idade e as molestias impossibilitam outros de poderem coadjuvar-nos.

Os interesses pessoaes e de familia, tão mesquinhos e tão escassos no nosso paiz, invalidam e reduzem á nullidade os mais ardentes desejos de outros. A necessaria e indispensavel assistencia nas pharmacias, principalmente á vista da escassez de ajudantes, impedem não poucos pharmaceuticos de ajuntarem os seus aos nossos esforços.

Ainda poderia registrar outros exemplos, porém ficarei aqui. Não deixarei comtudo de lembrar-vos que grande numero de nossos consocios nacionaes, varões de grandes forças litterarias e scientificas, animados a nosso respeito dos mais lisonjeiros desejos, nos têm dado convincentes provas, e mesmo feito avultados serviços. Porém, senhores, vivem longe de nós.

Resta-me, senhores, fallar-vos do monte pio pharmaceutico; fa-lo-hei em breve: é o monte pio uma instituição benefica destinada a reunir fundos com que se possa acudir aos desgraçados.

Foi este o pensamento que presidiu á sua criação; já se deu um facto em que isto se verificou; felizmente não se têm renovado. Entretanto, forcoso é confessa-lo, elle não tem caminhado bem, e isto por deficiencia da sua organização. O numero dos seus socios tem diminuido, e por consequencia diminuta tem sido a sua receita; ainda assim possui um fundo sufficientemente attendivel. Em varias occasiões temos tentado a reforma d'esta utilissima associação, e causas eventuaes têm sempre paralyzado as nossas tão benignas intenções. Uma ultima tentativa se poz agora em pratica para se levar a effeito tão necessaria reforma. É de esperar dos illustres cavalheiros que empreendem o leva-la ao fim, não o fazerem de maneira

que os seus resultados correspondam ao fim justo e santo para que se destina. E eu, senhores, juntando aos vossos esforços minhas pequenas forças, não serei o ultimo a applaudir obra tão meritoria.

Relevae-me, senhores, se abusei da vossa paciencia. Disse.

VARIÉDADES

Alumen com base de ferro e de thalium, pelo sr. M. I. Necklées.—O alumen com base de thalium, de que fizemos menção anteriormente, facilmente se conhece; tambem contém alem d'este oxydo outros, como referimos no citado numero antecedente.

O auctor tem obtido octaedros de alumen que contêm $Al \frac{1}{3} + Fe \frac{2}{3}$, e outros que continham estes dois metaes em sentido ou relação inversa, isto é, $Fe \frac{1}{3} Al \frac{2}{3}$.

ANNUNCIO

Pilulas de proto-iodureto de ferro inalteravel, preparadas segundo o processo de Blancard, pelo pharmaceutico Manuel Vicente de Jesus.—Estas pilulas analysadas pela sociedade pharmaceutica lusitana, e ensaiadas nos hospitaes de Lisboa e na clinica particular, são identicas ás francezas pela sua composição e propriedades medicinaes, tendo sobre ellas a recommendavel vantagem de serem menos consistentes.

Depositos parciaes.—Lisboa, pharmacia dos srs. A. F. A. de Azevedo & Filhos, Rocio, n.º 88; na do sr. A. A. R. de Oliveira, rua dos Retrozeiros, n.º 40; Barral, rua Aurea, n.º 126; e na drogaria do sr. Serzedello & C.ª, largo do Corpo Santo.

Porto, pharmacia do hospital real de Santo Antonio, campo dos Martyres da Patria.

Abrantes, pharmacia do sr. M. V. de Jesus Senior.

Lagos, pharmacia do sr. Manuel Gascon.

Rio de Janeiro, pharmacia do sr. Antonio Fernando da Costa, rua da Prainha, n.º 10.

Deposito geral—Pharmacia de M. V. de Jesus, largo do Rato, n.ºs 46 e 47.

PHARMACIA

FORMULA DO UNGUENTO DE HOLLOWAY

Cera amarella	3	y
Cera branca	3	4
Resina	3	libras
Banha	j	"
Spermaceti	3	j
Terebinthina de Veneza	3	y
Oleo commum	q.	s.
Faça unguento s. a.		F. J. R. Loureiro.
(El restaur. pharmac.)		

PILULAS DO MESMO AUCTOR HOLLOWAY

Ipecacuanha em pó	} aã 4 libra
Sesquicarbonato de soda	
Sabão de Castella	} aã 2 "
Myrrha em pó fino	
Gengibre em pó	j 3 "
Xarope simples	q. b.

Faça massa, e d'esta pilulas idoneas.

XAROPE CONTRA A RONQUEIRA (MIALHE)

Xarope de gomma	150	grammas
Xarope de tolu	50	"
Xarope de phelandrio	50	"
Nitrato de potassa	10	"
Agua de louro-cerejo	10	"

Misturem-se.

Para tomar uma colher das de sopa por cada vez, em uma infusão quente de melissa, no começo do padecimento.

(Abeille medicale.)

Centro de Documentação Farmacêutica
Ordem dos Farmacêuticos

QUÍMICA

A GLYCERINA COMO REMEDIO ESPECIFICO CONTRA O OIDIUM

PELO SR. NICOTO

Entre as muitas substancias que até agora se têm empregado para combater a enfermidade das vinhas, chamada oidium, que ha alguns annos infesta os vinhedos, nenhuma por ora se encontrou que apresentasse uma acção prompta contra este mal.

O enxofre é o unico que tem produzido effeitos mais salutaes e é muito recommendado como o mais efficaç; mas se attendermos ao seu caracter physico-chimico devemos acreditar que este corpo simples e chimicamente puro em contacto com o oidium obra tão sómente por uma lei physico-mechanica e não physico-chimica, como se mostrará.

O enxofre privado das materias estranhas é um corpo insolavel na agua e só se une com o oxygenio do ar no estado nascente, porém em contacto com a vide não póde formar nem acidos, nem sulphuretos, nem tambem seguir em larga escala a serie de transformações chimicas que a sciencia admite e ensina.

Dizemos que o enxofre á temperatura ordinaria em que se acha em contacto com a vide não póde originar acidos sulphuroso, sulphurico nem sulphuretos alcalinos, e com effeito se o contrario acontecesse elles teriam a propriedade de atacar o tecido cuticular da planta e de destruir-lhe a cellular. Diremos mais, que um germen qualquer não póde ser desalojado por uma substancia pulverulenta que se acha no estado de corpo simples, como o enxofre.

Póde provar-se este facto sempre que intentarmos recolher flores e fructos de terra onde se tenha empregado enxofre puro, nos quaes nada acharemos que denuncie a sua absorpção; já se vê pois que pulverisando a vide com o enxofre antes de apparecer a fatal enfermidade não faremos mais do que preparar o terreno distincto e proprio aos seres parasitas que

tanto sympathisam com a vide. Se não bastarem estas estereis observações para demonstrar a acção mechanica do enxofre em contacto com as criptogamicas, ainda poderíamos offerecer outras, entre as quaes citaremos a seguinte:

Recolhemos em uma garrafa um cacho de uvas, antes da efflorescencia, contendo enxofre em quantidade sufficiente (peso conhecido); quando o cacho chegou á completa madureza recolhemos approximadamente a quantia do enxofre empregada, á excepção de 50 centigrammas menos, que com fundamento supponho se volatilizou, porque com os reactivos chimicos não podemos descobrir o mais insignificante vestigio de enxofre, nem no cacho nem no sumo d'este.

Desejoso de encontrar um remedio que obrasse chimicamente sobre a vide, applicado por uma vez sômente, em termos a livra-la do flagello, e que a esta propriedade reunisse tambem a de não a prejudicar, e quanto possivel preferivel ao enxofre, não dando ao vinho o desagradavel sabor que muitas vezes lhe dá o acido sulphydrico: é o que com effeito pôde obter com o azeite, já só, e já em suspensão com agua, tendo por espaço de quatro annos sempre os melhores resultados, os mais salutaes effeitos.

O methodo que no principio empreguei foi o seguinte:

Dissolvi 25 grammas de penta-sulphureto de potassio em 1 litro de agua, e juntei immediatamente 50 grammas de azeite, agitando a mistura fortemente, de modo que resultasse uma mistura homogenea.

Pela reunião d'estas tres substancias formam-se oleatos, stearatos, margaratos de potassa e acido sulphydrico, que se desenvolve, e oxydo hidratado de glicerina ou glicerina sulphurada.

Com este liquido e por meio de um pincel suave se untam exacta, mas levemente os cachos, tocando ao mesmo tempo as folhas, sendo a occasião melhor para proceder a esta operação quando a uva tem adquirido a grossura dos grãos de escumilha. A unctuosidade que conserva não a deixa levar pelo vento, nem pela chuva, e applicado uma só vez é sufficiente,

não só para destruir o oidium, mas tambem para preservar a vide d'elle.

F. J. R. LOUREIRO.

(Rev. de los prog. de las scienc.)

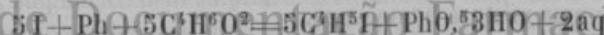
PREPARAÇÃO DO PROTOXYDO DE COBRE DEBAIXO DA FÓRMA
DE UM BELLO PÓ VERMELHO

Sulphato de cobre	30	grammas
Sal de Seignette	45	»
Assucar de canna	60	»
Agua distillada	360	»

Aquece-se em uma capsula de porcelana, e quando operada a dissolução junta-se-lhe soda caustica 45 grammas, ferve-se, mexendo de tempo a tempo, substituindo a agua que se evapora. Quando o liquido se torna incolor, de azul que era, o que quasi sempre tem logar depois de uma hora de fervura, o protoxydo está formado e deposita; decanta-se, lava-se em agua, depois em alcool, secca-se e guarda-se. O producto são 8 grammas.

ETHER IODHYDRICO (BIETH E BEILSTEIN)

As proporções que, depois de muitas experiencias, os auctores julgaram corresponder á possivel exactidão são as da seguinte equação:



Tambem acharam que se podia obter á primeira operação um ether iodhydrico, e melhor, macerando por vinte e quatro horas a mistura de iodo, de phosphoro e de alcool. Este ultimo póde ser a 90°.

Eis-aqui o *modus faciendi*:

Phosphoro amorpho	10	partes
Alcool a 90°	5	»

Introduz-se n'uma retorta munida de um aparelho refri-

girante convenientemente montado, e ajunta-se-lhe, pouco a pouco:

Iodo secco 100 partes

Vinte e quatro horas depois procede-se á distillação.

Ao producto addiciona-se uma quantia de lixivia caustica, a fim de o descolorar e de precipitar o pouco ether iodhydrico que reste em dissolução.

Póde ainda rectificar-se uma vez, e obtem-se então n'um estado correspondente á theoria.

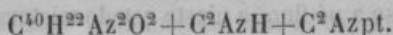
O *caput mortuum* retém ainda uma certa quantidade de phosphoro amorpho que póde servir, depois de lavado e secco, para novas operações.

PLATINO-CYANURETO DE POTASSIUM COMO REACTIVO DOS ALCALOIDES
(DELFFS)

O platino-cyanureto de potassio não precipita todos os alcaloides, e os precipitados que elle forma possuem, em geral, a propriedade de serem soluveis em agua fervendo, tornando a separar-se de novo no estado crystallino, pelo resfriamento.

No numero dos alcaloides precipitaveis deve contar-se a quinidina, ao contrario a quinina e a cinchonina não são precipitaveis, e póde fundar-se sobre estes dois factos uma separação d'estas bases.

A combinação cinchonica possui a formula:



Ella transforma-se, quando a decide, em um liquido que se ennegrece a uma temperatura mais elevada. A combinação quinidinica é amarella pallida. A da brucina crystallisa em laminas hexagonaes.

Continuam as observações, porque esta materia está ainda muito longe do termo da perfeição.

F. J. R. LOUREIRO.

PREPARAÇÃO DO ZINKATYLO

O sr. Pebal simplificou consideravelmente o aparelho imaginado para a preparação do zinkatylo, antes empregado pelo

sr. Frankland, a ponto de que hoje é facil obter grandes quantidades d'este corpo, tão interessante quanto alteravel.

Com o fim de estudar a acção d'este radical sobre os aldehydes e sobre os acetonas, os srs. Rieth e Beilstein prepararam uma forte porção por meio do processo e apparelho do sr. Pebal, com que fizeram algumas observações praticas.

Segundo elles, o bom successo depende, em grande parte, do amalgama Zn, Na, com o que, depois de numerosos ensaios, conheceram que o melhor é aquelle que é formado de 4 partes de zinco e uma de sodium.

Ao sair do cadinho recobre-se de uma camada de sodium livre, o qual deve ser apanhado com uma faca ou espatula, cuidadosamente, para servir a nova operação: emquanto á liga produzida é muito friavel e de facil pulverisação, e é atacavel pelo ether iodhydrico.

Deve preparar-se n'um cadinho de ferro, no qual se aquece immediatamente o zinco até á temperatura da volatisação, depois do que se junta o sodio. A reacção é muito viva; quando tenha terminado remove-se o metal, deixa-se esfriar e deita-se então n'um cadinho de Hesse, embebido n'outro maior e separado do primeiro por uma camada de areia.

Depois do resfriamento quebra-se o vidro e despega-se o sodium que está adherente ao metal, e para o desembaraçar completamente deita-se em agua, depois enxuga-se e em seguida reduz-se a pó fino, e n'este estado mistura-se com uma porção de areia secca e tra'a-se esta liga pelo ether iodhydrico da maneira seguinte:

A reacção passa-se n'um balão, cujo bocal esteja munido de dois tubos, um ascendente com um refrigerante collocado por cima e o extremo mergulhe no mercurio; o outro communica com uma corrente de gaz carbonico.

Quando o apparelho está cheio d'este gaz fecha-se a torneira e aquece-se o balão a banho-maria. A reacção termina no fim de algumas horas, o que se conhece pela multidão de crystaes de zinkatila e de iodureto de zinco que forram o balão.

A zinkatila é obtida por via da distillação, e para isto tapa-

se o balão, depois mune-se do refrigerante e se lhe adapta um recipiente tapado por um bocal munido de um tubo communicando com o balão e com o refrigerante, e de um outro destinado a conduzir o gaz carbonico. Quando todo o apparelho está cheio d'este ultimo adapta-se o balão e aquece-se.

Durante a operação decompõe-se constantemente o gaz que borbulha na superficie do mercurio e que contém ether e élayle. Conduzida assim a operação não ha perigo de explosão e o resultado é conforme á theoria.

O vapor da zinkathelina destroe facilmente a guta-percha vulcanisada; para pôr os tubos d'esta ao abrigo da acção corrosiva untam-se com banha e recobrem-se com um outro de vidro; este artificio dá ao mesmo tempo mais solidez a estes tubos, porque assim ficam a toda a prova para resistirem á pressão exercida pela columna do mercurio que o gaz é forçado a atravessar.

ACIDO LITHOFÉLLICO (HOPE SEYLER)

O acido lithoféllico foi descoberto por Goebel, Malaguti de Sarzeand.

Não se pôde ainda dizer d'elle o que precedentemente se tem dito da maior parte dos acidos da bilis, aindaque o sr. Hope Seyler acaba de certificar-nos da sua autonomia, bem como da analogia que se dá entre este e o acido cholalico.

Segundo elle só differem pela fórma crystallina e pelas propriedades das suas combinações com os oxydos. Pela evaporação da dissolução alcoolica do cholalato de soda obtêm-se crystaes que debalde se procurariam obter por meio do acido lithoféllico.

Por outra parte o lithoféllato de baryta é mais solúvel em agua do que o cholalato correspondente. Este ultimo separa-se promptamente em grupos de agulhas.

O acido lithoféllico polarisa á direita mais facilmente. Estes crystaes derivam de um prisma direito rhomboidal. Fusivel a 205°. Estes crystaes dão a uma temperatura mais elevada um sublimado amorpho, acompanhado do cheiro aromatico que caracteriza os acidos da bilis.

SOBRE UM PRETENDIDO IODURETO DE ENXOFRE SOLUVEL

PELO SR. LEBAIGUE

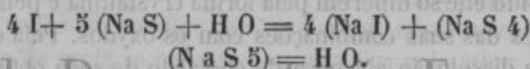
O jornal de pharmacia contém uma nota do sr. Cailletet, pharmaceutico em Charleville, sobre o iodureto de enxofre e sua preparação.

Procedi recentemente a diversas experiencias na preparação d'este iodureto (falla o sr. Lebaigue), conformando-me em tudo com as proporções e modo operatorio indicados pelo auctor, e no seguimento das minhas experiencias fui levado a acreditar que o sr. Cailletet interpretou muito mal a reacção do iodo sobre o uso no sulphureto de sodio, que elle emprega para esta preparação, não se fazendo cargo de attender a que pelo processo por elle aconselhado não resulta um iodureto de enxofre e de sodium, mas antes uma mistura de iodureto e de polysulphureto de sodio.

Todos sabem que um equivalente de iodo dissolve um outro equivalente de enxofre:



e que no monosulphureto, não atacado, se forma um polysulphureto:



O sr. Cailletet emprega as proporções seguintes:

Monosulphureto de sodio	500
Iodo	4,75

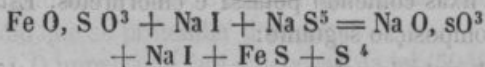
O calculo dos equivalentes indica que para 1:499,7 de monosulphureto (Na S, 9 HO) são necessarios 1:586 de iodo para deslocar todo o enxofre, quero dizer, um pouco mais em peso de iodo que do monosulphureto alcalino. A proporção de iodo indicada pelo sr. Cailletet é muito diminuta para

decompor todo o sulphureto empregado, e o enxofre deslocado, que por isso se dissolve no monosulphureto restante para formar um polysulphureto, porque se se juntam pouco a pouco e por pequenas proporções novas quantidades de iodo, separa-se immediatamente um pouco de enxofre que restava no monosulphureto por decompor, por isso que não tinha podido ser dissolvido, até que todo o enxofre se tenha precipitado.

Se n'este momento se suspende e se separa o enxofre por filtração, o que é facil, o liquido filtrado não retém mais que algum iodureto alcalino. É este um processo muito facil e simples, ainda que novo, para preparar os ioduretos alcalinos e terrosos por meio dos sulphuretos.

Foi o resultado das experiencias, que me certificaram, de que o producto do processo do sr. Ceilletef é uma mistura de polysulphureto e de iodureto de sodium.

Para confirmar esta maneira de ver fiz mais a seguinte experiencia: em uma solução d'este pretendido iodureto de enxofre e de sodio verti uma solução de protosulphato de ferro, de que resultou um sulphureto de ferro misturado com enxofre, reacção que facilmente se explica pela formula seguinte, segundo a maneira por que eu considero este composto:



Enquanto que se admittirmos que a dissolução encerra uma mistura de iodureto de enxofre e de sodium, difficilmente se explicaria a reacção com o sulphato de ferro.

(Journ. de pharm. et de chim.)

F. J. R. LOUREIRO.

COMPOSIÇÃO DA BANANA DO BRAZIL

O sr. Boussingault no seu tratado de economia rural tinha já indicado a natureza dos elementos que entram na composição d'este fructo; não tinha porém procedido em fôrma a uma analyse quantitativa, como posteriormente fez o sr. Correnwinder, e eis-aqui o resultado das suas experiencias so-

bre a composição chimica d'este fructo despojado da sua cobertura:

Agua	73,900	
Albumina vegetal	4,820	
Cellululosa	0,200	
Materias graxas	0,632	
Assucar de canna e assucar inercristallizavel	19,657	}
Acido organico, pectose e vestigios de amydo	0,062	
Acido phosphorico	0,729	
Cal, alcalis e chloro	0,729	0,791
		<u>100,000</u>

O sr. Corenwinder entende que as bananas que amadurecem sobre a arvore produzem unicamente o assucar da canna, e é isto o que verificaram finalmente os chimicos que habitam as regiões equinociaes, como o sr. Buignet.

A quantia de albumina vegetal foi determinada por duas dosagens de acido azotico que deram resultados sempre concordes.

As coberturas da banana madura deram pela incineração materias fixas contendo potassa e chloruretos. Estas cinzas têm a composição seguinte:

Carbonato de potassa	47,98
Carbonato de soda	6,58
Chlorureto de potassium	25,18
Phosphato de potassa e de soda, e vestigios de sulphato	5,66
Carvão	7,50
Cal, silica, phosphatos terrosos e ferro	7,10
	<u>100,00</u>

Estas cinzas, como vemos, são muito ricas em carbonato de potassa e chlorureto da mesma base, dois saes que têm um valor bem conhecido no commercio.

F. J. R. Lourenço

DIREITO PHARMACEUTICO PORTUGUEZ

—
CHRONOLOGIA DE TODAS AS LEIS, ALVARÁS,
DECRETOS, PORTARIAS, EDITAES, ETC., RELATIVOS AOS PHARMACEUTICOS
DESDE A FUNDAÇÃO DA MONARCHIA PORTUGUEZA

(Continuação de pag. 116)

N.º 273

CONSELHO DE SAUDE PUBLICA DO REINO

**Regulamento para o processo das licenças para venda
dos remedios de composição secreta**

Convindo ao interesse da saude publica e ao aperfeiçoamento da pharmacia estabelecer as regras, que se hão de observar nos processos de licença de venda de remedios de segredo; o conselho de saude publica do reino, usando das faculdades que lhe conferem o § 16.º do artigo 16.º do decreto com força de lei de 3 de janeiro de 1837, e em cumprimento da portaria de 24 de julho do anno findo determina o seguinte:

Artigo 1.º Quem pretender licença para venda de remedios de composição secreta, deverá require-la ao conselho de saude publica do reino, juntado ao requerimento a exposição circumstanciada dos efeitos de utilidade dos mesmos remedios, uma nota da competente formula e preparação assignada e lacrada pelo interessado, e tambem apresentará uma porção do remedio que se pretender licenciar.

Art. 2.º O impetrante fará o deposito da lei (50\$000 réis), designado na tabella annexa ao decreto de 3 de janeiro de 1837, solicitando do thesoureiro do conselho recibo interino da quantia depositada.

Art. 3.º Logoque estejam satisfeitas as exigencias prescriptas nos artigos antecedentes, o conselho encarregará o vogal pharmaceutico dos exames e ensaios necessarios, mandando pôr á sua disposição a nota da formula ou composição do remedio secreto e uma porção do que houver sido apresentado pelo interessado.

Art. 4.º O vogal pharmaceutico fará saber ao mesmo interessado o dia, a hora e o local onde devem verificar-se os

exames e ensaios, e dirigirá estes trabalhos de modo que pessoa alguma estranha possa descobrir ou conhecer a formula ou composição do remedio.

Art. 5.º O auctor ou inventor do remedio de segredo procederá na presença do sobredito vogal á apresentação de todos os componentes designados na competente nota, e dos apparelhos, utensilios e mais material indispensavel, a fim de serem verificadas as suas quantidades, qualidades e mais condições requeridas; feito o que, começará a preparação em presença do mesmo vogal.

Art. 6.º O vogal pharmaceutico fará observar escrupulosamente as determinações do precedente artigo e poderá permitir que os trabalhos prosigam em mais de uma sessão, quando houver transtorno involuntario ou o tempo e a natureza do preparado assim o exigiam.

Art. 7.º No caso de proseguirem os trabalhos em dias subsequentes, o mesmo vogal providenciará para que todos os objectos concernentes ao exame sejam cuidadosamente guardados, apponde-se-lhes um sello seu particular, e dará por nullos os trabalhos começados se o signal do dito sello não estiver intacto em o dia da sessão immediata. N'estas circumstancias recommençará o exame e do acontecido se dará parte ao conselho de saude.

Art. 8.º O preparado que se obtiver será guardado em vasilhas apropriadas, e nos bocaes se collocarão cintas de papel presas com lacre, e rubricadas e selladas pelo vogal pharmaceutico e pelo auctor ou inventor.

Art. 9.º O dito preparado será assim apresentado pelo vogal pharmaceutico ao conselho de saude, a quem tambem entregará a nota da respectiva formula acompanhada de uma declaração do interessado, por elle assignada e rubricada pelo vogal, em que se relatem as circumstancias occorridas durante o exame, e se lhe foram ou não concedidas todas as cautelas necessarias para garantir a inviolabilidade do segredo.

Art. 10.º O conselho de saude, tendo presentes os documentos a que se refere o artigo antecedente, fará proceder

às experiencias therapeuticas do preparado; e para este effeito remetterá porções d'elle, assim como do primitivamente apresentado pelo interessado, aos hospitaes civis e militares de Lisboa, Porto e Coimbra, para ser ensaiado de preferencia nas enfermarias de clinica, e onde mais o conselho julgar necessario.

Art. 11.º No caso de approvação será passado ao auctor ou inventor um titulo de auctorisação impresso, segundo o modelo que faz parte do presente regulamento; n'este titulo se declarará, em conformidade da portaria do ministerio do reino de 24 de julho de 1863, que a licença não garante a propriedade do remedio approved, nem ainda durante o tempo da licença; e tanto no mesmo titulo como no regimento dos preços dos medicamentos será taxado o preço por que deve ser vendido.

§ 1.º As licenças para a venda de remedios de segredo são pessoaes e temporarias; podem todavia ser reformadas quando os interessados assim o requeiram e o conselho de saude o julgue conveniente.

Findos os prazos por que forem concedidas, serão as respectivas formulas publicadas pelo mesmo conselho na folha official.

§ 2.º Se o fallecimento do inventor ou auctor se verificar antes de haver terminado o praso da competente licença, o conselho poderá considerar esta válida pelo tempo que faltar, se os legitimos herdeiros derem provas, nos termos do presente regulamento, de conhecerem as cômpetentes formulas e manipulações e de as saberem executar.

No caso previsto no presente § serão lançadas as convenientes declarações no primitivo titulo de auctorisação, que será averbado em nome dos legitimos herdeiros, e nenhum pagamento mais se exigirá.

Art. 12.º Denegada a licença, será entregue ao requerente o deposito da lei, e bem assim a formula da composição secreta.

§ unico. No caso de approvação, a nota da formula apre-

sentada pelo interessado ficará archivada na secretaria do conselho sob sigillo, e na arrecadação se conservarão specimens dos preparados obtidos na presença do vogal pharmaceutico.

Art. 13.º Os introductores de remedios de composição secreta, não taxados ainda no regimento dos preços dos medicamentos, são obrigados a requerer a competente approvação, nos termos da lei e do presente regulamento.

O conselho de saude poderá todavia limitar o processo de habilitação e approvação dos remedios secretos importados no paiz ás experiencias therapeuticas feitas nos hospitaes, a respeito dos que houverem obtido approvação das academias de medicina estrangeiras, authenticada pelos encarregados de negocios de Portugal nos respectivos paizes.

Modelo do titulo a que se refere o presente regulamento

«Nós o presidente e vogaes do conselho de saude publica do reino fazemos saber aos que este titulo de licença virem que F... requereu para expor á venda um remedio de segredo por elle inventado (ou introduzido) e denominado...; e considerando que a analyse e composição do dito remedio feitas perante o conselho, segundo a formula do auctor, deram resultado confirmativo das suas declarações; attendendo ás favoraveis informações dos directores das enfermarias dos hospitaes de..., onde se fizeram as necessarias experiencias clinicas; e usando da faculdade que nos confere o § 16.º do artigo 16.º do decreto de 3 de janeiro de 1837: concedemos licença ao mencionado F..., por tempo de... annos, a contar da presente data, para vender o... preparado segundo a formula existente n'esta repartição; ficando comtudo o proprietario e os pharmaceuticos que o tiverem obrigados a vender por... cada..., devendo este preço ser marcado nos rotulos dos competentes... e respectivos annuncios, emquanto se não determinar o contrario nas taxas dos regimentos dos preços dos medicamentos, onde opportunamente será inscripto.

«Outrosim se faz saber que, não podendo os remedios e medicamentos ser assumpto de privilegio de invenção ou de introduccão, á vista das terminantes disposições do artigo 4.º, n.º 2.º, do decreto de 31 de dezembro de 1852, claramente definidas na portaria do ministerio do reino de 24 de julho de 1863, não fica por este titulo de licença de venda garantida a propriedade de remedio licenciado, ainda durante o tempo por que é concedida a mesma licença.

«Findo o praso marcado no presente titulo será a nota da formula secreta, existente n'esta repartição, publicada na folha official para conhecimento de todos.

«Pagou 50\$000 réis para a fazenda publica, na conformidade da tabella annexa ao decreto com força de lei de 3 de janeiro de 1837.

«Não pagou direitos de mercê ou de sello pelos não dever.

«E, para sua salva, se lhe mandou passar o presente titulo, que vae assignado pelo conselho de saude publica do reino e sellado com o sello d'esta repartição.

«Dado em Lisboa, aos...

«Logar do sello das armas reaes.

«Assignaturas dos vogaes do conselho.

«Lisboa e sala das sessões do conselho de saude publica do reino, 25 de janeiro de 1864. — *Guilherme da Silva Abranches*, presidente — *Dr. Matheus Cesario Rodrigues Moacho* — *Dr. Marcellino Craveiro da Silva* — *João José de Sousa e Silva* — *José Dionysio Correia*.

(Diario de Lisboa, n.º 432 de 1864.)

(Continúa.)

da Ordem dos Farmacêuticos

PEÇAS OFFICIAES

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

ACTA N.º 638 DA SESSÃO DE 3 DE AGOSTO DE 1864

Presidência do sr. J. A. Labate (primeiro vice-presidente)

O sr. *presidente* abriu a sessão eram oito horas da noite.

Em seguida o sr. *primeiro secretario* deu conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

1.º Um officio da camara municipal, pedindo á sociedade que se encarregue da analyse de um liquido suspeito, que foi encontrado no fundo de uma caldeira de refinação de sebo, no matadouro da camara. — Inteirada.

2.º Um officio do sr. José Custodio Monteiro, accusando a recepção do diploma que lhe confere o titulo de socio correspondente d'esta sociedade. — Inteirada.

3.º Outro do sr. Anthero da Costa Oliveira, no qual participa á sociedade que, por motivos ponderosos, é obrigado a deixar de ser por algum tempo nosso socio. — Inteirada.

4.º Outro do sr. Francisco Pinto de Magalhães, de S. Martinho do Porto, pelo qual faz saber á sociedade que lhe consta existir em uma terra do districto de Leiria, dirigindo uma pharmacia, um individuo sem ter as habilitações que a lei exige.

Decidiu-se que se lhe officie, pedindo mais alguns esclarecimentos.

5.º Outro do sr. Manuel Vicente de Jesus, agradecendo á sociedade a honra que lhe confere, elegendo-o segundo vice-presidente e primeiro operador da commissão de chimica, logares que, mau grado seu, não pôde aceitar, pelos seus muitos afazeres.

A sociedade resolveu convidar a mesa para que fosse rogar ao illustre socio aceitasse os logares para que fôra eleito.

6.º Outro do nosso sub-delegado em Rebordello, o sr. Francisco Bernardo Pimentel, accusando a recepção do officio que a sociedade lhe dirigiu, e no qual o felicita por ter sido agraciado com uma mercê honorifica por Sua Magestade El Rei o Senhor D. Luiz I. — Inteirada.

O sr. *presidente* fez saber á sociedade que o sr. José Romão, nosso socio, se retirára para Chaves, aonde offerecia o seu prestimo á sociedade, para a coadjuvar em quaesquer trabalhos que porventura lhe interessem n'aquelle ponto.

A sociedade agradeceu o offerecimento do illustre socio.

Leu-se a lista dos objectos doados e passou-se á

ORDEM DO DIA

O sr. *presidente* convidou os novos funcionarios eleitos a occuparem os seus respectivos logares; o sr. Labate occupou o logar da presidencia, o sr. Veiga o logar de primeiro secretario e o sr. Drack o de segundo secretario.

O sr. *presidente* agradeceu á sociedade com o seguinte discurso:

Senhores: — Por vossa extrema bondade e indulgencia fui collocado n'este logar. A honra, a que sempre pertenceu, e hoje deveria pertencer áquelles d'entre vós que por seu reconhecimento prestimo, conhecimentos e serviços mais tivessem contribuido para o engrandecimento e sustentação d'esta sociedade, e convencido, como estou, de não pertencer a esse numero, permiti que vos diga, segundo os dictames da minha consciencia, nunca poderia aspirar a uma tão grande distincção, por conhecer que me faltam os predicados precisos, e os quaes só poderiam justificar a má escolha que de mim fizestes para um cargo de tanta responsabilidade, e que muito mal poderei desempenhar; tereis talvez de vos arrepender, mas a culpa foi vossa, e acreditae que se n'esta occasião, em que os affazeres da minha vida publica se tornaram mais complicados, aceitei este logar, foi por respeito ás vossas deliberações, convencido da vossa sinceridade, e animado não só pela coadjuvação que espero da illustração de vossos conselhos, mas certo tambem da lealdade e esforços que conto encontrar nos meus collegas, hoje dignos funcionarios d'esta sociedade.

O sr. *Veiga* agradeceu á sociedade mais uma prova de distincção, que esta acabava de dar-lhe escolhendo-o para seu primeiro secretario; e prometeu empregar todos os seus recursos para não desmerecer da consideração em que era tido pelos seus collegas.

O *segundo secretario* fallou no mesmo sentido.

Estando a hora adiantada o sr. *presidente* fechou a sessão, dando para ordem do dia da immediata, na primeira parte, a eleição de um vogal para a commissão de direito pharmaceu-

tico, e na segunda parte propostas, pareceres de commissões e segundas leituras. Eram onze horas da noite. — O segundo secretario, *J. R. G. Drack*.

ACTA N.º 639 DA SESSÃO DE 14 DE SETEMBRO DE 1864

Presidência do sr. A. J. Labate

Sendo oito horas da noite foi aberta a sessão e em seguida o sr. primeiro secretario deu conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

1.º Um officio do nosso socio correspondente Sebastião José Esteves, no qual relata á sociedade que tendo saído impercebidamente da sua pharmacia uma limonada de citrato de magnesia com cheiro de camphora, e que repugnando pelo seu cheiro a uma doente que a devia tomar, o facultativo assistente dissera que causaria a morte á doente se d'ella fizesse uso. Pede á sociedade que dê a sua opinião sobre aquella materia.

Fallaram os srs. *J. D. Correia, Alves, Veiga, Telles Senior* e *Telles Junior*.

O sr. *J. D. Correia* manifestou os seus desejos, de que a sociedade respondesse com brevidade, e lembrou que se officiasse com urgencia á commissão de saude publica.

O sr. *Alves* fez ver que a materia de que o officio tratava devia merecer toda a consideração á sociedade, porque lhe offerencia occasião de pugnar pelos interesses de um socio, que talvez estivesse sendo victima de algum desforço. Pediu que a sociedade desse prompta solução a esta questão, para o que era de voto que se nomeasse uma commissão *ad hoc*.

O sr. *Veiga*, depois de desenvolver as mesmas idéas, disse que a sociedade, na sua opinião, era muito competente para resolver a questão; todavia que a commissão nomeada podia consultar alguns facultativos nossos socios, se assim o julgasse necessario.

O sr. *Telles Senior* fallou no mesmo sentido.

O sr. *Norberto Junior* foi de parecer que se consultasse a sociedade das sciencias medicas.

O sr. *presidente* lembrou que se officiasse ao sr. S. J. Esteves, pedindo que informasse sobre o estado da doente na occasião de lhe ser ministrado o medicamento.

Esta lembrança foi aproveitada pelo sr. J. D. Correia, que fez a seguinte proposta :

« Que a mesa fosse encarregada de nomear uma comissão *ad hoc*, e que entretanto se officiasse ao sr. S. J. Esteves para que, no caso de se poderem obter alguns esclarecimentos, a comissão assentasse a sua opinião em bases mais seguras. »

Approvada.

2.º Um officio da camara municipal de Lisboa, em resposta a outro da sociedade, em que a camara declara responsabilisar-se pelas despezas feitas com uma analyse que lhe interessa. — Decidiu-se que a materia para a analyse e o officio que a acompanhava fossem remettidos á comissão de chimica.

3.º Um officio da escola medico-cirurgica de Lisboa, acompanhado de dois editaes para serem afixados na porta do estabelecimento d'esta sociedade. — Inteirada.

O sr. *presidente* participou á sociedade que o sr. M. V. de Jesus accedêra ás instancias da mesa, que o procurára pessoalmente para lhe pedir que aceitasse os cargos para que tinha sido nomeado.

Esta noticia foi recebida com especial agrado.

O sr. *Telles Senior* agradeceu á sociedade o interesse que tomou pela sua pessoa enquanto esteve doente.

Leu-se a lista dos objectos doados e passou-se á

ORDEM DO DIA

Procedeu-se á eleição do logar vago de vogal da comissão de direito pharmaceutico; saiu eleito o sr. Francisco Fortunato de Assis.

O sr. *presidente* participou que a mesa nomeára os srs. Alves, Telles Junior e Martins para constituirem a comissão

que ha de dar o seu parecer sobre a materia de que trata o officio do sr. S. J. Esteves.

Estando a hora adiantada o sr. presidente fechou a sessão, dando para ordem do dia da immediata propostas, pareceres de commissão e segundas leituras. Eram onze horas da noite.
 ==O segundo secretario, *J. R. G. Drack.*

ANNUNCIO

Pilulas de proto-iodureto de ferro inalteravel, preparadas segundo o processo de Blancard, pelo pharmaceutico Manuel Vicente de Jesus.

Estas pilulas, uteis no tratamento de affecções chloroticas, escrofulosas, tuberculosas, cancerosas, na menstruação difficil ou suppressão completa, nas perdas brancas, em varios accidentes de syphilis constitucional, na papeira, opilação do baço e rachitismo, são iguaes ás francezas pela sua composição e propriedades medicinaes, tendo sobre ellas a grande vantagem de serem menos consistentes.

Depositos.—Lisboa, pharmacia dos srs. A. F. A. de Azevedo & Filhos, praça de D. Pedro, n.º 88; Barral, rua Aurea, n.º 126; Oliveira, rua dos Retrozeiros, n.º 40; Franco, rua direita de Belem, n.º 138; Serzedello & C.^a, largo do Corpo Santo.

Porto, pharmacia do hospital real de Santo Antonio, campo dos Martyres da Patria.

Villa do Conde, pharmacia do hospital da misericordia.

Abrantes, pharmacia do sr. Manuel Vicente de Jesus Senior.

Lagos, pharmacia do sr. Manuel Gascon.

Rio de Janeiro, pharmacia do sr. Antonio Fernando da Costa, rua da Prainha, n.º 40.

Deposito geral—Pharmacia de M. V. de Jesus, largo do Rato, n.ºs 46 e 47.

PHARMACIA

ESSENCIA DA SEMENTE DE SANTONINA

PELOS SRS. KRAUT E WAHLFORSS

Os auctores confirmam a formula $C^{20}H^{18}O^2$, ha tanto tempo attribuida, mas não confirmada a esta essencia. Elles explicam o excedente do carvão que se havia encontrado por um facto facil de verificar, isto é, que este oleo essencial se decompõe ligeiramente pela rectificação, desenvolvendo agua e um hydro-carbureto oleoso $C^{20}H^{16}$, que gosando o mesmo ponto de ebullicão que a essencia mãe não póde ser illiminado por meio da distillação fraccionada.

Convenientemente purificado por uma longa ebullicão com uma dissolução alcoolica de potassa, este oleo essencial afasta brandamente para a esquerda o plano de polarisação da luz. Com o iodureto de potassio iodurado prende em massa de agulhas de um verde metallico. Não se devem purificar por crystallisação, mas espremem-se promptamente, guardam-se e conservam-se ao abrigo do ar. Estes crystaes destroem-se mesmo debaixo da campanula, e sobre o acido sulphurico a agua os decompõe rapidamente, e cedem ao hypo-sulphyto de soda tres quartas partes do seu iodo.

A potassa alcoolica tambem os destroe promptamente, e o oleo essencial reaparece intacto n'esta experiencia.

Centro de Documentação Farmacêutica

TINTURA SINAPISADA

da Ordem dos Farmacêuticos

PELO SR. BARBET

O oleo volatil da mostarda misturado com o alcool produz uma mistura rubefaciente. Para a obter porém com mais economia o sr. Barbet aconselha o processo seguinte:

Fazem-se macerar por duas horas 250 grammas de farinha de mostarda negra em 500 grammas de agua fria, ajuntase-lhe alcool a 86° centigrados 125 grammas, e distilla-se para obter a quantia do alcool empregado, cujo producto possui uma forte acção rubefaciente.

A mostarda deve ser preparada na occasião em que deve por-se em contacto com a agua, porque ella se modifica debaixo da influencia do ar.

F. J. R. LOUREIRO.

UNGUENTO PARA CURAR A SARNA

No *Restaurador pharmaceutico* deparámos com a seguinte formula, que o sr. Deaitona, seu auctor, intitula especifico contra a sarna.

Oleo commum.....	4 libra
Minio	3 onças
Sumo de limão.....	n.º 1

Em vaso conveniente aquece-se o oleo, ajunta-se-lhe o minio e agita-se até que pelo resfriamento tome a consistencia de rob espesso; reune-se depois o sumo, e se emprega em fricções.

TOPICO FEBRIFUGO

O dr. Sézeric, de Saint-Barthélemy (Lot-et-Garonne), apoiando-se sobre um grande numero de observações, preconisa contra as febres intermitentes de todos os typos o topico seguinte, poisque com a addição da camphora e do oleo é justamente a reproducção do linimento elogiado em as mesmas circumstancias pelo dr. Bellencontre, ha quinze annos. É este, pelo menos, um testemunho mais contra a efficacia d'este methodo que nos tem satisfeito em alguns casos.

Essencia de terebinthina.....	25 grammas
Laudano de Sydenham.....	3 »
Camphora.....	3 »
Oleo commum	60 »

Misture.

Logoque o periodo apyretico começa, repete-se uma fricção com este linimento a toda a columna vertebral, isto é, desde a região cervical até ao coccis; devem repetir-se as fricções com intervallo de seis horas, até que a final appareça

o novo accesso; cada fricção deve entreter-se por dez minutos. O accesso seguinte é em geral muito menos forte, e do terceiro ao quarto a febre desaparece. Não obstante devem ainda repetir-se mais algumas fricções depois do desaparecimento da febre (*Revue médicale*).

F. B. PIMENTEL.

(Journal de pharm. et de chim.)

CHEMICA

ALCOOL E SUA DESTRUIÇÃO NO ORGANISMO

O dr. Edmond Baudot colloca o alcool no numero dos alimentos respiratorios, contrariando a doutrina dos srs. Lallemand, Perrin e Duroy, consignada n'uma larga memoria que foi coroada pela academia das sciencias em 1861, e que termina pelas conclusões seguintes:

O alcool não é um alimento. O alcool não é transformado nem destruido no organismo. O alcool é eliminado do organismo na totalidade e no seu estado natural. As vias eliminadoras são os pulmões, a pelle e sobretudo os rins.

O sr. Baudot, ao contrario, n'uma longa e interessante memoria, criticando e contrariando as experiencias dos citados auctores, conclue por apresentar as conclusões seguintes:

1.º O alcool ingerido em quantidades moderadas e debaixo da fórma de vinho, de rhum ou de aguardente de vinho não é eliminado pelas urinas, porque apenas em certos casos têm sido encontrados vestigios quasi inapreciaveis d'elle n'este liquido;

2.º E se alguma vez e em outros casos excepcionaes se tem encontrado quantia apreciavel, é todavia tão diminuta que nunca póde ter relação com a quantia ingerida;

3.º O alcoolometro convenientemente applicado é perfeitamente proprio para decidir da mais insignificante quantidade de alcool;

4.º A solução do bi-chromato de potassa em acido sulphurico (0,10 por 30) é um liquido excessivamente sensivel, mais ainda do que se necessita para estas experiencias;

5.º Finalmente, podemos dizer que é permittido acreditar,

pelas experiencias apontadas, que o alcool é destruido no organismo e que deve ser contado no numero dos alimentos respiratorios, conforme tambem com o pensar de Liebig.

(Union médicale.)

F. J. R. LOUZEIRO.

INFORMAÇÕES SOBRE O ALGODÃO-POLVORA

PELO SR. DE LENEK

Desde o descobrimento do algodão-polvora, pelo sr. dr. Schoenbein, até agora têm-se feito muitas experiencias com esta substancia, especialmente em França, com o fim de applica-lo á arte militar; porém tanto as experiencias como o methodo de preparar este agente explosivo só em Austria tem produzido bons resultados, devidos ao general Von-Lenek, que tem gasto n'estes estudos muito tempo e muito dinheiro, e o governo austriaco acaba de communicar ao de Inglaterra todos os detalhes da fabricação, e o resultado dos trabalhos do barão Von-Lenek. O algodão-polvora preparado pelo seu processo differe completamente do preparado pelo methodo ordinario, em que esta substancia fôra transformada inteiramente em trinitro-cellulosa, composto que não pôde servir para preparar o colodium, mas que possui a propriedade explosiva em grau superior. As precauções a tomar para obter este resultado consistem em primeiro logar em purificar completamente o algodão antes de o immergir nos acidos, empregar depois os acidos concentrados que o commercio possa fornecer, e por ultimo immergi-lo segunda vez em nova mistura dos acidos, deixando-os em contacto por quarenta e oito horas, pelo menos, porque só assim se pôde ter a segurança precisa de se ter convertido inteiramente a cellulosa primitiva em trinitro-cellulosa, como dito fica.

Não é menos importante subtrahir ao algodão-polvora todo o vestigio de acido livre, o que é facil conseguir lavando-o, e sujeitando-o por algumas semanas n'uma corrente de boa agua.

O producto assim obtido não possui nenhuma das desvantagens que offerece o preparado pelo processo primitivo. É mui

estavel, tem-se já conseguido conserva-lo quinze annos, sem alteração alguma. Não se inflamma senão á temperatura de 136°, é muito pouco higroscopico, e só deixa alguns residuos cinzentos quando se inflamma n'um espaço fechado.

O sr. Von-Lenek entende que o algodão-polvora deve ser tratado tambem com uma dissolução de silicato de potassa; mas os chimicos inglezes não acreditam que esta precaução seja necessaria, emquanto o general austriaco julga que é precisa, porque sempre se forma certa quantidade de silica livre pela acção do acido carbonico do ar, a qual tem por objecto principal fazer menos rapida a combustão do algodão-polvora.

Quando este ultimo producto se emprega acha-se a final que o algodão-polvora augmenta mais 3 por 100 do seu peso.

Tem-se dito em desabono d'este agente que elle poderia dar origem, no momento da explosão, á formação dos acidos nitroso e prussico, e que um d'estes corpos obraria sobre a arma, emquanto que o outro poderia prejudicar o artilheiro; esta pretensão porém é infundada; e o sr. Karoyls acaba de o comprovar por meio da analyse, examinando cuidadosamente os gazes produzidos pela explosão do algodão-polvora, em vasos completamente fechados, achando-os compostos de nitrogenio, de acido carbonico, de oxydo carbonado, agua, algum hydrogenio e de proto carborureto de hydrogenio; facil é por consequencia de conhecer que estes gazes não produzem mau effeito, nem podem ter influencia alguma prejudicial sobre as armas de fogo.

Por outra parte tambem se tem mostrado experimentalmente que o fuzil é menos atacado pelas descargas repetidas do algodão-polvora do que pela mesma polvora commum, e que os homens soffrem muito menos pelos gazes produzidos por aquelle.

Emquanto ao perigo imaginado para a fabricaçãõ tambem está destruido, porque se pôde evitar completamente mergulhando o algodão-polvora em um liquido até que este seque, e então já necessita uma temperatura de 136° centigrados

para inflammam-se; como porém esta temperatura é artificial, pôde deprehender-se d'aqui que produzida accidentalmente poderia muito bem desenvolver-se, elevando-se até ao grau necessario para inflammam a polvora commum.

Outra vantagem indubitavel do algodão-polvora é o não produzir fumo algum que possa offender a vista ; alem d'isto este producto não deixa residuos na arma, e tambem não está exposto a alterar-se pela humidade, porque pôde mesmo conservar-se mergulhado debaixo de agua sem que suas qualidades se alterem.

F. J. R. LOUREIRO.

(Rev. dos prog. das sciencias.)

SOBRE O ESPECTRO DO ACIDO CHLOROCHROMICO

PELOS SRS. GOTTSCHALK E DRECHSEL

Os vapores rubros do bico CrO_2Cl communicam á chamma menos brilhante do bico de Bunsen uma côr violeta, pallida, similhante á chamma da potassa. Para estudar o espectro os auctores fizeram borbulhar no acido chlorochromico, a beneficio de um gazometro, o oxygenio necessario para alimentar a chamma. O espectro parecia ser muito bom, mas tambem muito complicado.

Então dividiram dezesseis raias principaes, a saber: tres violetas, oito verdes, uma amarella, tres alaranjadas e duas rubras. A raia verde até 465° , pouco mais ou menos, apresenta um clarão azulado, passando por fim a violeta. As oito verdes grupadas apparecem muito interessantes; formam tres grupos de diversa intensidade.

Quando a corrente é branda cada um d'estes grupos não forma mais que uma larga raia; com uma corrente mais rapida de oxygenio cada uma d'estas raias se triplica.

As cores violetas comportam-se da mesma fórma. Tambem apparecem mais ou menos distinctamente quando se substitue o oxygenio pelo ar.

Nem o chloro puro, nem os chloruretos de chromio dão espectro particular. Este privilegio foi só reservado para o acido chlorochromico. Quando se ferve e se deixa escapar o seu vapor pela abertura do aparelho espectral todo o espectro

desapparece, á excepção de uma raia rubra, quando é absorvida pelos vapores escuros do acido volatil.

F. J. R. LOURINHO.

(Journal de pharm. et de chim.)

NOVA FÓRMA DE PRODUIR OS ALDEHYDES

PELO SR. CARSTANJEN

Os differentes processos que se empregam para a preparação dos aldehydes consistem essencialmente em:

- 1.º Na oxydção dos alcools;
- 2.º Na das materias azotadas, taes como a albumina, a gelatina, etc;
- 3.º Na distillação secca dos saes acidos graxos;
- 4.º Na mesma distillação unida á dos formiatos de cal e de baryta;
- 5.º Na distillação das substancias albuminoides;
- 6.º Na hydratação dos glycols.

O auctor julga tambem, como um facto geral, que é possível, e mesmo se póde obter a aldehyde quando se submete uma base ammoniacal a uma oxydção conveniente.

Entra n'este numero a aldehyde acetica $C^4 H^4 O^2$, que se desenvolve rapidamente quando se verte a ethylamina sobre um permanganato de potassa crystallizado. Eis-aqui o que acontece; o liquido torna-se esverdinhado, aquece pela agitação, escurece com a effervescencia e abandona a final a aldehyde, bem reconhecida pelo seu cheiro.

Dirigido para uma dissolução ammoniacal de prata, o gaz da reacção promptamente está fazendo um espelho de prata metallica.

Com a methylamina obteve o auctor um composto gazoso fortemente reductor, como o precedente, e susceptivel como elle, de formar um composto crystallino com ammonia. Não foi ainda analysado, mas elle pensa poder haver a aldehyde inedita da methylamina.

Com a trimethylamina dá um producto, postoque o auctor julga ser identico ao que produz o isometro com a propylamina.

F. J. R. LOURINHO.

DOS BROMURETOS ALCALINOS E SUA PREPARAÇÃO

PELO SR. KLEIN

Os bromuretos dos metaes da primeira secção sendo, como são, empregados em photographia deram causa a que o autor procurasse achar um processo de fabricação mais expedito do que os já conhecidos, o que conseguiu adoptando o processo do sr. Liebig, que fôra objecto de muitos commentarios outr'ora para os ioduretos alcalinos.

Bromureto de calcium. — Uma parte de phosphoro amorpho, em pó fino, e trinta a quarenta partes de agua em uma capsula, ajunte-se-lhe, pouco a pouco, 12,5 partes de bromio. A união opera-se com desenvolvimento de luz e o liquido aquece; agita-se e não se junta mais bromio senão depois que o liquido começa a descorar-se. Logoque todo o bromio seja empregado aquece-se a banho de areia, depois, quando está completa a descoloração, junta-se sufficiente quantidade de agua bromurada para dar á dissolução a côr amarella. Decanta-se logo, e neutralisa-se por meio de leite de cal, o qual se pôde empregar em um ligeiro excesso. Filtra-se, lava-se e submete-se á evaporação; a cal empregada em excesso precipita no intervallo, o que torna necessaria uma segunda filtração, depois da qual se evapora a banho-maria.

Com 16 grammas de phosphoro amorpho, 200 grammas de bromio e 75, pouco mais ou menos, de cal viva obtêm-se 230 grammas de bromureto de calcium. Os bromuretos de baryum e de stroncium preparam-se da mesma maneira.

Bromureto de magnesium. — Prepara-se neutralizando pela magnesia o liquido acido que se obtem, atacando uma parte de phosphoro por 12,5 partes de bromio em presença da agua. Depois de filtrado evapora-se a banho-maria e faz-se seccar sobre o acido sulphurico.

O bromureto de lithium obtem-se com o bromureto de calcium, que se decompõe pelo carbonato de lithina tomado em quantidade sufficiente. Deixa-se digerir por vinte e qua-

tro horas, depois do que acaba-se a precipitação pelo carbonato de lithina.

Emquanto aos bromuretos de potassium e de sodium obtêm-se por meio do processo empregado para a preparação dos ioduretos, isto é, pela decomposição do bromureto de calcium por meio do sulphato de soda ou de potassa.

O iodureto de ammonium tem hoje grande consumo na photographia, e por isso julgâmos do maior interesse para aquelle ramo scientifico inserir tambem aqui o methodo mais facil e economico para o obter puro.

Este processo é fundado sobre a decomposição a uma baixa temperatura do sulphato ammonico pelo iodureto de potassio, tomados em partes iguaes, e dissolve-os separadamente na menor quantia possivel de agua fervendo; misturem-se as duas soluções, e quando fria a mistura junta-se-lhe alcool até 15 por 100 do total do liquido, ou até metade, pouco mais ou menos, sendo de inverno.

O sulphato de potassa não tarda em depositar-se quasi integralmente. Decanta-se e evapora-se até á pellicula, e se faz crystallisar de novo; tratado então por uma nova quantia de alcool, a agua mãe abandona os ultimos restos de sulphato de potassa; O residuo contém o iodureto de ammonium, que se obtem por evaporação. Para evitar a separação do iodo é conveniente ajuntar ao liquido algumas gotas de alcool ammoniacal.

F. J. R. Lourenço.

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

PECAS OFFICIAES

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

ACTA N.º 660 DA SESSÃO DE 14 DE OUTUBRO DE 1861

Presidência do sr. Antonio Joaquim Labate

Pelas nove horas da noite o sr. presidente declarou aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da antecedente.

O sr. *primeiro secretario* deu conta da seguinte

CORRESPONDENCIA

Um officio do sr. J. de Matos Saraiva, o qual acompanhava um caixote, contendo productos medicinaes dos estados da India portugueza. No officio deçlarava que aquelles productos eram offerecidos á sociedade pelo sr. Antonio Gomes Roberto, primeiro pharmaceutico da India portugueza, o qual desejava que a sociedade encarregasse uma commissão de estudar o seguinte: se algumas d'aquellas substancias poderiam ser vantajosamente trazidas aos nossos mercados. Disse mais que os preços das ditas substancias haviam de vir publicados em um dos proximos numeros do *Archivo de pharmacia e sciencias accessorias da India portugueza*. — Resolveu-se que as drogas em questão fossem remettidas á commissão de pharmacia.

Leu-se a lista dos objectos doados, que foi recebida com agrado.

Antes da ordem do dia o sr. J. Tedeschi pediu a palavra para participar á sociedade, que por motivo de negocios que tem tido fóra da capital, tem faltado a algumas das sessões antecedentes.

PRIMEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA

Foi apresentada na mesa, pelo sr. presidente, com a declaração de urgente, uma proposta para socio effectivo.

Corrido o escrutinio foi unanimemente approvada e proclamado socio effectivo o sr. José Guedes Maris, pharmaceutico estabelecido em Alcantara.

SEGUNDA PARTE DA ORDEM DO DIA

Teve segunda leitura um parecer da commissão de pharmacia, sobre uma proposta do sr. J. D. Correia, concernente a policia pharmaceutica.

Fallaram sobre o assumpto os srs. J. D. Correia, impugnando o parecer em quasi todos os pontos, e o sr. Tedeschi, rebatendo as rasões que o sr. J. D. Correia apresentava em seu favor:

Por proposta do sr. Veiga foi approvedo o parecer da commissão, e decidido que fosse publicado no jornal.

Estando a hora adiantada o sr. presidente fechou a sessão, dando para ordem do dia da seguinte propostas, pareceres de commissão e segundas leituras. — O segundo secretario, *José Ribeiro Guimarães Drack*.

Por deliberação da sociedade se publica o seguinte:

PARECER DA COMMISSÃO DE DIREITO PHARMACEUTICO
Á CERCA DE UMA PROPOSTA DO SR. J. D. CORREIA

Ill.^{mo} sr. — Pela sociedade pharmaceutica lusitana foi enviada á commissão de direito pharmaceutico uma proposta do nosso consocio o sr. José Dionysio Correia, em que diz «que sendo certo que muitos dos nossos collegas do continente do reino e ilhas continuam a fornecerem-se de preparados e compostos pharmaceuticos de estabelecimentos não dirigidos por pharmaceuticos legaes, contra o disposto nos artigos 12.º, 18.º e 30.º do alvará de 22 de janeiro de 1810, que propõem que a sociedade encarregue a commissão de direito pharmaceutico de apresentar os meios que julgar mais convenientes para conseguir dos collegas a cessação d'aquelle uso tão prejudicial, opposto á lei, ao credito e legitimos interesses da classe pharmaceutica».

Difficil e ardua é a tarefa que a sociedade impõe á commissão de direito pharmaceutico para a poder, senão resolver, pelo menos avalia-la na esphera e grandeza a que póde ser levada; entretanto a commissão, apesar de reconhecer a sua insufficiencia, diligenciará, quanto em si podér, por satisfazer o que da commissão se exige.

O proponente, senhores, revolta-se contra os pharmaceuticos do continente e ilhas, que fornecem suas pharmacias com preparados e compostos pharmaceuticos comprados a estabelecimentos dirigidos por pessoas incompetentes, invocando em seu apoio os artigos 12.º, 18.º e 30.º do alvará de 22 de janeiro de 1810.

Achámos necessario transcrever as disposições dos referidos artigos, para maior esclarecimento das nossas reflexões.

Diz o artigo 12.º, que os boticarios que tambem forem droguitas pagarão duas visitas pelo exame, que igualmente se ha de fazer ás drogas. Os seus pesos e medidas devem ser civis e não medicinaes; *nem devem vender composições de pharmacia.*

O artigo 18.º dispõe, que todas as vezes que o juiz commissario souber, ou lhe for denunciado, que ha alguma pessoa que anda curando de medicina, ou que faz e vende medicamentos, mandará logo passar mandado, *ex officio*, para se lhe dar busca em casa, perante duas ou mais testemunhas, abrindo-se o que estiver fechado, e ser citada a parte para em tempo consignado apresentar o titulo por onde cura ou vende medicamentos, e achando-se estes, se fará termo de achada, e será citado para se ver autuar e dar fiança, e mais termos do estylo, remettendo-se o auto ao physico-mór do reino. Os medicamentos que se acharem serão vendidos e o seu custo applicado á casa dos expostos, ou dos lazarus ou ao hospital mais necessitado.

O artigo 30.º diz . . . que os que vendem e fazem medicamentos sejam condemnados em 7,5000 réis, pela primeira vez, dobrando-se pelas reincidencias; que pelas culpas averiguadas nas visitas das boticas sejam condemnados os boticarios em 4,5000 réis pela primeira vez, no dobro pela segunda e pela terceira o juiz commissario lhes mande fechar as boticas, que não poderão abrir sem mércê do physico-mór do reino, etc., etc.

Á vista pois d'aquellas disposições parece que os pharmaceuticos respeitariam taes determinações, com força de lei, para se regularem no exercicio da sua profissão, de modo que não houvesse motivos para accusação.

Entretanto a commissão vê de um modo positivo que o proponente apresenta a sua proposta, desejando que se ache algum meio que obste a tão perniciosas transgressões.

E se diz que bom seria achar algum meio, é porque o pro-

ponente suppõe insufficientes taes disposições da lei, que por certo não abonam e acreditam aquelles que tal praticam, se porventura a hypothese se dá em menoscabo da lei e dos seus proprios interesses.

Sente a commissão ver-se forçada a tratar de uma questão, que só por dever o faz, sem julgar que entre uma classe scientifica, como a nossa, haja alguém a quem tenha applicação a alludida asserção.

Todavia a commissão, sem fazer allusão alguma pessoal, e tomando a questão na sua altura em que lhe parece deve ser tratada, entra na materia, pedindo a devida venia. Os pharmaceuticos, senhores, pela somma de conhecimentos adquiridos e pelo caracter de responsabilidade que têm representam na sociedade um importante papel, e por isso foram por longos periodos e em outras epochas distinctos das outras classes com mercês e privilegios em retribuição de seus sacrificios em beneficio commum dos povos.

Não trataremos de assignatar as phases que tem percorrido a pharmacia em Portugal desde a sua infancia, porque não precisamos commemorar epochas nem historiar factos para nos servirem de base á nossa humilde opinião.

O nosso fim é fazer ver que o cumprimento da lei, em relação ao objecto de que se trata, depende essencialmente da educação moral, tomando por base o sentimento religioso, porque o sentimento religioso é tão antigo como o homem, e o acompanha, e n'elle actua de modo effizaz e manifesto desde a origem da sociedade.

Se porventura o legislador prescreve obrigatorias condições sociaes, penas mais ou menos fortes para evitar abusos e mesmo crimes, quando estas prescrições legislativas têm referencia ao exercicio de profissões que só a consciencia e a sciencia póde ser o guia das cousas que operam, é claro que a ausencia do sentimento religioso n'esses individuos põe em duvida o que a lei quiz evitar.

Teve a republica, senhores, de regular os deveres dos pharmaceuticos no exercicio da sua profissão, impondo obrigações

e regulando esse exercicio na sua mais larga significação, para evitar consequentes transtornos, que podem muitas vezes atacar a saude e vida dos nossos semelhantes; mas serão porventura sómente proficuas e sufficientes essas leis sociaes para regular o exercicio da pharmacia na preparação e confecção de composições pharmaceuticas? Parece á commissão que não; se porventura existissem, como a commissão tem a convicção de que não existem pessoas com a ausencia completa do sentimento religioso, e por conseguinte sem os dotes moaes que constituem o bom pharmaceutico.

Não duvida a commissão que haja pelo interior do paiz pharmacias que se forneçam de preparações pharmaceuticas emanadas das drogarias; comtudo a commissão persuade-se que essas drogarias fazem a aquisição d'essas preparações de boticas legalmente constituídas, e quando n'isto haja dolo, os pharmaceuticos têm, ao ver da commissão, sufficientes conhecimentos para julgarem d'essas preparações que recebem.

A commissão comtudo entende que os pharmaceuticos devem preparar todas as composições de que precisarem e forem exequiveis, porque assim têm a convicção da genuina bondade das preparações que existem nas suas officinas, alem do interesse que lhes resulta por as terem preparado nas suas proprias pharmacias. É um dever que a sciencia lhes assigna-la, e um preceito moral que não devemos postergar.

É certo que as drogarias não devem, pelo preceito da lei, fazer preparados e compostos pharmaceuticos para fornecerem as pharmacias; mas nós sabemos que a prática offerece algumas difficuldades, porque as boticas das provincias podem algumas vezes não lhes convir ter relações commerciaes abertas com differentes casas, e por isso se dirigem a uma drogaria de sua confiança, d'onde recebem as drogas, tanto nacionaes como exoticas, a qual lhe satisfaz todos os seus pedidos, podendo assim, é verdade, muitas vezes serem illudidos nas preparações que requisitarem.

Não quer com isto approvar a commissão este transvia-

mento do bom senso e da propria lei, nem deixar de reconhecer este abuso; mas lembra á sociedade pharmaceutica, que a falta d'estes deveres que censurámos pôde muitas vezes passar despercebida sem reflexões, sem todavia haver proposito ou indifferença em objectos taes que possam comtudo atazar a vida do homem.

Se argumentarem com a execução da lei, porque o rigor que as auctoridades exercem nas drogarias será sufficiente para se obstar a que esses homens incompetentes, sem os mais leves conhecimentos, sem nenhuma habilitações scientificas, deixem de fazer cousas de que não têm conhecimento, dir-lhes-hemos que essas fiscalisações, embora rigorosas, serão sempre illudidas, e o abuso que se pretende fazer cessar continuará impunemente com todas as suas obvias consequencias.

É comtudo necessario que se não deixe de fazer essa fiscalisação, e que a sociedade pharmaceutica, que se acha á frente do movimento organisador, intellectual e progressivo da classe pharmaceutica em Portugal, continue a velar pela execução das leis e regulamentos que têm relação com a pharmacia.

Mas com isso não julga a comissão ter-se alcançado o desejado fim, porque emquanto os pharmaceuticos não se emanciparem por dever e por interesse das drogarias, fazendo as preparações sob seus cuidados e inspecção, ou adquirindo-as de outras pharmacias legalmente constituídas, continuará a existir a suspeita que a lei quiz debellar, e que o proponente desconfia que existem.

A comissão persuade-se que a reforma que se precisa para se extinguirem os abusos, caso existam, deve basear-se no sentimento religioso que deve actuar sobre o homem, porque esse é, ao nosso ver, o unico e mais poderoso meio para moralisar e civilisar os povos, obrigando-os ao cumprimento de deveres que a sociedade a cada um dos individuos lhe impõe.

Sempre e entre todos os povos, disse uma intelligencia do

nosso paiz, que se ostentam já, e seguidamente, mais civilizados em virtude d'esse mesmo principio em seu beneficio applicado, observámos a acção religiosa, inspirando e influindo, nunca interrompida, de modo directo, embora diverso, as diversas fórmãs sociaes, que se vão substituindo e alterando. Quem tira do chaos a possibilidade, a maneira, o teor de existir das sociedades? Quem reprime os impetos da independencia selvagem, rude e indomavel? Quem limita os caprichos tão varios da força e do arbitrio? Quem rectifica a indole? Quem forma os costumes? Quem firma as convenções? Quem extrema e demarca os direitos? Quem estabelece os deveres? Quem roborá os preceitos? Nas mais celebradas monarchias, e nas menos conhecidas republicas; nos imperios que assombraram o mundo e nos tenuissimos horisontes das pequenas sociedades, que deixaram apenas de si vestigios nos annaes da humanidade, desde a primeira aurora da civilisação até que, progredindo continuo o policlar dos povos, pôde subir ao ponto culminante a sua luz radiosa, e durante e succedendo-se as frequentes e tão varias peripecias, que entram já no circulo admiravel em que nós mesmos somos comprehendidos, em tudo e sem nenhuma intermissão reconhece-se sempre a acção religiosa exercendo as funcções insuppriveis, por isso que sobrehumanas, de principio de vida, conservação, ordem e aperfeiçoamento social.

N'este periodo que apontámos vemos a acção do principio religioso expandindo-se e influindo por modos diversos sobre a conducta do homem nas differentes gradações sociaes, porque a religião tem a sua raiz profunda no coração do homem, que o vaé modificando e elevando á medida que a humanidade avança em idade e em rasão.

Mas se o homem obsceccado de intelligencia quebrou todos os vinculos sociaes e moraes que o ligam á sociedade, se o sentimento religioso o desampara, esse homem é perigosamente tratavel e falseará tudo em que poder ter acção, porque o seu coração corrompido e depravado o inclinará sempre aos seus interesses materiaes e desregradas paixões, sem que

a voz da consciencia, que elle desconhece, o venha arrebatara do pelago insondavel da corrupção, e decidir-se pelo cumprimento dos seus deveres.

Percorrendo os seculos, diz Lamennais até á origem do genero humano, acha-se a crença de um Deus, e de uma vida futura estabelecida entre todos os povos; sobre esta crença, unica sanção dos deveres, a unica garantia da ordem e das leis, repousa a sociedade universal.

Alludimos ao principio religioso, porque entendemos ser elemento indispensavel da organização social, e que d'elle deriva a moral dos povos.

Considerado pois o pharmaceutico dentro da esphera moral das suas relações profissionais, entende a commissão que não se deve tratar esta questão desprendida do sentimento religioso, porque lhe parece ser a unica guia que o deve conduzir no exercicio da sua profissão, fazendo-lhe actuar sobre o coração a luz da consciencia, a fim de que o remorso não venha algum dia torturar-lhe a sua existencia.

Talvez estas nossas ponderações sejam alcunhadas de excessivamente genericas em metaphysica; entretanto a commissão julgou que não devia deixar de as apresentar com toda a sua franqueza e liberdade, na convicção de que não deixarão de ser consideradas por esta sociedade pharmaceutica, que sempre tem dado provas de tolerancia para as alheias opiniões, embora não sejam por ella inteiramente partilhadas.

Resumindo a commissão as suas reflexões e no presuppósito de que ha motivo para queixumes, entende que será conveniente chamar a attenção dos nossos collegas, fazendo-lhes ver de quanto proveito será para credito e interesse dos pharmaceuticos, e em respeito da lei não se collocarem na dependencia de estranhas pessoas á pharmacia, no exercicio da sua profissão, porque será este um dos meios proficuos, ao nosso ver, que concorrerá para a sua gradual emancipação; fazendo sentir igualmente quanto devemos trabalhar na regeneração pharmaceutica, inoculando no coração dos nossos aspirantes a sã moral e o sentimento religioso tão preciso e necessario ao ho-

mem social, quanto indispensavel sobre maneira ao pharmaceutico.

Tambem lembra a commissão, que será de maxima conveniencia o estabelecimento de uma pharmacia central, com o possivel desenvolvimento, que porventura esta sociedade poderá talvez promover, por meio de uma associação organizada com pharmaceuticos, tendo em alguns pontos do reino, ilhas e possessões ultramarinas casas filiaes, a fim de todas as composições serem scientifica e convenientemente preparadas, e d'onde possam as pharmacias sortirem-se com a certeza genuina de suas composições.

Parece á commissão que este meio concorrerá poderosamente para se evitarem os abusos e falsificações que se podem dar, e que infelizmente talvez se dêem, na preparação de composições pharmaceuticas feitas por mãos profanas.

E é igualmente de parecer que se represente ao conselho de saude, chamando a sua attenção para o abuso escandaloso com que nas drogarias se manipulam composições e se fazem preparados pharmaceuticos que as leis prohibem.

É este o parecer da commissão, que sujeita ao illustrado juizo da sociedade.

Deus guarde a v. s.^a Lisboa e sala da commissão de direito pharmaceutico, em 2 de março de 1861.—Ill.^{mo} sr. presidente da sociedade pharmaceutica lusitana.—O director, *Joaquim Nunes Barbosa*—O vice-director, *Francisco Fortunato de Assis*—Vogal, *Francisco José Rodrigues Loureiro*.

da Ordem dos Farmacêuticos

VARIÉDADES

Publicação importante.—O distincto professor do lycee nacional de Lisboa, o sr. João Felix Pereira, acaba de publicar os seus elementos de physica e chimica, e introdução á historia natural dos tres reinos.

Recommendâmos esta obra, escripta com a maior clareza. Almanach do archipelago dos Açores.—Este almanach,

estatístico, historico, recreativo e noticioso, para o anno de 1865, é um importante e curioso trabalho do nosso collega e consocio o sr. Francisco Maria Supico, director da pharmacia do hospital da misericordia de Ponta Delgada.

Acção do acido sulphurico sobre a atropina.—A atropina collocada em pequena quantidade n'um vidro de relógio, e depois regada com acido sulphurico, dissolve-se promptamente. Aquecido, o liquido escurece e emite um cheiro aromatico, lembrando o de flor de laranja. Este cheiro desenvolve-se promptamente quando se ajuntam algumas gotas de agua distillada ao liquido, no momento em que começa a escurecer e a dar vapores. O auctor, o sr. Gulielmo, assegura que por este meio é muito facil reconhecer ainda por meio de um centesimo de milligramma de atropina.

Principio activo do helleboro verde.—O sr. Scattergood extrahiu d'esta planta a veratrina e uma resina particular. Em resultado d'estas experiencias, por elle feitas, a acção d'estas duas substancias é identica, salvo que a resina é um pouco menos toxica que a veratrina, a qual aliás é semelhante á que se retira do helleboro branco. A raíz secca de helleboro verde fornece 4 por cento de resina, e 4 por cento sómente de veratrina.

Segundo o sr. Scattergood a resina não é mais que uma modificação da veratrina.

Estas experiencias merecem ser repetidas.

Necrologios.—Falleceram os srs. José Felix Ferreira Senior, antigo pharmaceutico estabelecido na rua do Mirante, d'esta cidade; Avelino Ferreira dos Santos e José Felix Ferreira Junior, primeiro e segundo pharmaceuticos da provincia de Moçambique.

ANNUNCIOS

Xarope de philandrio composto—*Rosa*—Ensaiado com os melhores resultados nos hospitaes de S. José e militar da Estrella, em Lisboa, e pelo conselho medico do hospital de Santo Antonio, da cidade do Porto, bem como na clinica de muitos

facultativos da capital e das provincias, como se vê dos documentos que acompanham cada frasco.

Este xarope é de uma reconhecida utilidade contra os ataques astmaticos, catarrhos mais ou menos graves, tosses convulsas ou de qualquer outra natureza, e todos os mais padecimentos de peito.

Vende-se nas principaes pharmacias de Lisboa e na drogaria Serzedello, rua do Arsenal n.º 150 e 152; no Porto, na pharmacia do sr. F. B. dos Santos, rua de Santo Ildefonso. Deposito geral na pharmacia Rosa, rua de S. Vicente n.º 31 e 33, Lisboa.

Pilulas de proto-iodureto de ferro inalteravel, preparadas segundo o processo de Blancardil, pelo pharmaceutico Manuel Vicente de Jesus.

Estas pilulas, uteis no tratamento de affecções chloroticas, escrofulosas, tuberculosas, cancerosas, na menstruação difficil ou suppressão completa, nas perdas brancas, em varios accidentes de syphilis constitucional, na papeira, opilação do baço e rachitismo, são iguaes ás francezas pela sua composição e propriedades medicinaes, tendo sobre ellas a grande vantagem de serem menos consistentes.

Depositos. — Lisboa, pharmacia dos srs. A. F. A. de Azevedo & Filhos, praça de D. Pedro, n.º 88; Barral, rua Aurea, n.º 126; Oliveira, rua dos Retrozeiros, n.º 40; Franco, rua direita de Belem, n.º 138; Serzedello & C.ª, largo do Corpo Santo.

Porto, pharmacia do hospital real de Santo Antonio, campo dos Martyres da Patria.

Villa do Conde, pharmacia do hospital da misericordia.

Abrantes, pharmacia do sr. Manuel Vicente de Jesus Senior.

Lagos, pharmacia do sr. Manuel Gascon.

Rio de Janeiro, pharmacia do sr. Antonio Fernando da Costa, rua da Prainha, n.º 10.

Deposito geral — Pharmacia de M. V. de Jesus, largo do Rato, n.ºs 46 e 47.

PHARMACIA

RAIZ DE JOÃO LOPES PINHEIRO

Arvore espinhosa, e especie de acacia, chamada *Tefuleira* ¹. A raiz d'esta arvore é grossa, fechada, muito duplicada de ramos de diferentes grossuras, coberta de uma casca escura, fibrosa e pouco amarga. D'esta raiz sáe um tronco coberto de espinhos, de base larga e ponta aguda, percorrido de um orificio interiormente do diametro de uma pollegada, pouco mais ou menos, segundo a grossura do mesmo tronco. D'este sáem ramos differentes, parallelos uns aos outros ², formando uma figura radial, propriamente como uma roda de carruagem, dispostos d'esta maneira de distancia em distancia, guardando cada um d'estes ramos a mesma ordem proporcionada a suas grandezas. A sua casca é cinzenta, o seu pau é fibroso, leve e de consistencia branda; a sua côr é de um muito ligeiro amarello; a medulla do seu orificio é uma especie de massa de roxo escuro, pouco consistente e que facilmente se secca e reduz a pó logo que a arvore secca; esta medulla é entretida por pequenos e finos filamentos dispostos transversalmente.

As suas folhas são do comprimento de quatro pollegadas, largura de duas, a sua ponta comprida em fórma de espinho, a sua côr de um verde esmeralda, por dentro, e mais claro por fóra, o seu pé, de tres e quatro linhas, as suas nervuras são de doze a quatorze, correspondentes ás de um lado com as de outro, ligeiramente denteladas em distancia de um quarto de pollegada. O seu fructo chama-se *tefulã*; nasce entre os pequenos ramos em fórma de cachos com muitos ramos, que se dividem e subdividem, dos quaes sáem uns pequenos botões que se abrem e dividem em seis partes, entre as quaes sáe uma flor branca de oito folhas muito pequenas e um pestil

¹ Nem é familia das *acacias* nem o nome vulgar é *tefuleira*; *tefulã*, *tefolã* ou *tefulã* se chama na lingua da terra d'onde o auctor formou por seu arbitrio uma palavra barbara com terminação portugueza.

² Divergentes uns dos outros, deverá dizer.

amarello, redondo e duro, que se transforma no dito fructo, coberto de uma casca delgada, dura, de côr cinzenta, que depois de sua maturação se abre em duas porções e deixa ver o seu grão de uma côr muito preta e lustrosa, cujo grão é igualmente do tamanho de um grão de pimenta. A sua massa é semelhante á mesma pimenta; o seu gosto é picante, acre; o seu cheiro é em tudo semelhante á baga de louro, mas mastigado produz uma copiosissima salivação, que dura por muito tempo.

A raiz d'esta arvore tomou o nome de João Lopes Pinheiro, por ser este homem o primeiro que mostrou o seu uso e applicação aos europeus, pelo modo que tinha podido perceber dos habitantes do continente dos Rios de Sena, aonde este mesmo conhecimento tinha sido transportado de Manica, onde é tida por um dos maiores remedios dos cafres mesinheiros, e é esta raiz aquella que alguns auctores chamam *raiz de Manica*, e de que até agora se não tem dado a sua descripção.

Virtudes.—É um grande febrifugo, e creio que o melhor de que usam os cafres da Manica, e outras partes; é anti-hysterica, carminativa e resoliativa; tem virtudes narcoticas, é singular para as dores de dentes, principalmente o seu fructo posto sobre o dente dolorido ou cariado; dissipa com muita facilidade as esquineneias lymphaticas, trazida na bôca, mastigada ou tomando ligeiros cozimentos, tanto da sua raiz como do seu fructo, em gargarejos; é um dos poderosos especificos e contra veneno das mordeduras de cobras de toda qualidade e de outros insectos venenosos, e muitos affirmam que as mesmas cobras e insectos não habitam junto d'ella, nem em parte onde se possa perceber o seu cheiro.

Dóses.—Applica-se o pó da sua raiz na dóse de meio escropulo até tres, desfeitos em agua, duas e tres vezes por dia, e proporcionalmente em infusão; exteriormente se applica em fôrma de linimento ou cataplasma sobre as contusões de qualquer genero, sobre os tumores lymphaticos, as inchações comatosas, rheumaticas e nas circumferencias de todas as feridas venenosas, como um dos remedios mais efficazes; como bebida ordinaria é poderosissimo remedio das dores nephri-

ticas, mas esta bebida deve ser muito ligeira para que possa permanecer o seu uso por largo tempo: usa-se do seu fructo tanto no continente de Moçambique como na costa do Malabar, Gates, partes do norte, Damão e Diu, na comida como especiaria, do mesmo modo que usam da pimenta redonda, mas em menos quantidade, por ser muito activa.

Cresce esta arvore até á altura de trinta palmos, em umas partes mais e em outras menos; é agradável á vista pela sua admiravel disposição e formatura, principalmente no tempo da sua seve, flor e fructo; acha-se em grande quantidade pelos matos e oiteiros, e mesmo junto á moradia da gente da plebe, que a conservam para a promptidão do seu uso.

Os cafres mesinheiros fazem diferentes usos do pau, casca, folhas e fructo d'esta arvore; mas é difficilissimo vir ao perfeito conhecimento d'elles sem uma providencia expressamente determinada para este fim, que devia ser acompanhada de um viajante habil e indagador. Não tenho noticia de que precise de antidotos para as applicações que lhe conhecermos, e só a mais ou menos quantidade e a sua suspensão são os que se devem praticar, alternando o seu uso conforme as circumstancias o pedirem.

(Jorn. de pharm. e scienc. acces. da India port.)

MARMELADA DE NUNCULINA

Carne crua de boi 5. 100 grammas

Separam-se com cuidado as aponevroses e toda a parte gorda, corta-se em pequenos pedaços, machuca-se em almofariz de pau, e depois junta-se:

Assucar pulverisado	20	grammas
Chlorureto de sodio	4,50	»
Chlorureto de potassio	0,50	»
Pimenta negra em pó	0,20	»

Para tomar ás pequenas colhéres durante o dia; pôde substituir-se a carne de boi pela carne de peixe ou de polvo.

XAROPE CONTRA A COQUELUCHE
(Trousseau)

Xarope de ether	20	grammas
Xarope de opio	20	»
Xarope de belladona	20	»
Xarope de flor de laranja	20	»

Misture.

Dóse. — Dez a vinte gotas por dia.

LINIMENTO ANODINO
DE BOYER

Extracto de opio	10	grammas
Unguento de althéa	30	»
Balsamo tranquillo	60	»
Oleo de amendoas	60	»

Dissolva-se segundo a arte o extracto de opio; ajunte-se logo o unguento, e por ultimo o balsamo e o azeite.

PAPEL ANTI-ASTHMATICO

Para acalmar os padecimentos dos asthmaticos inventaram-se varios papeis, cartões, cigarros, tubos e fumigações. Eis-aqui a formula do papel anti-asthmatico que se recommenda hoje como mais efficaz:

Folhas de belladona	5	grammas
Folhas de stramonio	5	»
Folhas de digitalis	5	»
Folhas de salvia	5	»
Tintura de beijoim	40	»
Nitrato de potassa	75	»
Agua	4	libra

Faça-se um decocto com todas estas plantas, dissolva-se depois no liquido a quantidade prescripta de sal, ajunte-se a esta solução a tintura de beijoim, e mergulhe-se no liquido uma

mão de papel descolado, folha por folha. Depois de vinte e quatro horas de subversão, tira-se o papel, faz-se seccar, divide-se convenientemente e guarda-se.

**MISTURA ODONTALGICA
DE LAMAZURIER**

Agua distillada de louro-cerejo. . . 60 grammas
Acetato de morphina 5 centigrammas

Dissolve-se segundo a arte, para se applicar nas nevralgias dentarias; usa-se tambem em gargarejos, deitando 10 ou 12 gotas em 2 onças de agua morna.

QUIMICA

EXPERIENCIAS IMPORTANTES SOBRE AS CORES DA ANILINA

PELO SR. SCHIFF

O amarello da anilina foi observado muitas vezes pelo auctor durante a serie das suas experiencias, e prepara-se, segundo elle, por meio do acido antimomico ou do acido estannico hydratados, tomando do acido antimomico ou estannico alcalino, porphirisados com a metade do seu peso de anilina, de maneira a dar-lhe a consistencia de um caldo claro; depois junta-se acido chlorhydrico até á reacção acida; agita-se e logo apparece a côr vermelha, que se destroe por meio do alcool etherizado; devendo depois fazer-se seccar a massa. Depois de uma separação conveniente submete-se á evaporação espontanea, o que dá origem a laminas cantharidinas de um chlorhydrato que tem por base uma materia de côr rubra, que nunca se deve confundir com a rosalinina. Ora, se este chlorhydrato é decomposto pelos alcalis, depositam-se flocos de um amarello muito intenso, que se torna encarnado em presença dos acidos.

Impregnando-se d'esta côr vermelha um tecido de seda ou de lã, e passando-o depois por uma dissolução quente de Carbonato de soda desenvolve-se uma bella côr amarella,

muito semelhante ao amarello do acido picrico, e que o auctor considera dotada de uma grande estabilidade.

O amarello da anilina pôde pois desenvolver-se sobre o proprio tecido, o que, como se vê, poderá fazer-se facilmente por meio do estannato de soda, tão usado em tinturaria.

O auctor ainda não fixou a sua opinião sobre a composição d'estas materias corantes; será o objecto de uma communição ulterior.

F. J. R. LOUREIRO.

PROPRIEDADES DO OXYDO DE PRATA

PELO SR. BOETTGER

Este auctor notou que o oxydo de prata cede seu oxygenio ás materias combustiveis com tanta facilidade como o peroxydo de chumbo, o qual deve a esta propriedade o ser empregado em tão larga escala na fabricaçã das mechas chimicas.

Uma mistura bem secca, formada de duas partes, pouco mais ou menos, de oxydo de prata e uma de enxofre doirado inflamma-se promptamente pela fricção, pela trituração n'um gral e mesmo esfregando-a nas dobras de um papel. Pôde substituir-se o composto antimonico pelo sulphureto negro de antimonio, pelo arsenico, pelo oiro pimenta e mesmo tambem pelo phosphoro amorpho e pelo tannino. Uma gota de acido phenico ou de creozota lançada sobre o oxydo de prata, bem secco, inflamma-o promptamente.

O selenio e o enxofre sublimado produzem o mesmo effeito triturados com elle.

ACIDO ERUCICO

PELO SR. OTTO

Este acido foi descoberto pelo sr. Stephendarby no oleo graxo da mostarda branca, e encontrado em 1853 no oleo da colza, e descripto pelo sr. Websky debaixo do nome de acido brassinico. O acido erucico já foi estudado tambem pelo sr. Staedler, que reconheceu a identidade d'estes dois acidos.

As analyses do sr. Otto confirmam esta maneira de ver. Com a baryta crystallisa em mamilos. Pela fusão com a po-

tassa caustica abandona hydrogenio, e no residuo não se encontra acido.

O acido erucico fixa o bromio sem emissão de acido bromhydrico.

A HYDRASTINA

PELO SR. MAHLA

A hydrastina foi descoberta pelo sr. Durand no *hydrastis canadensis*, associada á berberina, e lhe reconheceu propriedades alcalinas. Precipita pela ammonia, quando esta é lançada no liquido d'onde a berberina tenha sido extrahida. O precipitado recolhido sobre um filtro de tecido, espremido e tratado pelo alcool forte, a quente, dissolve promptamente o alcaloide, que depois deixa precipitar pelo resfriamento em bellos *crystaes prismaticos*, direitos ou *rhomboidaes*, que por novas *crystallisações* podem obter-se incolores.

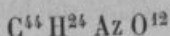
A hydrastina é insípida, mas os seus saes têm o sabor amargo, acre e quente. A 135° centigrados funde-se, e a uma temperatura mais elevada decompõe-se, emittindo vapores amarellos, cujo cheiro muito se assimilha ao do acido phenico. Aquecido sobre uma lamina de platina arde com uma chama fuliginosa. É insolúvel em agua, mas dissolve-se em ether e alcool. A potassa em dissolução diluida, fervendo, não tem acção sobre este alcaloide. Dissolve-se brandamente no acido azotico, e lhe dá a cor rubra; dissolve-se, a frio, no acido sulphurico concentrado, tomando a cor amarella, e aquecida a solução muda para rubra. Com o bichromato de potassa produz uma cor escura carregada, bem distincta da que produz e caracteriza a strychnina. O acido sulphurico diluido é um excellent dissolvente da hydrastina, e d'elle se precipita em branco, pela ammonia, pela potassa, pelo ferro-cyanureto e iodureto de potassio.

O iodureto iodurado de potassio occasiona-lhe um precipitado escuro, que se torna resinoso quando se aquece o liquido que o contém em suspensão. A sua dissolução dá com o bichlorureto de platina um precipitado rubro amarellado, so-

lúvel na agua mãe, a quente, mas tornando a separar-se pelo resfriamento; depois de dissolvido este precipitado toma o aspecto da resina fundida.

O chlorhydrato é precipitado pelo chlorureto de oiro. O sesquichlorureto de ferro não tem acção sobre elle.

O sr. Mahla attribue á hydrastina a formula



achando C 66,379, H 5,698, Az 3,832.

O seu chloro-platinato é um pó amorpho rubro, pouco solúvel em agua e muito solúvel em alcool; levada á ebullicão esta solução deixa depor vagarosamente a platina em pó negro, que logo adquire uma bella cor azulada.

(Journal de pharm. et de chim.)

F. J. R. LOUREIRO.

SOBRE UM NOVO SAL QUÁDRUPLO

PELO SR. PELTZER

Tratando o sulphato ou acetato de cobre pelo hypo-sulphyto de soda obtem-se, como é sabido, um sulphyto duplo, que foi estudado pelos srs. Leuz e Rammelsberg; ora este sulphyto é solúvel na ammonia, que o cora em azul, e quando a solução é abandonada a si mesmo deixa depositar umas agulhas azues, que contêm o novo sal.

Póde ainda obter-se mais promptamente: toma-se uma dissolução de sulphato de cobre dividida em duas partes iguaes, uma é saturada pela ammonia, e outra pelo sulphyto de soda, misturam-se os dois liquidos; é sufficiente o agita-los para se obter um deposito crystallino de uma cor violeta, constituindo o producto procurado.

Este ultimo possui um cheiro ammoniacal, pronunciado, sobretudo quando se reduz a pó. Supporta bem uma temperatura de 100° centigrados. Aquecido n'um tubo não perde a agua de crystallisação, mas dá logar a um sublimado branco, que depois se torna alaranjado pelo resfriamento. Pela ebullicão com agua este sublimado emite ammoniaco, e se em seguida se lhe ajunta acido chlorhydrico nota-se um desen-

volvimento de gaz sulphuroso que denuncia a presença do sulphato-ammoniaco de M. H. Rose no producto sublimado.

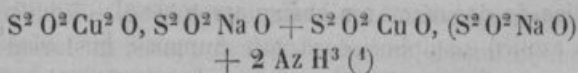
Misturado com chlorato de potassa detona pelo choque. A agua não o dissolve, mas decompõe-o a quente, e então forma-se uma materia verde e seguidamente floculos brancos de um sal de protoxydo de cobre, que exhala ammoniaco; pela ebullicão prolongada forma-se sulphato de cobre. O novo sal é soluvel na ammonia, no hypo-sulphyto de soda e no acido acetico. Aquecido com a potassa e depois levado á ebullicão deixa depositar uma mistura formada de protoxydo e de deut-oxido de cobre.

A sua solução acetica é decomposta pelos raios solares; o hypo-chlorito de soda igualmente o destroe, dando logar a um precipitado branco que contém protoxydo de cobre e acido tetrathionico. O azotato de prata tambem o precipita em branco, todavia o precipitado não tarda em desaparecer, dando logar a um deposito verde, soluvel em ammonia, dando tambem logar a um deposito de sulphureto de prata. O deposito contém cobre, prata e acido sulphuroso. O auctor pensa que o ferro, o cobre, o zinco e a prata podem aqui substituir o cobre, sem se lembrar que o sulphato de cobre ferruginoso dá um sal quadruplo que contém ferro.

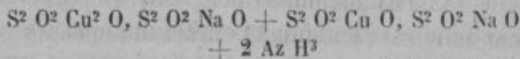
Eis-aqui a composição centesimal d'este sal, dada por elle:

Cu ³ O ²	27,76
Na O	15,52
Az H ³	8,52
S ² O ²	48,19

E d'aqui deduziu a formula:



(1) Esta formula parece-nos um pouco empyrica, pôde decompor-se em:



(Nota do traductor.)

O auctor entende que o ammoniaco aqui não exerce senão um papel passivo, enquanto que quem funciona é a agua da crystallisação.

F. J. R. LOUNINO.

VARIETADES

Boa noticia.—N'uma correspondencia de Hespanha lemos o seguinte:

«Acaba de conceder-se a cruz de beneficencia de primeira classe a alguns dos membros da commissão encarregada da redacção da pharmacopéa official; outros membros da mesma commissão estão propostos para gran-cruzes, e ao resto foram concedidas as honras de chefe superior de administração pelo importante trabalho, cuja confecção durou mais de seis annos, e que vem preencher uma necessidade sobremaneira imperiosa e necessaria n'este interessantissimo ramo.

«Em breve tempo apparecerá na gazeta a sua approvaçào e consequentemente a tarifa que, com fundamento, acreditamos se publicará no mesmo periodico official.»

Prohibição do uso do hachisch.—O governo tureo, julgando o hachisch uma substancia venenosa, prohibiu absolutamente tanto o uso como a sua venda ao publico, reservando unicamente a sua applicação como medicamento. Á vista de uma tal resolução pôde dizer-se que o sultão não tem por conselheiro nenhum d'esses sabios economistas, acerrimos defensores da liberdade do commercio.

Entre nós os occidentaes, como mais civilizados, nunca falta quem advogue ou proteja a liberdade do commercio, ainda mesmo das substancias prejudiciaes á saude publica.

Meios de desinfectar e branquear o sebo.—Tomem-se, acido azotico e sulphurico aã 250 grammas, misturem-se e ajunte-se a mistura a 50 kilogrammas de sebo fundido; agite-se fortemente e depois de um quarto de hora de repouso cõe-se em agua fria convenientemente agitada. Depois decante-se e lave-se reiteradas vezes: funde-se a brando calor, agitando-o, para facilitar a evaporação de alguma agua, conseguido o que

deixa-se em repouso, durante o qual tem lugar a separação de flocos escuros, produzidos pela materia corante, debaixo da influencia dos acidos, que se devem separar por filtração; o sebo depois de frio fica inodoro e de uma côr extremamente branca.

Solemnidade pharmaceutica. — A associação dos pharmaceuticos allemães celebrou ultimamente e quinquagesimo anniversario da sua fundação. A primeira pharmacia que houve na Allemanha foi em Ulm em 1364.

Combinação do acido sulphurico e arsenioso, pelo sr. Reich, ou sulphato arsenioso, pelo sr. Laurent. — No canal destinado a conduzir das camaras de chumbo o gaz sulphuroso proveniente da combustão das pyrites foram achados crystaes tubulares fortemente alteraveis ao ar, ao contacto do qual elles deixaram pouco a pouco escapar acido sulphurico, dando lugar a um residuo pseudo-morphico, não contendo mais que acido arsenioso. A composição d'estes crystaes é concorde com a formula $SO^2 ASO^3$. É decomponivel a quente.

Ammoniaco contido no tartaro bruto, pelos srs. Vogel e Falk. — Obtem-se uma exhalação sensivel de vapores ammoniacaes tratando, mesmo a frio, o cremor tartaro por uma dissolução de soda. A materia que forneceu este resultado continha 0,012 por 100 de ammoniaco. O cremor tartaro puro deve ser isento d'este alcali.

Propriedades toxicas da nitro-glycerina, pelo sr. Demme. — As experiencias feitas no hospital de Berne confirmam as observações precedentes feitas sobre as propriedades venenosas da nitro-glycerina, pelo sr. Field.

O sr. Hering tambem a introduziu na medicina homoeopatica, debaixo do nome de glonoine, formado das iniciaes de glycerina, oxydo nitrogenado.

Segundo o sr. Demme este veneno é comparado ao da noz vomica, e porventura mais perigoso, por ser mais activo ainda do que este.

Preparação de iodureto de cadmio. — Propõem os auctores substituir aos diferentes processos de preparar o iodureto de

cadmio puro, e muito usado na photographia, o seguinte, fundado na solubilidade d'este iodureto no alcool. Para isto toma-se 20 partes de iodureto de potassio e 15 de sulphato de cadmio, fazem-se dissolver em agua, e esta dissolução é evaporada á sec-cura. O residuo branco crystallino trata-se a brando calor pelo alcool absoluto; depois da filtração o liquido apresenta, no fim de algumas horas, laminas pacaradas do iodureto de cadmio.

As quantidades das substancias que acima fallámos dão 15 grammas de producto.

Novo especifico antifebrifugo, pelo dr. Marone. — Este professor acaba de dar publicidade a uma nova applicação, que elle preconisa sobremaneira na cura das intermittentes; consiste na mistura do sulphato de quinino e de iodureto de potassio, com a qual (sem determinar a quantidade) assevera ter curado completamente as febres miasmaticas graves, tanto no verão como no outono, de qualquer typo ou qualidade que ellas sejam, fazendo desaparecer promptamente os paroxismos febris e ao mesmo tempo as alterações organicas já existentes.

Propriedades desinfectantes do bagaço da canna do assucar. — Um medico de Georgetown enviou á sociedade das artes de Londres varias observações sobre as propriedades desinfectantes do bagaço da canna do assucar. Diz ter-lhe suggerido estes ensaios o facto de ter encontrado, sem signaes de putrefacção, deseccado e mumificado, o corpo de um homem morto alguns dias antes, que foi examinado por ordem judicial, depois de lhe ter sido retirado o bagaço, debaixo do qual se achou. Repetindo o auctor as experiencias, assegura ter observado que não só se conservam bem os corpos dos animaes enterrados no bagaço, mas tambem que pequenos vasos cheios d'este, e renovado frequentes vezes, bastam para desinfectar as salas de um hospital, onde reinam as gangrenas e outras enfermidades contagiosas.

Meio de reconhecer a côr artificial do vinho tinto. — O auctor diz que o processo é facillimo e permite conhecer de prompto se o vinho tinto é corado natural ou artificialmente; este processo é baseado sobre a differença que existe na solu-

bilidade em agua da materia colorante natural do vinho e d'aquella que indevidamente costumam juntar aos vinhos.

O sr. Blume acrescenta, que esta é mais soluvel do que aquella, a qual só se dissolve em agua fortemente alcoolizada.

Eis como elle procede n'este ensaio:

Embebe-se no vinho suspeito um bocado de miolo de pão ou esponja bem limpa; quando a substancia porosa está bem embebida colloca-se n'um prato de porcelana contendo agua; se esta se cora promptamente em côr violeta, é indicio certo de que a côr do vinho é estranha á da uva, se pelo contrario a agua só no fim de um quarto até meia hora toma a côr opalina, a côr do vinho é natural.

Vinho de coalho como succedaneo da pepsina. — A infidelidade da acção da pepsina fornecida pelo commercio em Inglaterra suggeriu ao sr. Ellias a idéa de a substituir pelo vinho de coalho preparado da seguinte maneira:

Tome-se um estomago de vacca fresco, corte-se a cardia cuidadosamente e a face interna, sem inutilisar cousa alguma do mucus limpido que a recobre; assim cortada toda a substancia em pequenos bocados se introduz n'uma garrafa cheia de vinho de Xerez. Macere-se por tres semanas. Este vinho assim preparado administra-se na dóse de uma colher de chá, em todos os casos em que é applicavel a pepsina immediatamente depois da comida, em agua adoçada.

Se se quizer substituir o vinho de Xerez por outro, escolher-se-ha o mais alcoolico, juntando-lhe algum assucar para melhor se conservar.

ANNUNCIOS

Xarope de phillandrio composto — Rosa — Ensaiado com os melhores resultados nos hospitaes de S. José e militar da Estrella, em Lisboa, e pelo conselho medico do hospital de Santo Antonio, da cidade do Porto, bem como na clinica de muitos facultativos da capital e das provincias, como se vê dos documentos que acompanham cada frasco.

Este xarope é de uma reconhecida utilidade contra os ataques asthmaticos, catarrhos mais ou menos graves, tosses con-

vulsas ou de qualquer outra natureza, e todos os mais padecimentos de peito.

Vende-se nas principaes pharmacias de Lisboa e na drogaria Serzedello, rua do Arsenal n.º 150 e 152; no Porto, na pharmacia do sr. F. B. dos Santos, rua de Santo Ildefonso. Deposito geral na pharmacia Rosa, rua de S. Vicente n.º 31 e 33, Lisboa.

Pilulas de proto-iodureto de ferro inalteravel, preparadas segundo o processo de Blancard, pelo pharmaceutico Manuel Vicente de Jesus.

Estas pilulas, uteis no tratamento de affecções chloroticas, escrofulosas, tuberculosas, cancerosas, na menstruação difficil ou suppressão completa, nas perdas brancas, em varios accidentes de syphilis constitucional, na papeira, opilação do baço e rachitismo, são iguaes ás francezas pela sua composição e propriedades medicinaes, tendo sobre ellas a grande vantagem de serem menos consistentes.

Depositos.—Lisboa, pharmacia dos srs. A. F. A. de Azevedo & Filhos, praça de D. Pedro, n.º 88; Barral, rua Aurea, n.º 126; Oliveira, rua dos Retrozeiros, n.º 40; Franco, rua direita de Belem, n.º 138; Serzedello & C.^a, largo do Corpo Santo.

Porto, pharmacia do hospital real de Santo Antonio, campo dos Martyres da Patria.

Villa do Conde, pharmacia do hospital da misericordia.

Abrantes, pharmacia do sr. Manuel Vicente de Jesus Senior.

Lagos, pharmacia do sr. Manuel Gascon.

Rio de Janeiro, pharmacia do sr. Antonio Fernando da Costa, rua da Prainha, n.º 10.

Deposito geral—Pharmacia de M. V. de Jesus, largo do Rato, n.ºs 46 e 47.

ERRATA

Pag. 197—Onde se lê = n'este logar. A honra que sempre, etc. = deve ler-se = n'este logar de honra que sempre, etc. =

INDICE ALPHABETICO

DAS

MATERIAS CONTIDAS N'ESTE TOMO

A

- Acção descolorante das urinas sobre a tintura de iodo. 52.
- Acção do acido azotico sobre a camphora e sobre os oleos essenciaes e resinas, etc. 163.
- Acção do acido sulphurico sobre a atropina. 219.
- Acção (da) que sobre a pupilla exerce a fava de Calabar. 68.
- Acido camphorico (preparação do). 163.
- Acido chlorochromico (sobre o espectro do). 206.
- Acido arsenico, pelo sr. Otto. 226.
- Acido lithofellico. 187.
- Acido sulphurico e arsenioso (combinação do), pelo sr. Reich. 231.
- Acidos de uso mais frequente em pharmacia. 5 e 26.
- Acido hydrochlorico (uso do) na preparação do cremor tartaro. 64.
- Actas (extracto das) das sessões litterarias. 12, 36, 73, 116, 137, 142 e 209.
- Adonitina para acalmar a dor de dentes. 23.
- Affusões frias contra os envenenamentos narcoticos. 25.
- Aguas potaveis (modo pratico de reconhecer as boas). 70.
- Albumina (reacção da). 56.
- Alcaloide volatil da arnica. 137.
- Alcaloides (platino-cyanureto de potassium como reactivo dos). 185.
- Alcool amylico (purificação do). 58.
- Alcool e sua destruição no organismo. 203.
- Almanach no archipelago dos Açores. 218.
- Alumen com base de ferro e de thallium. 180.
- Algodão polvora (informações sobre o). 204.
- Amontevel. 102.
- Ammoniaco contido no tartaro bruto, pelos srs. Vogel e Falk. 231.
- Anilina (experiencias importantes sobre as cores da), pelo sr. Schiff. 225.
- Anuncios. 20, 60, 80, 100, 120, 140, 160, 180, 200, 219 e 223.
- Antídoto da intoxicação pelo phosphoro. 121.
- Antifebrifugo (novo especifico), pelo sr. Marone. 232.
- Aos nossos collegas. 18.
- Apparelho para extrahir a prata das aguas da lavagem das photographias. 129.

B

- Bagaço de canna de assucar (propriedades desinfectantes do). 232.
- Banana do Brazil (composição da). 189.
- Belladona (xarope de philandrio e). 43.
- Benzina perchlorada (sobre a). 161.
- Bismutho (meios de procurar o). 141.
- Breve noticia dos cobras venenosas da India portugueza, das contra-venenos de suas mordeduras, e preparação dos mesmos. 85.

C

- Carbonato de ferro effervescente. 24.
 Chloroformio (meio de reconhecer a pureza do). 38.
 Chloroformio applicado interiormente contra os calculos biliares, etc. 83.
 Chlorureto de sodio (xarope de). 42.
 Choréa (pilulas contra a). 67.
 Chronologia de todas as leis, alvarás, decretos, portarias, editaes, etc. relativos aos pharmaceuticos, etc. 114 e 191.
 Cigarretas arsenicaes. 123.
 Citrato de magnesia solúvel (sobre o). 41.
 Cobras venenosas da India portuguezia (breve noticia sobre ellas e sobre os contravenenos de suas mordeduras, etc). 85.
 Cobras venenosas (preservativo das mordeduras das). 101.
 Combinação da quina com a essencia de aniz. 18.
 Concurso na escola de medicina de Lisboa. 99.
 Conservação de legumes. 3.
 Cór artificial do vinho tinto (meio de reconhecer a). 233.
 Cremor tartaro (uso do acido hydrochlorico na preparação do). 69.
- D**
- Da reacção do perchlorureto de ferro, sobre o sulphidrato de ammonia. 131.
 Da santonina considerada como preservativo das concreções do acido urico. 45.
 Da transformação do assucar em glucose, pelo calor. 133.
 Digitalis (sobre um alcaloide volátil da) 50.
 Dor de dentes (adontina para acalmar a). 23.
 Dos bromuretos alcalinos e sua preparação, pelo sr. Klein, 208.

E

- Elementos de pharmacologia geral, ou principios geraes de materia medica e de therapeutica. 17.
 Escola medico-cirurgica de Lisboa. 158.
 Escola de medicina de Lisboa (concurso na). 99.
 Escoriações e feridas das partes (remedio contra a). 66.
 Escoriações e fendas dos peitos. 25.
 Escorioneira (presença da asparagina na). 38.
 Especifico antifebrifugo (novo) pelo dr. Marone. 232.
 Espectro do acido chlorochromio (sobre o). 206.
 Essencia das sementes de santonina, por mr. Krant e Wahlfors. 201.
 Exame chimico do oleo volatil de noz moscada. 124.
 Extracção do iodo (sobre a). 51.
 Extracto das actas das sessões litterarias. 12, 36, 73, 116, 137, 142, 195 e 209.
 Ether iodhydrico. 184.

F

- Fava de Calabar (da acção que sobre a pupilla exerce a). 68.
 Febrifugo. 79.
 Fendas das partes (remedio para as). 66.
 Ferro reduzido (nota sobre o). 104.
 Folhas do ricino galactagogo. 21.
 Formula das pilulas de Holloway. 181.
 Formula do unguento de Holloway. 481.

G

- Glucose (novo processo para a reconhecer na urina). 99.
 Glycerina como remedio contra o oidium. 182.
 Glycerina (sobre a preparação da). 44.
 Gota (pilulas contra a). 65.

H

- Hachisch (proibição do uso do). 230.
 Hydrastina (a) pelo sr. Mahla. 227.
 Hydrogenio estibiado medicinal. 162.
 Hypo-phosphito de quinina. 100.

I

- Infeliz sorte. 140.
 Iodureto de cadmio (preparação do). 231.
 Iodo (sobre a extracção do). 51.
 Iodureto de cadmio (preparação do). 129.
 Iodureto de enxofre soluvel (sobre um pretendido). 188.
 Iodureto de potassio (modo de fazer desaparecer o sabor desagradavel do). 69.

K

- Koussina. 133.

L

- Legumes (conservação dos). 3.
 Leite (meio de conservar o). 22.
 Licor de Millate. 66.
 Linimento anodino de Boyer. 224.
 Linimento para a cura da sarna. 63.
 Liquido contra a mordedura da vibora. 122.
 Lolium tumolentum. 138.

M

- Manchas do sangue (pesquisas sobre as). 135.
 Marmelada de nunculina. 223.
 Meio de conservar o leite. 22.
 Meio de reconhecer a pureza do chloroformio. 58.

Meios de desinfectar e branquear o sebo. 230.

Meios de procurar o bismutho. 144.
 Menique (ligeira idéa do). 102.
 Mercurialina (sobre a). 50.
 Mistura odontalgica de Lamazurier. 225.

Modo de fazer desaparecer o sabor desagradavel do iodureto de potassio. 67.

Modo pratico de reconhecer as boas aguas potaveis. 70.

Monomanias. 78.

Mordedura da vibora (liquido contra a). 122.

Mordedura das cobras venenosas da India (preventivo da). 101.

N

Necrologios. 40, 80, 138 e 219.

Nevralgias faciaes (topico contra as). 68.

Nitro-glycerina (propriedades toxicas da) pelo sr. Demme. 234.

Nota sobre o ferro reduzido. 104.
 Noticia (boa). 230.

Noticia (breve) das cobras venenosas da India portugueza, dos contravenenos de suas mordeduras e preparação dos mesmos. 85.

Nova forma de produzir os aldehydes, pelo sr. Carstanjen. 207.

Novo alealoide volatil. 50.

Novo aparelho. 58.

Novo processo para reconhecer a glucose na urina. 99.

Nunculina (marmelada de). 223.

O

Oidium (glycerina como remedio especifico contra o). 182.

Oleo de figados de bacalhau solidificado. 141.

Oleo volatil de noz moscada (exame chimico do). 124.

Oxydo de cobre (preparação do) para as analyses elementares. 49.

- Oxydo de prata (propriedades do). 227.
 Ozone (observações sobre a sua influencia em certas enfermidades). 419.

P

- Papeis atropinados. 66.
 Papel anti-asthmatic. 224.
 Pepsina (succedaneo da). 233.
 Pepsina (xarope de). 22 e 123.
 Perchloreto de carbonio (sobre um novo). 161.
 Pesquisas sobre as manchas do sangue. 135.
 Pharmacia (a) representada no parlamento. 99.
 Pharmacologia geral (elementos e principios geraes de materia medica e therapeutica). 17.
 Pharmacopæa hespanhola. 78.
 Pharmacopæas. 18.
 Phillandrio e belladona (xarope do). 43.
 Phosphato (hypo) de quinina. 100.
 Phosphoro (antidoto da intoxicação pelo). 121.
 Physostigma venenosa. 68.
 Physostigmina. 79.
 Pilulas contra a chorea. 67.
 Pilulas contra a gota. 65.
 Pilulas de Holloway. 181.
 Pinho (uso das folhas do). 121.
 Platino-cyanureto de potassium como reactivo dos alcaloides. 185.
 Pção de Graves contra a grippa. 21.
 Pomada de loureiro rosa contra a sarna. 24.
 Pós laxantes e refrigerantes. 67.
 Preparação do acido camphorico. 163.
 Preparação do iodureto de cadmio. 129 e 231.
 Preparação do oxydo de cobre para as analyses elementares. 49.
 Preparação do protoxydo de cobre dehaixo da forma de um bello pó vermelho. 184.
 Preparação do zinkatylo. 185.
 Preparação dos contravenenos das mordeduras das cobras venenosas. 85.

- Presença da asparagina na escorciônica. 58.
 Preventivos das mordeduras das cobras venenosas da India. 101.
 Principio activo do helleboro verde. 219.
 Propriedades toxicas da nitro-glycerina, pelo sr. Demme. 231.
 Propriedades do oxydo de prata, pelo sr. Bœttger. 226.
 Publicação importante. 218.
 Purificação do alcool amylico. 58.
 Purificação do cobre. 46.
 Puros signaes de gratidão. 19.

R

- Raiz de João Lopes Pinheiro. 221.
 Reacção do perchlorureto de ferro sobre o sulphurato de ammonia. 131.
 Reacções da albumina em presença da gomma. 56.
 Recommenção importante. 19.
 Remedio contra a escoriação e fendas das partes. 66.
 Ricino galactagogo (folhas do). 21.

S

- Sal quadruplo (sobre um novo), pelo sr. Peltzer. 223.
 Santonina (da) considerada como preservativo das concreções do acido urico. 45.
 Sarna (linimento para a cura da). 65.
 Sarna (pomada contra a). 24.
 Sebo (meios de desinfectar e branquear o). 230.
 Sessão solemne anniversaria. 144 e 166.
 Sobre a combinação do azote com os metaes. 71.
 Sobre a data da invenção do vidro soluvel. 139.
 Sobre a extracção do iodo. 51.
 Sobre a mercurialina. 50.
 Sobre a preparação da glycerina. 44.
 Sobre o citrato de magnesia soluvel. 41.

Sobre o espectro do acido chloro-
chromico, pelos srs. Gottschalk e
Drechsel. 206.

Sobre um alcaloide volatil da digi-
talis. 50.

Sobre um pretendido iodureto de
enxofre solúvel. 188.

Sociedade das sciencias medicas de
Lisboa. 79.

Solemnidade pharmaceutica. 231.

Solubilidade do sulphato de chumbo
no acido chlorhydrico e azotico.
133.

Sparadrappo stibiado. 23.

Sulphato arsenioso, pelo sr. Lauret.
231.

Sulphato de magnesia (xarope de).
42.

Syringina. 127.

T

Tannato de quinina (sobre o). 43.

Telegraphia vocal. 58.

Tintura de iodo (acção descolorante
das urinas sobre a). 52.

Tintura sinapisada, pelo sr. Barbet.
201.

Topico contra as nevralgias faciaes.
68.

Topico febrifugo. 202.

Toxicologia. 61 e 81.

Transformação do assucar em glu-
cose, pelo calor. 133.

U

Unguento Holloway. 181.

Unguento para curar sarna. 202.

Urinas, sua acção descolorante so-
bre a tintura de iodo. 52.

Uso das folhas do pinho. 121.

Uso do acido hydrochlorico na pre-
paração cremor tartaro. 69.

V

Vibora (liquido contra a mordedura
da). 122.

Vidro solúvel (sobre a data da in-
venção do). 139.

Vinho de coalho, como succedaneo
da pepsina. 233.

Vinho diuretico do Hôtel-Dieu.
64.

Vinho tinto (meio de reconhecer a
cór artificial do). 232.

X

Xarope contra a ronqueira. 181.

Xarope de chlorureto de sodio no
tratamento da tísica. 42.

Xarope de phillandrio e belladonna.
43.

Xarope de pepsina. 22 e 123.

Xarope de sulphato de magnesia.
42.

Z

Zinkatylo (preparação do). 185.

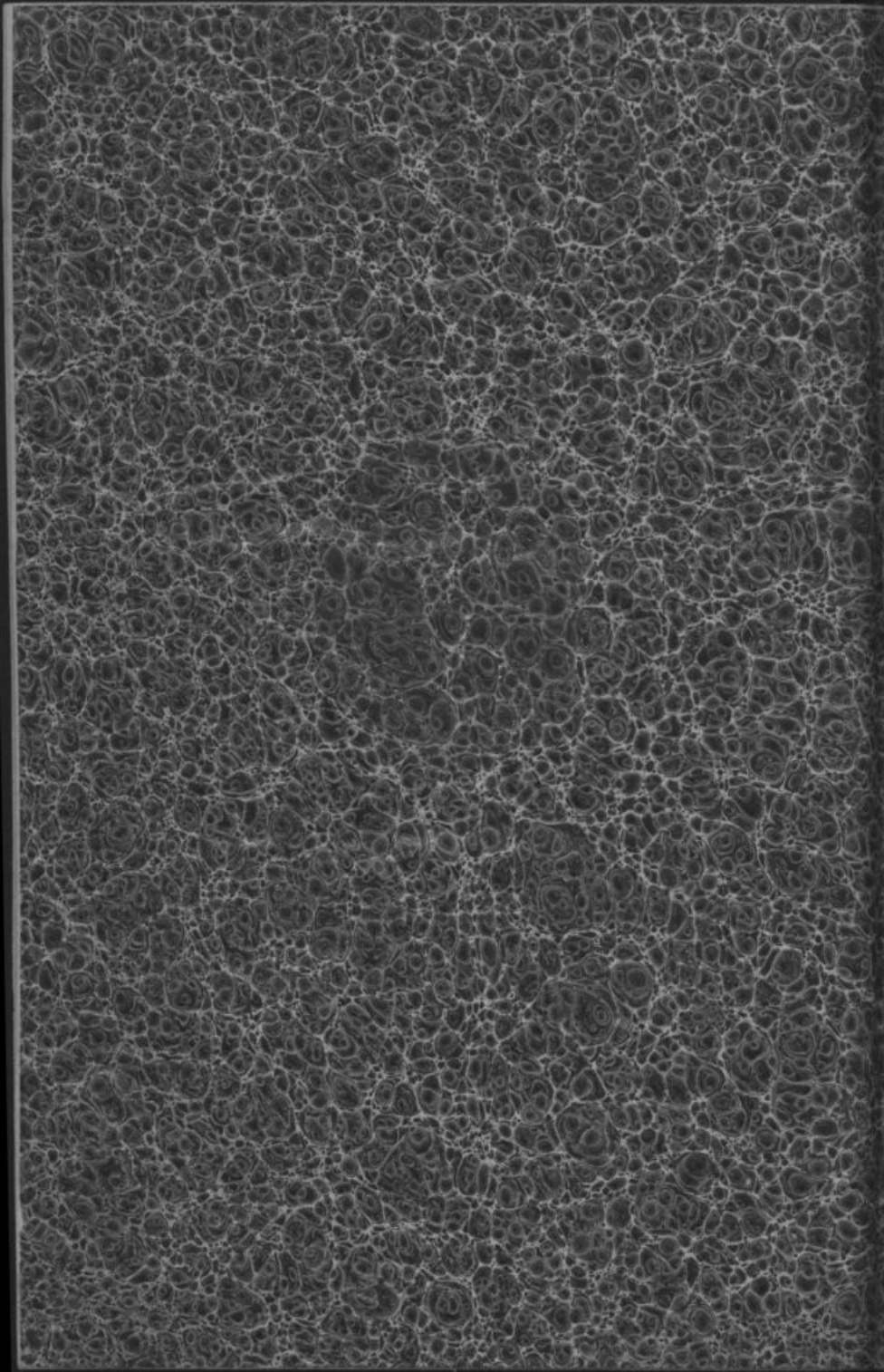


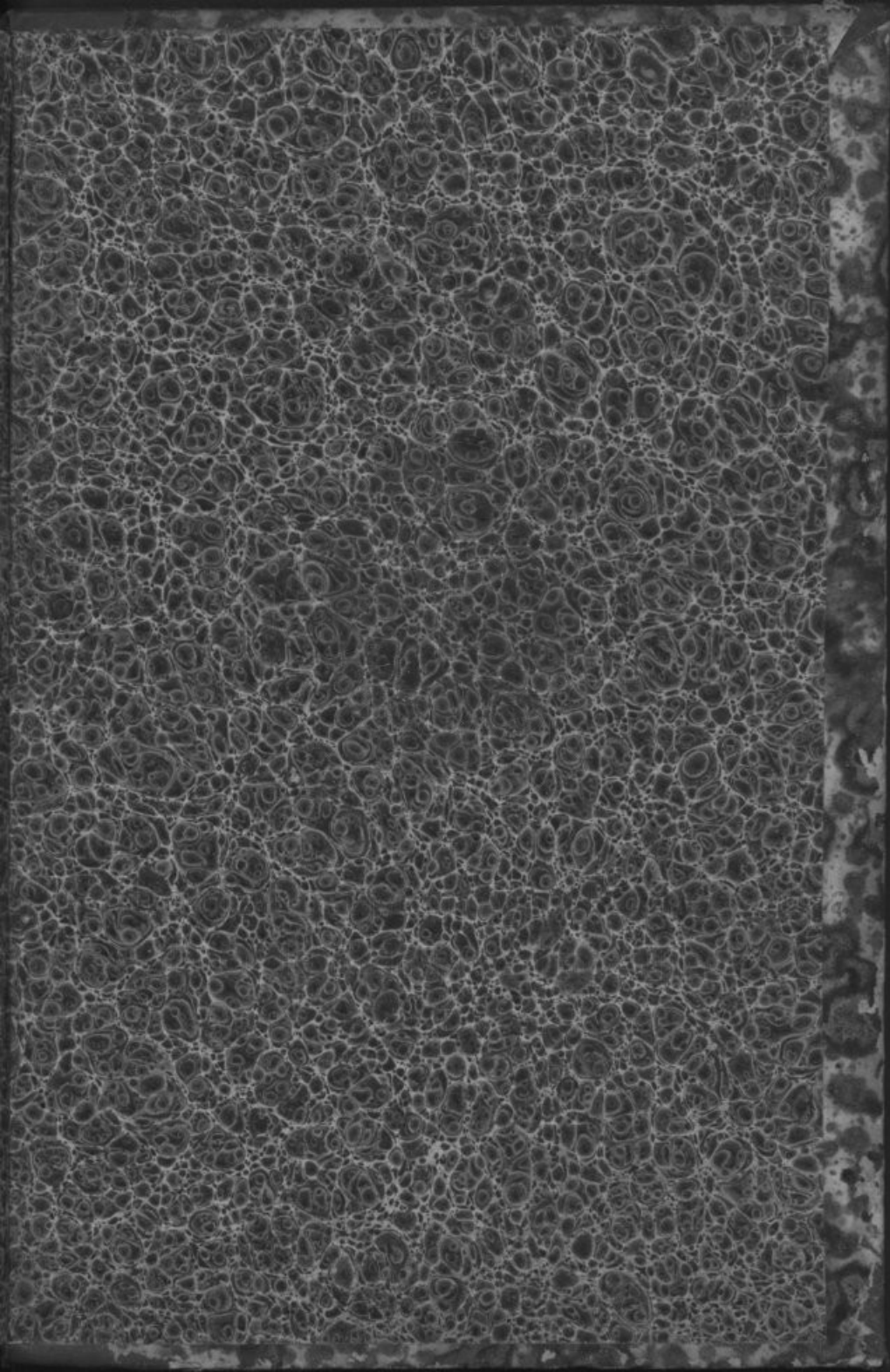
Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

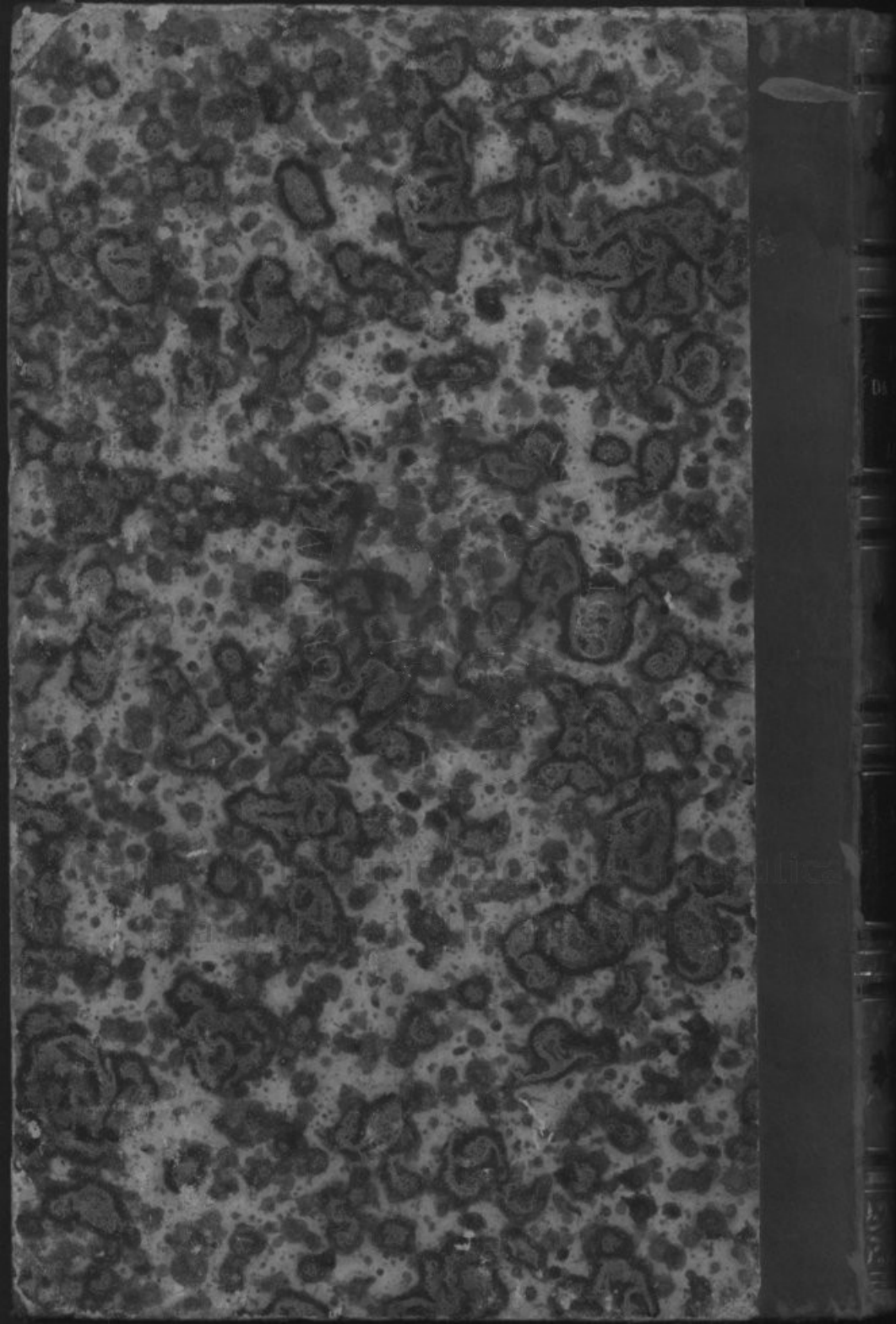
Adfpa
mo-0



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos









JORNAL

DA SOCIEDADE

PHARM.

LUSITANA



1835

4. SERIE

4-5

